



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL  
CAMPUS CHAPECÓ  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICO  
CURSO DE MESTRADO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS**

**MUNICK MARIA HASSELSTRON**

**LÍNGUAS DE IMIGRAÇÃO EM CONTATO COM O PORTUGUÊS NO OESTE  
CATARINENSE: CRENÇAS E ATITUDES LINGÜÍSTICAS**

**CHAPECÓ - SC  
2018**

**MUNICK MARIA HASSELSTRON**

**LÍNGUAS DE IMIGRAÇÃO EM CONTATO COM O PORTUGUÊS NO OESTE  
CATARINENSE: CRENÇAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS como requisito para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos sob a orientação da Prof<sup>a</sup> Dra. Cristiane Horst.

**CHAPECÓ - SC  
2018**

## UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL

Rua General Osório, 413D  
CEP: 89802-210  
Caixa Postal 181  
Bairro Jardim Itália  
Chapecó - SC  
Brasil

### PROGRAD/DBIB - Divisão de Bibliotecas

Hasselstron, Munick Maria  
LÍNGUAS DE IMIGRAÇÃO EM CONTATO COM O PORTUGUÊS NO  
OESTE CATARINENSE: CRENÇAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS /  
Munick Maria Hasselstron. -- 2018.  
146 f.

Orientadora: Cristiane Horst.  
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da  
Fronteira Sul, Programa de Pós-Graduação em Mestrado em  
Estudos Linguísticos - PPGEL, Chapecó, SC, 2018.

1. línguas em contato. 2. crenças e atitudes  
linguísticas. I. Horst, Cristiane, orient. II.  
Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.

Elaborada pelo sistema de Geração Automática de Ficha de Identificação da Obra pela UFFS  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

**MUNICK MARIA HASSELSTRON**

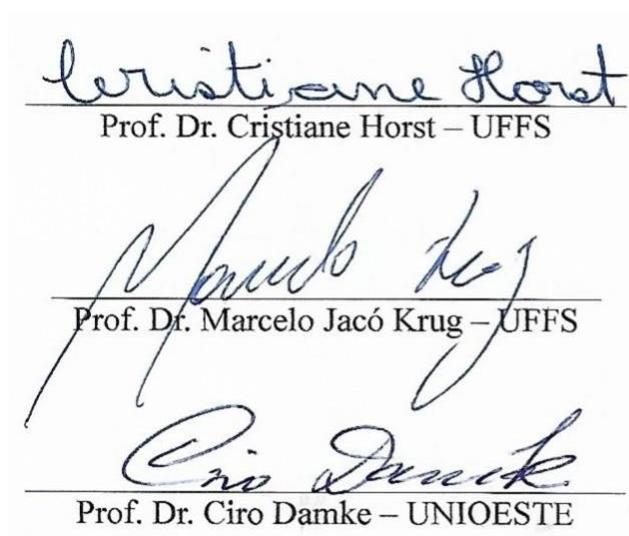
**LÍNGUAS DE IMIGRAÇÃO EM CONTATO COM O PORTUGUÊS NO OESTE  
CATARINENSE: CRENÇAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS. Para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos, defendido em banca examinadora em 12/03/2018.

Orientador (a): Prof. Dra. Cristiane Horst

Aprovado em: 12/03/2018

BANCA EXAMINADORA



*Cristiane Horst*  
Prof. Dr. Cristiane Horst – UFFS

*Marcelo Jacó Krug*  
Prof. Dr. Marcelo Jacó Krug – UFFS

*Ciro Damke*  
Prof. Dr. Ciro Damke – UNIOESTE

Chapecó/SC, março de 2018.

## AGRADECIMENTOS

Escrever os agradecimentos é, além de gratificante, um momento de reflexão e alívio. Reflexão pois é nesse momento que paro para avaliar todo o processo vivido em dois intensos anos. Concluir o mestrado não é sem consequências, pois terá grande influência nos passos que darei de agora em diante. Foi um período de privações e de provações, o qual marcou minha vida para sempre.

Mesmo tendo certeza que não há palavras que expressam com exatidão a sensação de concluir esta etapa, acredito que **realização** resume um pouco de tudo. Cito aqui três fatores essenciais: FÉ, PRESISTÊNCIA E PACIÊNCIA.

A elaboração deste estudo não teria sido possível sem a colaboração, estímulo e empenho de diversas pessoas. Gostaria de expressar minha gratidão a todos aqueles que, direta ou indiretamente, contribuíram para que este sonho se tornasse realidade.

**DEUS** – Me dá forças e coragem para viver as batalhas da vida!

**FAMÍLIA** – São minha base, meu ponto de equilíbrio entre a loucura e a sanidade. São tudo para mim, por isso dedico a eles esta pesquisa. Em especial minha mãe, Dona Adali, que sempre esteve junto, preocupou-se comigo em todas as etapas e manteve sempre a cuia preparada! Meu pai, Nilso, pelos puxões de orelha quando o estresse era muito e ao meu irmão, Aramis, pelo apoio tecnológico! Amo vocês!

**AMOR** – O que seria de nós sem alguém para dividir a vida? No meio do percurso, Deus me presenteou com uma pessoa maravilhosa, que me apoia, aconselha e faz enxergar as coisas da melhor forma. Obrigada pela paciência e dedicação!

**AMIGOS** – Foram de extrema importância, pois dividimos as angústias, as alegrias e sem eles não teria sido tão marcante e divertido, com certeza a vivência não seria a mesma! Nosso grupo homenagia, em especial, a diversidade linguística: “Crendio Rendio!”

Por isso Michele, Tati, Luiz e Lucélia obrigado por cada palavra, brincadeira e momentos compartilhados.

Agradeço de forma especial, também, a minha colega e agora, com certeza, amiga Simone Raquela Bernieri. Vivemos intensamente várias etapas e pudemos aprender muito juntas.

Obrigada pela troca de experiências, dados e conforto. Você foi fundamental para o essencial, que é o sucesso do estudo.

**PROFESSORES** – Todos foram especialmente importantes, porém há aqueles que se destacaram nesta jornada. Meu sincero agradecimento à Prof<sup>a</sup>. Dra. MaryNeiva Surdi da Luz, coordenadora do programa neste período e também ao Prof<sup>o</sup>. Dr. Marcelo Jacó Krug, que além de mestre e participante da banca avaliadora, foi amigo e colaborou de muitas formas durante a realização da pesquisa. Por último, mas a mais importante, minha orientadora, Prof<sup>a</sup>. Dra. Cristiane Horst. Com você aprendi muito, não só conteúdos linguísticos, mas lições de vida, cidadania e honestidade. Obrigada por compartilhar com seus alunos um pouco de tudo que sabe.

Por fim, gostaria de mencionar todos os envolvidos com o PPGEL – Programa de Pós Graduação da UFFS campus Chapecó, pois, mesmo nos detalhes, se fizeram presentes.

“Dar o exemplo não é a melhor maneira de influenciar os outros. É a única.”

(Albert Schweitzer)

## RESUMO

Esta pesquisa de dissertação pretende relacionar as crenças e as atitudes linguísticas de bilíngues polono-brasileiros, ítalo-brasileiros e teuto-brasileiros e, para verificar semelhanças e diferenças em suas percepções e convicções sobre sua respectiva língua minoritária. As crenças sobre a língua são observadas com base em respostas dadas a um questionário metalinguístico e as atitudes linguísticas através do uso real da língua, a partir dos termos de parentesco (sanguíneo, de aliança e espiritual), visando perceber qual das etnias mantém mais a língua minoritária. A pesquisa acontece em contextos bilíngues em três localidades pertencentes ao estado de Santa Catarina: Nova Erechim (*Pol.-Pt.-RS*), Chapecó (*Tal.-Pt.-RS*) e São Carlos (*Hr.-Pt.-RS*). Os primeiros colonizadores dos três pontos de pesquisa chegaram, respectivamente, por volta de 1952, 1931 e 1927. A grande maioria dos colonos provinha das antigas colônias do Rio Grande do Sul, gaúchos descendentes de imigrantes poloneses, italianos e alemães. Esta pesquisa torna-se relevante, visto que trata de variedades de imigração em contato, estudo indispensável para o futuro desenvolvimento de políticas linguísticas. O estudo está embasado na Dialectologia Pluridimensional e Relacional (Thun, 1996, 1998, 2005, 2010), que contempla o espaço variacional em diferentes dimensões. A coleta dos dados e a escolha dos informantes parte do modelo em cruz, desenvolvido por Thun (1996). Assim, esta pesquisa considera as seguintes dimensões: diatópica (Nova Erechim, Chapecó e São Carlos), diageracional (GI [de 18 a 36 anos] e GII [55 anos ou mais]), diassexual (masculino e feminino), diastrática (Ca [com graduação completa ou incompleta] e Cb [nenhuma escolaridade até o ensino médio]) e dialingual (polonês, *talian*, e *Hunsrückisch* em contato com o português-rio grandense). A pesquisa, assim como os questionários utilizados para a coleta de dados, tanto sobre crenças quanto o questionário lexical sobre termos de parentesco, faz parte do projeto Atlas das Línguas em Contato na Fronteira – Oeste Catarinense (ALCF-OC). Também são utilizados dados do Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata – *Hunsrückisch* (ALMA-H). A análise dos dados da pesquisa leva-nos a constatar que, nos pontos pesquisados, a língua minoritária é mantida mais pela etnia alemã, na Cb e na GII. Em São Carlos, localidade teuto-brasileira, a língua alemã ainda é usada em alguns contextos sociais, além do familiar, enquanto que em Nova Erechim e em Chapecó, as respectivas variedades de imigração, quando utilizadas, restringem-se ao contato familiar. Os informantes, no geral, manifestaram crenças positivas em relação às suas línguas de imigração, mas estão cientes do pouco uso da mesma, fato perceptível nas atitudes linguísticas.

Palavras-chave: Crenças e atitudes linguísticas. Línguas de imigração. Línguas em contato. Dialectologia pluridimensional e relacional.

## ABSTRACT

This dissertation research aims to relate the linguistic beliefs and attitudes of Polish-Brazilian, Italian-Brazilian and German-Brazilian bilinguals to verify similarities and differences in their perceptions and beliefs about their respective minority language. The beliefs about the language are observed based on the answers given to a metalinguistic questionnaire and the linguistic attitudes through the real use of the language, from the kinship terms (sanguineous, alliance and spiritual), aiming to perceive which of the ethnic groups maintain more the minority language. The research is carried out in bilingual contexts in three localities belonging to the state of Santa Catarina: Nova Erechim (*Pol.-Pt.-RS*), Chapecó (*Tal.-Pt.-RS*) and São Carlos (*Hr.- Pt.-RS*). The first settlers of the three points of the research arrived, respectively, around 1952, 1931 and 1927. Most of the colonists came from the older Rio Grande do Sul colonies, gauchos descendant of Polish, Italian and German immigrants. This research becomes relevant as it deals with minority immigration languages in contact, an indispensable study for the future development of linguistic policies. The study is based on Multidimensional and Relational Dialectology (Thun, 1996, 1998, 2005, 2010), which contemplates the variational space in different dimensions. The data collection and the informants choice is based on the cross model developed by Thun (1996). Thus, this research considers the following dimensions: diatopic (Nova Erechim, Chapecó and São Carlos), diageracional (GI [from 18 to 36 years] and GII [55 years or more]), diassexual (male and female), diastratic (with full or incomplete graduation) and Cb [no schooling until high school] and dialingual (Polish, *Talian*, and *Hunsrückisch* in contact with Portuguese-Rio Grandense). The research, as well as the questionnaires used to collect data, on both beliefs and the lexical questionnaire on kinship terms, is part of the Atlas of Languages in Contact at the Border - West Catarinense (ALCF-OC) project. Data from the German Minority Linguistic-Contactual Atlas in Bacia do Prata-*Hunsrückisch* (ALMA-H) are also used. The analysis of the research data leads us to verify that, in the points researched, the immigration variety is maintained more by the German ethnic group and by the Cb and the GII. In São Carlos, a German-Brazilian locality, the German language is still used in some social contexts, in addition to the familiar, whereas in Nova Erechim and in Chapecó, the respective immigration varieties, if used, they are restricted to the family contact. Informants, in general, have expressed positive beliefs about their immigration languages, but they are aware of their low usage, a fact that is noticeable in the language attitudes.

Keywords: Linguistic beliefs and attitudes. Immigration languages. Languages in contact. Multidimensional and relational dialectology.

## LISTA DE SIGLAS

ALCF: Atlas das Línguas em Contato na Fronteira

ALCF-OC: Atlas das Línguas em Contato na Fronteira: Oeste Catarinense

ALMA-H: Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata –  
*Hunsrückisch*

Ca: Classe alta

Cb: Classe baixa

F.: Feminino

M.: Masculino

GI: Geração I

GII: Geração II

Pt.-RS: Português rio-grandense

Pol.: Polonês

Hr.: *Hunsrückisch*

It.: Italiano

## LISTA DE GRÁFICOS

- Gráfico 1: Dados da aplicação dos termos de parentesco obtidos nas variedades polonês em Nova Erechim, *talian* em Chapecó e *Hunsrückisch* em São Carlos pela dimensão diastrática.....87
- Gráfico 2: Dados da aplicação dos termos de parentesco obtidos em Português em Nova Erechim, Chapecó e São Carlos pela dimensão diastrática.....87
- Gráfico 3: Dados da aplicação dos termos de parentesco obtidos nas variedades polonês em Nova Erechim, *talian* em Chapecó e *Hunsrückisch* em São Carlos pela dimensão diageracional.....90
- Gráfico 4: Dados da aplicação dos termos de parentesco obtidos em Português em Nova Erechim, Chapecó e São Carlos pela dimensão diageracional.....90
- Gráfico 5: Dados da aplicação dos termos de parentesco obtidos nas variedades polonês em Nova Erechim, *talian* em Chapecó e *Hunsrückisch* em São Carlos pela dimensão diassexual.....93
- Gráfico 6: Dados da aplicação dos termos de parentesco obtidos em Português em Nova Erechim, Chapecó e São Carlos pela dimensão diassexual.....93
- Gráfico 7: Dados das aplicações dos termos de parentesco sanguíneo, por aliança e espiritual em *Pol.* e *Pt.-RS* a partir das dimensões diastrática, diageracional, diassexual e dialingual: **Nova Erechim-SC**.....96
- Gráfico 8: Dados das aplicações dos termos de parentesco sanguíneo, por aliança e espiritual em *talian* e *Pt.-RS* a partir das dimensões diastrática, diageracional, diassexual e dialingual: **Chapecó-SC**.....96

Gráfico 9: Dados das aplicações dos termos de parentesco sanguíneo, por aliança e espirítial em *Hunsrückisch* e Pt.-RS a partir das dimensões diastrática, diageracional, diassexual e dialingual: **São Carlos-SC**.....97

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Mapa de Santa Catarina identificando os municípios de Nova Erechim, Chapecó e São Carlos.....	22
Figura 2: Nome das comunidades de Nova Erechim-SC e seus respectivos padroeiros.....	27
Figura 3: Esquema variacional e disciplinas da variação.....	33
Figura 4: Esquema da cruz de Thun.....	35
Figura 5: Distribuição dos informantes nos municípios de Nova Erechim, São Carlos e Chapecó, em Santa Catarina, conforme as dimensões diageracional, diassexual e diastrática.....	54

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Quadro 1: Questões sobre crenças linguísticas (1 a 7) que exigiram respostas objetivas.....	60
Quadro 2: Resultados individuais das questões objetivas (1 a 7) – Crenças linguísticas – Polonês.....	60
Quadro 3: Resultados individuais das questões objetivas (1 a 7) – Crenças linguísticas – <i>talian</i> .....	61
Quadro 4: Resultados individuais das questões objetivas (1 a 7) – Crenças linguísticas – <i>Hunsrückisch</i> .....	63
Quadro 5: Questões sobre crenças linguísticas (8 a 13) que exigiram respostas objetivas: Sim ou Não.....	68
Quadro 6: Resultados individuais das questões objetivas (8 a 13) – Crenças linguísticas – Polonês.....	70
Quadro 7: Resultados individuais das questões objetivas (8 a 13) – Crenças linguísticas- <i>talian</i> .....	74
Quadro 8: Resultados individuais das questões objetivas (8 a 13) – Crenças linguísticas – <i>Hunsrückisch</i> .....	76
Quadro 9: Totais de respostas espontâneas obtidas na aplicação do questionário lexical - Termos de parentesco - Polonês em Nova Erechim-SC.....	84
Quadro 10: Totais de respostas espontâneas obtidas na aplicação do questionário lexical - Termos de parentesco - <i>talian</i> em Chapecó-SC.....	84

Quadro 11: Totais de respostas espontâneas obtidas na aplicação do questionário lexical - Termos de parentesco - <i>Hunsrückisch</i> em São Carlos-SC.....	85
---	----

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	<b>13</b>
<b>2. CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA</b> .....	<b>20</b>
2.1 A DIVERSIDADE LINGUÍSTICA DO BRASIL .....	20
2.2 A COLONIZAÇÃO POLONESA, ITALIANA E ALEMÃ NO OESTE CATARINENSE .....	22
2.3 NOVA ERECHIM E A DESCENDÊNCIA POLONESA .....	25
2.4 CHAPECÓ E A DESCENDÊNCIA ITALIANA .....	27
2.5 SÃO CARLOS E A DESCENDÊNCIA ALEMÃ .....	29
<b>3. REFERENCIAL TEÓRICO</b> .....	<b>31</b>
3.1 DIALETOLOGIA PLURIDIMENSIONAL E RELACIONAL .....	31
3.2 LÍNGUA, DIALETO OU VARIEDADE? .....	36
3.3 LÍNGUA MATERNA OU LÍNGUA NACIONAL? .....	37
3.4 IDENTIDADE LINGUÍSTICA .....	38
3.5 CRENÇAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS .....	41
3.6 CONTATOS LINGUÍSTICOS .....	43
<b>3.6.1 Bilinguismo</b> .....	44
<b>3.6.2 Manutenção e Substituição Linguística</b> .....	46
3.7 TERMOS DE PARENTESCO .....	48
<b>4. METODOLOGIA</b> .....	<b>52</b>
4.1 DIMENSÕES ANALISADAS .....	52
4.2 DESCRIÇÃO DOS PONTOS .....	52
4.3 SELEÇÃO DOS INFORMANTES .....	53
4.4 COLETA DE DADOS .....	54
4.5 TRANSCRIÇÃO E SISTEMATIZAÇÃO DOS DADOS .....	56
<b>5. ANÁLISE DE DADOS</b> .....	<b>58</b>
5.1 CRENÇAS LINGUÍSTICAS .....	60
<b>5.1.1 Crenças linguísticas: polono-brasileiros em Nova Erechim-SC</b> .....	61
<b>5.1.2 Crenças linguísticas: ítalo-brasileiros em Chapecó-SC</b> .....	68
<b>5.1.3 Crenças linguísticas: teuto-brasileiros em São Carlos-SC</b> .....	74
<b>5.1.4 Comparação entre as respostas metalinguísticas obtidas nas três línguas/localidades</b> .....	81
5.2 ATITUDES LINGUÍSTICAS .....	83
<b>5.2.1 Dimensão diastrática – Ca e Cb</b> .....	87
<b>5.2.2 Dimensão diageracional – GI e GII</b> .....	90
<b>5.2.3 Dimensão diassexual – M e F</b> .....	93
<b>5.2.4 Comparação entre as respostas obtidas nas três línguas/localidades pelo questionário lexical a partir das dimensões diastrática, diageracional, diassexual e dialingual</b> .....	95
5.3 RELAÇÃO ENTRE CRENÇAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS .....	98
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>104</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>108</b>
<b>ANEXOS</b> .....	<b>114</b>

## 1. INTRODUÇÃO

É fato que o Brasil nunca foi um país monolíngue, pois o português conviveu e ainda convive com muitas outras línguas. Segundo Raso, Melo e Altenhofen (2011, p. 13), o cenário linguístico brasileiro apresentou-se ainda mais diversificado pela influência de “outras línguas que se fizeram presentes no Brasil desde as primeiras décadas depois do descobrimento. [...] a partir da metade do século XIX, milhões de imigrantes, principalmente falantes de alemão, polônês, italiano e espanhol”, além dos portugueses, se instalaram no território brasileiro. Na região sul do país - Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul - além de brasileiros (caboclos) e indígenas, concentraram-se muitas comunidades de imigrantes e descendentes de imigrantes, principalmente alemães, italianos e poloneses, o que torna estes espaços multilíngues e multiculturais.

O contato entre pessoas que usam línguas<sup>1</sup> diferentes em seu cotidiano é a principal causa para o bilinguismo/multilinguismo. As variedades do alemão, italiano, polônês e línguas indígenas, faladas por esses grupos, em contato com a língua nacional e de prestígio, o português, disputam um espaço na sociedade. Segundo Ferraz (2007), nos contextos multilíngues, onde há mais de uma língua no mesmo território, normalmente há o predomínio de uma variedade em relação à outra.

Em situações de contato linguístico existem atitudes a favor ou em desfavor das variedades envolvidas. Desta forma, a realidade linguístico-cultural de um território é filtrada pelas crenças e atitudes linguísticas dos falantes. Esta pesquisa parte do pressuposto de que todo estudo sobre crenças e atitudes linguísticas infere questões de valorização, manutenção ou substituição de uma variedade.

A relação entre crenças linguísticas e a escolha da língua é mediada pelas variáveis do contexto social, condições sob as quais um fenômeno ocorre. Segundo Lambert e Lambert (1966), a atitude é um complexo composto por três componentes: pensamentos e crenças, sentimentos ou emoções e tendências de reação. Lasagabaster (2004 apud Kaufmann, 2011)<sup>2</sup> acrescenta que as atitudes não estão isoladas do social, pois as pessoas tendem a ajustar suas atitudes para se adequarem aos grupos sociais a que se vinculam.

A língua permite a identificação de um falante como membro de algum grupo. O falante se comporta linguisticamente de formas diferentes de acordo com sua identificação com um grupo (étnico) ou com as normas sociais. “O modo como os falantes concebem o outro em seu cotidiano

---

<sup>1</sup> Compreendem-se como língua todas as variedades e dialetos regionais.

<sup>2</sup> LASAGABASTER, David. Attitude. In: AMMON, Ulrich et al. (Ed). **Sociolinguistics: An International Handbook of the Science of Language and Society**. 2. ed. Berlin/New York: De Gruyter, 2004. P. 399-405. v. 1.

pode ser percebido, por exemplo, por meio de fenômenos da variação linguística, contanto em que se percebe, por meio da fala, como são externadas ações e “representações” sociais e culturais da comunidade”. (BUSSE; SELLA, 2012, p. 78 e 79). Dessa forma, o preconceito linguístico, fator social determinante, pode ser detectado por meio de pesquisas em crenças e atitudes linguísticas e, posteriormente, os dados utilizados para desmistificar clichês como “falar assim é errado”.

Pesquisas direcionadas ao estudo das minorias linguísticas ainda são recentes. Dessa forma, essa pesquisa vem a contribuir com a visibilidade dessas línguas que são desprestigiadas socialmente.

No oeste catarinense, as variedades que se destacam são o polonês, o *talian*<sup>3</sup>, variedades do alemão, como o *Hochdeutsch* e o *Hunsrückisch*<sup>4</sup> e também as línguas indígenas. Essas são as línguas de imigração, em contato com o português rio-grandense (definição acentuada por Altenhofen (2008), Horst e Krug (2012) e Klein e Horst (2015)), abordadas nesta pesquisa.

Nosso estudo concentra-se no oeste catarinense, respectivamente nas cidades de Nova Erechim, Chapecó e São Carlos. A existência de uma colônia de polono-brasileiros, em Nova Erechim-SC, permite o convívio entre a língua polonesa e a língua portuguesa. Em Chapecó-SC há uma comunidade de ítalo-brasileiros, portanto convivem o português e o *talian*. Em São Carlos-SC, colonizada por teuto-brasileiros, analisaremos o contato entre o *Hunsrückisch* e o português.

Destacamos a ciência de que há, entre os municípios de São Carlos (10.291 habitantes) e Nova Erechim (4.275 habitantes), em relação à Chapecó (210.000 habitantes), uma grande diferença populacional. Contudo, conforme justifica-se durante o estudo, essa diferença acaba não sendo significativa, pois Chapecó-SC, com todas as suas características escritas no item 2.4, convive com grande fluxo de pessoas o que ocasiona, conseqüentemente, intensa miscigenação cultural e linguística. Então, mesmo a localidade sendo populacionalmente maior que Nova Erechim-SC e São Carlos-SC, a representatividade de falantes da língua minoritária acaba sendo inferior aos demais locais. Vale ressaltar que, para encontrarmos os informantes que se encaixassem nos critérios da pesquisa, em Chapecó-SC, precisamos mesclarar entre moradores das áreas urbana e rural, sendo, respectivamente, 4 informantes de cada área.

---

<sup>3</sup> De acordo com Margotti (2004), “o contato de diferentes dialetos italianos no Sul do Brasil deu origem a um modo de falar característicos e bastante peculiar, conhecido como *talian*, ou *coiné veneta* (italiano brasileiro)”.

<sup>4</sup> Altenhofen (1996, p. 27 apud Altenhofen, 2004, p. 139) conceitua o *Hunsrückisch* como “uma variedade suprarregional do alemão falado no sul do Brasil que tem por base um contínuo dialetal formado essencialmente pelo francônio-renano e pelo francônio-moselano, originários de áreas situadas na Renânia Central, e que recebem, no novo meio, uma forte influência do português e de outras variedades em contato.”

Conforme Altenhofen (2004), os imigrantes europeus começaram a chegar ao extremo sul do Brasil a partir do século XIX: alemães, em 1824; italianos, em 1875 e poloneses, em 1891. Mas, sempre houve, desde o Império, preocupações com a adoção do português como língua oficial. Para isso, devido à intensa colonização, o governo criou o assentamento de colônias mistas. O objetivo era misturar as línguas, dificultando a comunicação e forçando o uso do português como língua comum.

Em 1938, o Estado Novo de Getúlio Vargas fechou escolas e proibiu o uso de línguas de imigrantes, principalmente o alemão e o italiano, bem como o polonês. Resquícios dessa política nacionalista exercem grande influência, até hoje, sobre as línguas de imigração.

A partir de Altenhofen (2004), infere-se que, devido à falta de políticas linguísticas de valorização das línguas de imigração e o descrédito que a sociedade impõe sobre elas, o apagamento e até mesmo a morte de algumas variedades fazem parte do cenário linguístico brasileiro. No oeste catarinense, as culturas polonesa, italiana e alemã ainda são bastante fortes, com festas e atividades típicas, porém o uso das respectivas línguas de imigração se limita, quase sempre, ao contexto familiar, conforme apontam as pesquisas realizadas por Bortolotto (2015), Wolschick (2016), Wehrmann (2016), Wepik (2017), entre outros.

Ressaltamos a importância deste estudo, visto que, conforme Altenhofen (2004), os falantes de variedades minoritárias, muitas vezes, escondem essa língua devido à estigmatização negativa que as cerca, uma história de desvalorização social que começou desde o início da imigração europeia, por volta de 1824, com a chegada dos alemães ao Brasil. Pensar e discutir sobre as línguas autóctones e alóctones (índigenas e de imigração) que coexistem na sociedade juntamente com a língua nacional, o português, é necessário para dar visibilidade a elas.

Pensando nessa contextualização, supõe-se que há semelhanças e diferenças nas crenças e atitudes linguísticas desses falantes. Surge então a seguinte questão: **Como as diferenças interculturais afetam as crenças e atitudes linguísticas de descendentes de imigrantes poloneses, italianos e alemães que vivem em Nova Erechim, Chapecó e São Carlos, no oeste catarinense?**

Dessa forma, tem-se como **objetivo geral** comparar as crenças linguísticas, a partir das percepções dos descendentes em relação a sua língua de imigração, e as atitudes linguísticas, a partir do uso dos termos de parentesco, de bilíngues polono-brasileiros, ítalo-brasileiros e teuto-brasileiros, nos municípios de Nova Erechim, Chapecó e São Carlos, no oeste catarinense.

As atitudes são identificadas através do uso dos termos de parentesco, que estão divididos em: parentesco sanguíneo, por aliança e espiritual. Os termos de parentesco sanguíneo descendem

da mesma árvore genealógica e, de acordo com Geckeler (1973, apud Horst, 2011)<sup>5</sup> são: pai, mãe, irmão, irmã, neto, neta, avô, avó, tio, tia, primo, prima, sobrinho, sobrinha, bisneto, bisneta, bisavô e bisavó. Também pode-se ter padrasto, madrastra, enteado e enteada. Os termos de parentesco por aliança surgem a partir do casamento e são: marido, mulher, sogro, sogra, cunhado, cunhada, genro, nora. Já o parentesco espiritual, segundo Goldschmidt (2004), se dá a partir do batismo e da confirmação, originando os termos: padrinhos, madrinhas, afilhados e compadres.

Algumas pesquisas que abordaram crenças e atitudes linguísticas, e que também serviram como base de dados para esta pesquisa, foram realizadas por Horst (2011) abordando o contato *Hunsrückisch*-português, Bortolotto (2015) abordando o contato *talian*-português e Wepik (2017) com o contato polonês-português, entre outros estudos, como os de Krug (2011), Horst e Krug (2012), Horst, A. (2014), Wehrmann (2016), Krug, Horst e Wepik (2016), Krug e Horst (2016), Funckler, Horst e Krug (2017), entre outros. Ressalto que estes estudos não objetivaram a comparação entre línguas diferentes, e sim entre diferentes comunidades de fala com a mesma língua, assim, nossa pesquisa torna-se inovadora.

A partir do objetivo geral, temos os seguintes **objetivos específicos**, que procuram analisar as crenças e atitudes linguísticas em relação às variedades de imigração *talian*, *Hunsrückisch* e polonês através das dimensões: **diastrática** (classe social), **diageracional** (faixa etária), **diassexual** (gênero) e **dialingual** (diferentes línguas). Eles estão assim dispostos e relacionados às hipóteses:

	<b>Objetivo Específico</b>	<b>Hipótese</b>
<b>1</b>	Perceber qual a influência da escolaridade (Cb - até o Ensino Médio e Ca - Ensino Superior, completo ou incompleto) na percepção dos falantes sobre sua língua – <b>dimensão diastrática</b> ;	Tem-se a hipótese de que os falantes Ca (mais escolaridade) usam mais o português que os Cb (menos escolaridade), os quais prestigiam mais a língua minoritária e atribuem a ela sua identidade. As pessoas com maior escolarização, segundo Labov (2010), tendem a aproximar a fala da variedade padrão.
<b>2</b>	Inferir, pela <b>dimensão diageracional</b> , se há mudança no comportamento linguístico entre as gerações (GI – 18 a 36 anos e GII – acima de 55 anos);	Acredita-se que a GII (acima de 55 anos) utiliza e valoriza mais a língua minoritária do que a GI (18 a 36 anos), pois esta é sua língua materna e esteve mais presente em sua vida. Isso deve-se ao fato de que os informantes da GII nasceram em um período em que muitos de seus pais falavam somente a variedade do italiano, do alemão ou do polonês em casa e porque os avós conheciam apenas essa língua. Já os falantes da GI difundem mais o português, tendo pouco domínio da língua minoritária, resultado da Política de

<sup>5</sup> GECKELER, Horst. **Strukturelle Semantik des Französischen**. Tübingen: Max Niemeyer Verlag. 1973.

		<p>Nacionalização, quando o uso das línguas de imigração restringiu-se ao ambiente familiar e os pais passaram a ensinar apenas o português aos filhos. Pesquisas realizadas por Bortolotto (2015), Wolschick (2016), Wepik (2017), entre outras, comprovam essa hipótese.</p> <p>Embasados em Margotti (2004), sabemos que tanto falantes jovens como velhos tendem a reproduzir o estado de língua adquirido no início da vida até a adolescência e tendem a não mudar depois disso. Desta forma, a utilização e valorização de uma língua ou outra depende do histórico familiar e também do prestígio de cada uma das línguas.</p>
3	<p>Verificar se há diferença nas crenças e atitudes linguísticas de homens e mulheres, de acordo com a <b>dimensão diasssexual</b>;</p>	<p>Acredita-se que não haja diferenças significativas entre homens e mulheres. Pesquisas realizadas por Horst (2011) e Horst e Krug (2012) obtiveram este resultado. Contudo, as mulheres tendem a utilizar mais a variedade de prestígio, nesse caso o português, do que os homens, segundo Chambers e Trudgill (2004). Labov (2010) compartilha a mesma ideia ao afirmar que a mulher é mais sensível aos padrões de prestígio e se autocorrigue nitidamente. Por outro lado, conforme Altenhofen (2002), elas também são as responsáveis pela manutenção da língua minoritária, pois transmitem-na aos filhos. Isso deve ficar mais nítido em mulheres da CbGII, que eram, a maioria, responsáveis pelas atividades domésticas, cuidado com os filhos e mantinham menos contatos.</p>
4	<p>Investigar, conforme a <b>dimensão dialingual</b> (polonês, <i>talian</i> e <i>Hunsrückisch</i> em contato com português rio-grandense), a partir dos uso dos termos de parentesco, qual das etnias mantém mais sua respectiva língua minoritária;</p>	<p>Com base nas pesquisas já realizadas com foco nas variedades de imigração, por exemplo, Bortolotto (2015), Wolschick (2016) e Wepik (2017), infere-se que as línguas têm prestígios diferentes. Supõe-se que a etnia alemã prestigia mais a sua língua, o <i>Hunsrückisch</i>, e fomenta mais essa variedade, utilizando mais os termos de parentesco. Conforme Altenhofen (2011), as variáveis, tempo (idade das localidades); origem dos imigrantes; suporte institucional (ensino da língua alemã) e diversidade étnica, exercem uma grande influência na variação linguística.</p>
5	<p><b>Comparar</b> as crenças e atitudes linguísticas de polono-brasileiros, ítalo-brasileiros e teuto-brasileiros para identificar convergências e divergências.</p>	<p>Sustentamos que não haverá grandes divergências entre as crenças e atitudes linguísticas dos falantes de diferentes variedades de imigração (polonês, <i>talian</i> e <i>Hunsrückisch</i>), de acordo com as dimensões extralinguísticas analisadas. Os estudos empíricos em geral, sobre comportamento linguístico em contextos multilíngues, como os realizados pelos pesquisadores do ALCF-OC, com foco nas variedades de imigração e os contatos linguísticos no sul do Brasil, embasam</p>

		esta hipótese. Alguns exemplos são as pesquisas de Horst (2014) e Krug, Horst e Wepik (2016). Isso deve-se ao fato de as variedades de imigração citadas a cima serem estigmatizadas, devido ao modo como a sociedade as vê, como erradas e sem prestígio, afetando a relação dos falantes com a língua.
--	--	--

Para atingir os objetivos da presente pesquisa, realizou-se a coleta e análise de dados a partir da perspectiva da Dialetoologia Pluridimensional e Relacional de Thun (1996, 1998, 2005, 2010). A pesquisa está inserida no projeto *Atlas das Línguas em Contato na Fronteira: Oeste Catarinense (ALCF-OC)*, que por sua vez, está vinculado ao projeto maior *Atlas das Línguas em Contato na Fronteira (ALCF)*, com aprovação no Comitê de Ética em Pesquisas (CEP) sob o número do Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) 20380713.2.0000.5564.

Além das novas coletas, foram utilizados dados do banco do projeto ALCF-OC, já coletados em pesquisas anteriores. Em São Carlos-SC foram coletados somente os dados referentes às crenças linguísticas, pois as atitudes, com os termos de parentesco, já haviam sido coletadas pelo projeto Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata - *Hunsrückisch (ALMA-H)*. Portanto, para esta localidade e sua respectiva língua minoritária também são utilizados os dados do banco do ALMA-H.

A **motivação** para a realização desta pesquisa parte da minha sensibilização em relação às línguas. Desde a infância me interessei pelas diferentes maneiras de falar, por isso iniciei cursos de línguas estrangeiras a partir dos dez anos. Tornei-me professora de Língua Portuguesa e Língua Inglesa e, atualmente, trabalho na rede básica de ensino.

Nasci e vivo em Chapecó, cidade rodeada por comunidades fortemente marcadas pelas culturas de imigração polonesa, italiana e alemã, mesmo assim não sou bilíngue em nenhuma das respectivas línguas, mas muitos amigos, da minha faixa etária, são bilíngues passivos (não falam fluentemente, porém compreendem). Atraiu-me muito o fato das famílias não repassarem suas variedades de imigração ensinando-as aos filhos, mesmo afirmando que sentem orgulho e gostariam que seus descendentes as mantivessem em uso. Dessa forma, as variedades de imigração acabam ficando à margem da sociedade.

Meu interesse também volta-se à questão do preconceito com os diferentes falares, que acontece cotidianamente devido a falta de discussão sobre a realidade linguística da nossa região, que carrega no sotaque e no léxico, traços da identidade dos colonizadores, por isso percebo a necessidade de trabalhar a consciência linguística dos alunos.

Assim, cresce uma motivação pessoal para conhecer o que os bilíngues, falantes de variedades de imigração, pensam e como agem em relação a essas línguas. A opção por essas variedades deve-se ao pouco prestígio que elas recebem socialmente, muitas vezes não sendo nem consideradas línguas por se tratar de variedades predominantemente orais e usadas com mais frequência em contexto familiar.

Também, a necessidade de mais estudos linguísticos voltados às variedades de imigração e a necessidade de expandir os que já foram realizados aumentou meu desejo por essa área e tema. Dessa forma, essa pesquisa vem a contribuir para a valorização da cultura e das variedades de imigração, visto que as línguas não representam apenas um código, elas carregam consigo a história e a cultura de um povo, a identidade<sup>6</sup> da população. Então, esta pesquisa é relevante socialmente, pois possibilitará uma intervenção, mesmo que mínima, para a manutenção dessas variedades.

O primeiro capítulo apresenta as considerações iniciais, os objetivos, as hipóteses e situa o leitor a cerca da organização da pesquisa. O segundo capítulo contextualiza a pesquisa, abordando aspectos da situação multilíngue do Brasil e a colonização do oeste catarinense. Na sequência, são destacadas as localidades alvo da pesquisa, Nova Erechim-SC, Chapecó-SC e São Carlos-SC.

O terceiro capítulo embasa teoricamente o estudo, iniciando pelos procedimentos teórico metodológicos da pesquisa, a Dialectologia Pluridimensional e Relacional (Thun 1996, 1998, 2005 e 2010). Após, são abordados os conceitos de língua e dialeto (Coseriu 1982); língua materna ou de imigração (Altenhofen 2002, 2004), crenças e atitudes linguísticas (Vandermeeren 2005, Lambert e Lambert 1966, Kaufmann 2011, Tabouret-Keller 1998, entre outros); contatos linguísticos (Raso, Melo e Altenhofen 2011 e Ferraz 2007) e como esses contatos originam o bilinguismo (Mackey 1972 e Romaine 1995) e a manutenção ou substituição de uma língua (Skutnabb-Kangas & Philipson 1996, Appel & Muysken 2005 e Fishman 2006) e, por último, os termos de parentesco (Ghasarian 1996 e Geckeler 1973 apud Horst, 2011, entre outros).

A metodologia da pesquisa é detalhada no quarto capítulo, apresentando as dimensões analisadas, descrevendo os pontos de pesquisa, como ocorreu a seleção dos informantes, a coleta de dados e como se deu sua transcrição e sistematização. O penúltimo capítulo, que representa a maior parte deste estudo, traz a descrição, a análise e a interpretação dos dados. Por fim, são apresentadas as considerações finais, no sexto capítulo.

---

<sup>6</sup> Pela dinamicidade dos aspectos sociais e a relação que esses estabelecem com a língua é que se constituem as identidades linguísticas. Há ligação estreita entre língua e etnia, as quais, juntamente com outros fatores, compõe a identidade dos sujeitos.

## 2. CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA

Este capítulo subdivide-se em 5 tópicos. O primeiro apresenta um panorama geral sobre a diversidade linguística brasileira. O segundo volta-se a colonização da região oeste de Santa Catarina, com foco nos imigrantes e descendentes de poloneses, italianos e alemães. Os três últimos tópicos apresentam um breve histórico de cada localidade de pesquisa, Nova Erechim-SC, Chapecó-SC e São Carlos-SC, também enfatizando as culturas polonesa, italiana e alemã, existentes respectivamente em cada local.

### 2.1 A DIVERSIDADE LINGUÍSTICA DO BRASIL

O Brasil tem uma imagem distorcida de seu panorama linguístico como um país monolíngue, dominado pelo Português, escondendo sua realidade plurilíngue, pluricultural e pluriétnica. Há também uma diversidade linguística do próprio português brasileiro, pois há uma pluralidade de usos.

De acordo com Ferraz (2007), primeiramente houve uma diversidade de línguas indígenas. Com a colonização, passou a ser falado o português e, com o tráfico de escravos (imigrantes forçados), as línguas africanas. Mais tarde, com as campanhas imigratórias (imigrantes espontâneos), se instalaram as línguas de origem europeia e asiática. Os poloneses, por exemplo, quase todos camponeses, imigraram motivados pela “febre brasileira”.

Ainda segundo a autora, em 1876 surgiu a primeira escola polonesa do Paraná, em Órleans, onde o ensino era apenas em polonês. Até 1937, nas colônias alemãs, todo o ensino se fazia em alemão.

Porém, contrário a realidade linguística e cultural brasileira, segundo Altenhofen (2004), o histórico de políticas linguísticas para as populações de imigrantes alternou entre indiferença e imposição severa de medidas prescritivas e proscritivas em busca do abasileiramento. Os governos da República criaram assentamentos de colônias mistas, para que a convivência de línguas diferentes forçasse o uso do português como língua comum.

Ainda conforme Altenhofen (2004), o auge da repressão ocorreu entre 1937 e 1945, com a Campanha de Nacionalização do ensino no Brasil e a política do Estado Novo (alfabetização e nacionalização das colônias imigrantes), regime ditatorial instaurado por Getúlio Vargas. Com isso foi imposta a aprendizagem e a fala somente em português, o que levou ao fechamento de escolas e a proibição do uso das línguas dos imigrantes, principalmente alemão e italiano. Como

consequência dessa política opressora, não houve desenvolvimento de uma cultura letrada aos falantes das línguas de imigração, as quais sofreram grande perda de prestígio.

Só a partir de 1988, com a enunciação da língua portuguesa como língua oficial da república federativa do Brasil, o português passou a ser a língua obrigatória em todos os documentos e atos oficiais e no ensino de modo geral. Depois disso, as escolas passaram a ensinar as línguas e a história dos dois países.

A substituição da língua de imigrantes pelo português dá-se lentamente, por meio não de leis mas dos mecanismos sociais que ganham impulso com o desenvolvimento dos meios de comunicação de massa, o processo acentuado de urbanização e, conseqüentemente, a penetração maior do português através de elementos exógenos. Esse processo segue até hoje, em ritmo cada vez mais acelerado. (ALTENHOFEN, 2004, p. 84).

Não é possível afirmar com precisão, diante do quadro histórico, o número que línguas que se instalaram no Brasil. Altenhofen (2013) destaca que o número de línguas brasileiras chega a aproximadamente 330, sendo 274 línguas indígenas e cerca de 56 línguas de imigração, porém o número de falantes dessas línguas não ultrapassa 1% da população do país. Isso demonstra que já fomos, no passado, um território muito mais plurilíngue.

Oliveira (2008, p. 9) ressalta que:

A história nos mostra que poderíamos ter sido um país ainda muito mais plurilíngüe, não fossem as repetidas investidas do Estado contra a diversidade cultural e lingüística. Essa mesma História nos mostra, entretanto, que não fomos apenas um país multicultural e plurilíngüe: somos um país pluricultural e multilíngüe, não só pela atual diversidade de línguas faladas no território, mas ainda pela grande diversidade interna da língua portuguesa aqui falada, obscurecida por outro preconceito: o de que o português é uma língua sem dialetos.

Reconhecem-se, deste modo, pelo menos seis tipos de contatos linguístico, no Brasil, apresentados por Altenhofen (2013):

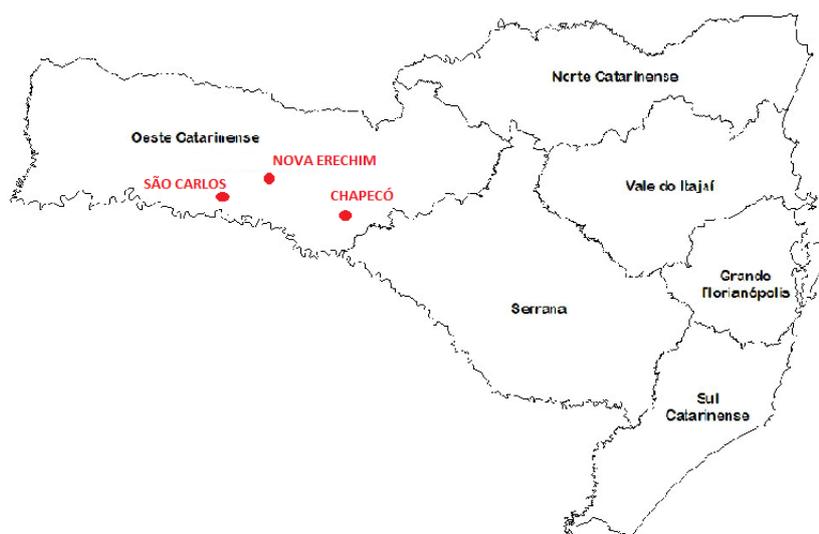
- 1) português e línguas autóctones (indígenas);
- 2) português e línguas afro-brasileiras;
- 3) português e línguas alóctones (de imigração);
- 4) português como língua alóctone em contato com línguas oficiais (p.ex. com o guarani e o espanhol, no Paraguai e no Uruguai);
- 5) português e línguas co-oficiais em contato (p.ex. Tukano' Nheengatu e Baniwa, no município de São Gabriel da Cachoeira, no Alto Rio Negro);
- 6) contatos linguísticos de fronteira com países vizinhos;
- 7) contatos entre falantes de variedades regionais do português.

## 2.2 A COLONIZAÇÃO POLONESA, ITALIANA E ALEMÃ NO OESTE CATARINENSE

Entende-se por oeste catarinense, segundo Radin, Benedet e Milani (2003), a região incorporada ao estado de Santa Catarina, pelo acordo de limites com o Paraná, em 1916, com aproximadamente 28.000 km<sup>2</sup>.

Os municípios de Nova Erechim, Chapecó e São Carlos estão localizados no oeste de Santa Catarina e foram colonizados por descendentes de poloneses, italianos e alemães respectivamente, vindos, na sua maioria, do Rio Grande do Sul ou direto da Europa.

Figura 1: Mapa de Santa Catarina identificando os municípios de Nova Erechim, Chapecó e São Carlos.



Fonte: <http://www.mapasparacolorir.com.br/mapa-estado-santa-catarina.php>, acesso em 26/06/2017, adaptações da pesquisadora.

“Antigamente [...] a região que hoje chamamos de oeste catarinense era conhecida como ‘Xapecó’ [...]” (ARGENTA, 2014 p. 5). As terras eram a maioria em regiões montanhosas e isoladas. “A atuação das companhias colonizadoras na região teve início a partir da definição dos limites entre Paraná (PR) e Santa Catarina (SC) em 1916 e a criação do município de Chapecó em 1917.” (ONGHERO, 2014, p. 14). As terras dessa secção permaneceram abandonadas até meados de 1940.

A história da colonização do município de Chapecó por vezes se confunde com a história da colonização de toda a região oeste catarinense, pois aconteceram quase que simultaneamente. De

acordo com Bellani (1991), na década de 50 o município de Chapecó sofreu desmembramentos, o que reduziu a extensão territorial do “Velho Município de Chapecó”, forma de expressão bastante utilizada pelos antigos moradores. Através da Lei nº 133 de 30 de dezembro, foram criados oito novos municípios. Foram desmembrados do município de Chapecó: São Miguel do Oeste, Itapiranga, Mondaí, Dionísio Cerqueira, Palmitos, São Carlos, Xaxim e Xanxerê.

Conforme Spessatto (2003), a história da imigração italiana para o Brasil começou no final do século XIX. Com a crise na Europa e a Revolução Industrial, grande quantidade de mão de obra foi liberada, tanto no campo quanto nas cidades. A situação do caos social, crise econômica e desemprego, foi um estímulo à emigração.

Os imigrantes italianos chegaram ao Brasil dirigindo-se principalmente às regiões Sul e Sudeste, em um momento de constituição do Estado Republicano, quando existia uma forte preocupação com a imagem nacional, sustentada pela questão da formação do povo. (SPESSATTO, 2003, p. 25).

De acordo com Radin, Benedet e Milani (2003), a participação dos italianos na colonização do oeste foi expressiva, o que gerou conflitos étnicos, pois, na região, predominavam as famílias de luso-brasileiros e caboclos. Os descendentes de italianos migraram, a maioria, das Colônias Velhas do estado vizinho, Rio Grande do Sul, em busca de melhores condições de vida e também pelo fato de o solo riograndense já estar esgotado.

É importante lembrar que os migrantes colonizadores do oeste de Santa Catarina estavam entre os elementos considerados ideais para a ocupação dos espaços vazios do território brasileiro. Por isso, os colonos que compravam as terras na região queriam que elas estivessem limpas, ou seja, sem moradores.

Para a limpeza da terra, os caboclos e os poucos indígenas que ainda viviam foram expulsos, pois eram considerados improdutivos. Esses povos, ou foram sendo empurrados para áreas distantes nas matas, ou foram para as cidades, quando não foram literalmente eliminados. (BAVARESCO 2005, p. 126).

Conforme Spessatto (2003, p. 31), “a vida em família, as reuniões comunitárias e religiosas mantinham os italianos em convívio restrito ao grupo étnico, o que fez com que conservassem os dialetos trazidos no Norte da Itália.”

É importante esclarecer que também tivemos imigrantes que vieram direto para o oeste catarinense, especialmente no caso polonês (Krug, Horst, Wepik (2016) e Wepik (2017)), mas também alemães e italianos que chegaram no final do século passado.

Sobre a emigração dos alemães para o Brasil, num primeiro momento, conforme constatou Werlang (1999), deu-se devido ao atraso em que se encontrava a Alemanha em relação à Revolução Industrial. Mas, em uma segunda fase, foi devido ao excesso populacional e crise econômica. Esse

período coincidiu com o incentivo brasileiro à imigração, com o intuito de substituir a mão de obra escrava.

Os colonos alemães se instalaram, primeiramente, no Rio Grande do Sul. Werlang (1999) sustenta que entre 1830 e 1844 o governo alemão proibiu a emigração para o Brasil e, após a liberação, a procura pelo país foi bastante significativa. Da mesma forma aconteceu com os italianos, que chegaram ao Brasil poucos anos após os alemães e tiveram que dividir território. A principal causa da migração para Santa Catarina foi a falta de terras e também a infertilidade do solo gaúcho.

Por se tratar de uma colonização mista, a organização social da região deu-se prioritariamente pela etnia. Segundo Werlang (2002), para a instalação das famílias no oeste catarinense foi fundamental a construção de igrejas e escolas para a organização das comunidades. Os colonos foram assim distribuídos, por etnia e religião: “teuto-brasileiros católicos, teuto-brasileiros evangélicos e ítalo-brasileiros católicos [...] em regiões distintas. Essa política [...] evitava conflitos e facilitava o acesso da comunidade ao ensino e ao atendimento religioso”. (WERLANG 2002, p. 39).

Desta forma, ainda conforme Werlang (2002), da comunidade de teuto-brasileiros católicos originaram-se os municípios de São Carlos, Pinhalzinho, Saudades e Cunhataí. Da comunidade de teuto-brasileiros evangélicos surgiu o município de Palmitos e os ítalo-brasileiros deram origem ao município de Caibi. Kerbes (2004) afirma que esta divisão ainda está caracterizada nos dias de hoje, pois os municípios de Saudades e São Carlos são basicamente formados por alemães católicos e Caibi por italianos. Já Palmitos é dividido entre alemães luteranos e italianos católicos.

Com relação à chegada dos poloneses, as datas apresentam-se um pouco contraditórias. Gritti (2004) destaca que o ano de 1869 marca o início da imigração para o Brasil, embora já existissem poloneses desde 1824, que vieram com os alemães. Os primeiros imigrantes, chegados em 1869, foram instalados na Colônia Príncipe Dom Pedro, em Santa Catarina, atualmente Brusque. Alguns anos mais tarde, em 1871, migraram para o estado do Paraná. Porém Iarochinski (2000 apud Maciel, 2010)<sup>7</sup> ressalta que em 1847 chegaram os primeiros imigrantes poloneses ao Brasil, e foram instalados no estado de Espírito Santo, marco inicial da primeira Colônia de poloneses no país. Esses, após diversos insucessos, foram transferidos ao Rio Grande do Sul, em 1886, e fundaram as colônias de Santa Thereza e Santa Bárbara. Ainda em 1871, de acordo com Gardolinski (1958) algumas famílias polonesas se instalaram em uma localidade próxima a

---

<sup>7</sup> IAROCHNSKI. Ulisses. **Saga dos polacos: A Polônia e seus emigrantes no Brasil**. Curitiba: Gráfica Mansão, 2000.

Brusque, chamada Pilarzinho. Em 1873 e 1875 mais imigrantes vieram, mas a maioria se instalou no Paraná.

A “febre brasileira” foi um curto período que durou entre 1890 e 1894. Segundo Gardolinski (1958), esta “febre” trouxe aproximadamente 63.500 colonos poloneses, na época, um número apreciável. Por esta razão chamavam o Brasil de “Nova Polônia” (Nowa Polska).

Conforme Maciel (2010), ao sair da Polônia, as expectativas dos imigrantes em relação ao Brasil eram muito positivas, porém, ao se instalarem no país, enfrentaram desavenças e conflitos gerados principalmente pela falta de uma política clara que os orientasse a se estabelecerem no país. De acordo com Gardolinski (1958), no ano de 1895 o movimento migratório para o Brasil diminuiu consideravelmente. O aumento deu-se, novamente, a partir de 1907, pelo sul do país. Dessa forma, os poloneses foram se espalhando por diversas regiões, como Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná, onde houvesse mais terras.

Ressalta-se que o Paraná foi o estado que mais recebeu imigrantes poloneses, e hoje apresenta o maior número destes. Atualmente, o Estado de Santa Catarina, pioneiro no assentamento de imigrantes poloneses no Brasil, é o que concentra o menor número de poloneses e descendentes entre os três estados do Sul do país, segundo Wachowicz (1999).

### 2.3 NOVA ERECHIM E A DESCENDÊNCIA POLONESA

A colonização do município de Nova Erechim-SC iniciou em 1923, mas apenas em 1940 uma equipe de Erechim-RS, local de origem da maioria dos colonizadores, foi contratada para medir as terras da região com a intenção de vender lotes aos colonos. Essas terras pertenciam aos irmãos Pandolfo e foram comercializadas por Tegoni. Foi a partir de então que as famílias dos colonizadores começaram a chegar, povoando lotes rurais simultaneamente em locais diferentes.

Um aspecto importante da colonização de Nova Erechim [...] foi a centralidade da família no processo de mudança [...]. A comunicação entre o vendedor e comprador muitas vezes já era decorrente de relações pessoais e de amizade ou parentesco. [...] Um pai comprou uma gleba de terras e distribuiu-as entre seus filhos e genros. (ONGHERO, 2014, p. 26).

De acordo com informações disponíveis no site da prefeitura municipal e histórico do IBGE (2010), Nova Erechim-SC iniciou oficialmente sua colonização em 1952. A maior parte dos colonizadores era descendente de italianos, mas esta não era a etnia exclusiva, também se instalaram no município descendentes de alemães e poloneses.

Os descendentes de poloneses, em geral, vieram de municípios do Rio Grande do Sul e ocuparam lotes em diversas partes do espaço rural e também do urbano. Uma destas famílias foi a Knakiewicz, vinda de Carlos Gomes (RS). [...] Entre os descendentes de alemães, encontra-se a família de Coltes Antonio e Neli Schuh, que mudaram-se para Nova Erechim em 1960, após residir um período em Saudades. (ONGHERO, 2014, p. 40 ).

Segundo Argenta (2014), depoimentos de antigos moradores relacionam a origem do nome Nova Erechim ao município de Erechim-RS, de onde vieram muitos dos imigrantes. Conforme Onghero (2014), o local recebeu diferentes denominações, entre elas Burro Branco e Sede Tegoni, até ser oficialmente registrado como Nova Erechim, por volta de 1957.

Um fato interessante é que, devido a maior parcela da população de Nova Erechim-SC ser constituída por descendentes de italianos, em 2015, o *talian* passou a ser a língua cooficial do município<sup>8</sup>. Segundo Wepik (2017), em breve a localidade passará a contar com aulas da língua minoritária *talian* nas escolas.

Onghero (2014) ressalta que o município de Nova Erechim-SC também possui uma representativa população de descendentes de poloneses. Assim, foi criada a “Organização Cultural da Sociedade Brasileiro Polonesa de Nova Erechim – Braspol”, com o objetivo de promover, valorizar e preservar a cultura dos descendentes poloneses que vivem no Brasil. Segundo Argenta (2014), a Braspol é, atualmente, o ponto de encontro dos descendentes da imigração polonesa em Nova Erechim- SC e reúne cerca de 70 famílias.

Nova Erechim-SC foi constituída a partir de migrações internas, dentro do próprio país, na busca por mais e melhores condições de vida. Assim como os outros municípios mais antigos do oeste catarinense, a localidade foi colonizada, mais intensamente, após a Guerra do Contestado, o que gerou grande demanda por terras de melhor qualidade para os imigrantes e seus descendentes estabelecerem suas famílias.

Os colonizadores trouxeram consigo, além dos costumes e práticas culturais, a religiosidade católica. Nossa Senhora de Fátima foi escolhida como padroeira do município, devido a forte devoção que recebia em Erechim-RS. Atualmente, cada comunidade possui seu padroeiro:

---

<sup>8</sup> De acordo com a Lei Municipal nº 1.783, de 11 de agosto de 2015, que dispõe sobre a cooficialização da língua talian-vêneto brasileiro no município de Nova Erechim. Lei disponível em: <http://www.legislacaomunicipal.com/gedocnet/imagens/01802947000189/lei01959.pdf> Acessado em 25/09/2017.

Figura 2: Nome das comunidades de Nova Erechim-SC e seus respectivos padroeiros

Localidade	Padroeiro(a)
Linha Navegantes	Nossa Senhora dos Navegantes
Linha Guabiroba	Santa Lúcia
Linha Volta Bonita	São Roque
Linha São José	São José
Linha Pinheirinho	Nossa Senhora da Saúde
Linha Suspiro	São Pedro
Linha Santa Lúcia	Santa Lúcia
Linha Morro do Chapéu	Nossa Senhora Aparecida
Linha Ramenzoni	São Brás

Fonte: (Onghero, 2014, p. 61).

Segundo Onghero (2014), durante o processo de colonização, as terras da Vila Nova Erechim integravam o município de Chapecó-SC e, a partir de 1953, de São Carlos-SC. Em 1961, com a emancipação de alguns distritos de São Carlos-SC, passou a pertencer a Saudades-SC, bem como suas áreas rurais adjacentes. “O local foi elevado à categoria de distrito, através da Resolução 23/63, de 20 de fevereiro de 1963, sancionada pelo município de Saudades [...]” (ONGHERO, 2014, p.142).

Onghero (2014) afirma que, através de um abaixo assinado e a ajuda de deputados estaduais, Nova Erechim-SC emancipou-se oficialmente, através da Lei n. 994/64, em 4 de dezembro de 1964. Após a publicação no Diário Oficial do Estado, em 11 de dezembro de 1964, ocorreu a instalação do município em 28 de dezembro do mesmo ano.

Atualmente, Nova Erechim-SC possui uma área de aproximadamente 64,89 km<sup>2</sup> e 4.275 habitantes, de acordo com dados do censo do IBGE (2010). A base econômica do município é a agricultura, a pecuária e a extração de madeira. Segundo informações municipais, está localizado ao extremo-oeste, na microrregião de Chapecó-SC.

## 2.4 CHAPECÓ E A DESCENDÊNCIA ITALIANA

Segundo Bavaresco (2005), no cenário do governo imperial brasileiro, em 1859, foi decretada a criação das colônias militares de Xaçecó e de Chopin, isso devido a disputa territorial

entre Brasil e Argentina. Mas, somente em 1880, o capitão José Bernardino Bormann fundou a colônia militar de Xapecó.<sup>9</sup>

Da colônia militar, desmembraram-se alguns municípios. De acordo com Bavaresco (2005), Chapecó (adaptação de Xapecó) foi a primeira cidade a ser colonizada e manteve-se como sede administrativa da região por um longo tempo. O local passou a ser denominado município pela Lei Estadual nº 1.147, no dia 25 de agosto de 1917, ao findar-se a Guerra do Contestado. Das empresas colonizadoras, as que tiveram papel primordial na ocupação do território chapecoense foram as Colonizadoras Bertaso e Maia e Cia.

Conforme Hass (1999), em 1931, a vila Passo dos Índios (Chapecó) foi transformada em sede do município. Nessa época, foi implantado o Plano Diretor produzido pela empresa Colonizadora Bertaso, com uma ordenação cartesiana, que possui um traçado urbano xadrez, com avenidas largas, quadras bem definidas, passando para o migrante visitante a visão de uma cidade planejada, organizada, que caminha para o desenvolvimento.

A grande maioria dos colonos que se instalou em Chapecó-SC a partir de então, provinha das antigas colônias do Rio Grande do Sul. Segundo Spessatto (2003), eram, no geral, descendentes de imigrantes europeus, havendo predominância de ítalo-brasileiros na localidade, por isso o município é visto como um ponto de contato italiano-português, mas também se instalaram alemães, poloneses, entre outros.

Com a vinda desses migrantes, segundo Bavaresco (2005, p. 116,) “[...] começa a se formar uma nova camada populacional, tendo como principal característica a propriedade de terra.” O interesse em vir para Chapecó-SC era a busca de novas terras, pelo esgotamento das mesmas no Rio Grande do Sul. A propaganda de terras férteis de baixo custo atraiu milhares de casais, que vinham para o oeste catarinense constituir suas famílias.

Segundo Spessatto (2003), as características dos imigrantes ainda marcam o perfil sociocultural e linguístico do município, pois “a formação étnica da população influenciou os costumes, tradições e características linguísticas da região.” (SPESSATTO, 2003, p. 33).

No que se refere à língua, os informantes de Chapecó-SC falam o *talian*, uma variedade que surgiu da mistura dos dialetos trazidos do norte da Itália (região do Vêneto) pelos primeiros imigrantes com palavras do português e do italiano padrão. O Projeto VARSUL, por exemplo,

---

<sup>9</sup> Conforme Bavaresco (2005), são diversas as hipóteses relacionadas à origem e ao significado deste nome. A suposição mais difundida aponta Xapecó como um vocábulo de origem Kaingang, que significa: "donde se avista o caminho da roça", devido à ocupação da região por povos indígenas - sobretudo Kaingangs e em menor proporção Guaranis – antes da colonização.

caracteriza a cidade como uma comunidade linguística de colonização italiana. A forma de falar dos imigrantes italianos e seus descendentes é muitas vezes “estigmatizada como *língua da roça*, porque [...] vieram para a região para trabalhar como colonos.” (SPESSATTO, 2003, p. 20)

Hoje, Chapecó-SC atrai vários habitantes do Brasil e do mundo, graças ao seu crescimento. É um município considerado polo econômico do oeste de Santa Catarina. De acordo com o site da prefeitura municipal<sup>10</sup>, a cidade tem aproximadamente 210.000 habitantes, 91,61% urbana e 8,39% rural, sendo assim a maior cidade e também a capital da região oeste. Também é destaque pelas agroindústrias.

## 2.5 SÃO CARLOS E A DESCENDÊNCIA ALEMÃ

Foi na década de 1920 que a região começou a receber as companhias colonizadoras que desenvolveram políticas de povoamento e estabeleceram colônias para onde migraram os colonos. Conforme informa Kerbes (2004), a Companhia Territorial Sul Brasil foi a responsável pela colonização de São Carlos-SC, por volta de 1927.

Os colonizadores de São Carlos, segundo Werlang (1991), foram principalmente os descendentes de alemães, vindos das Colônias Velhas do Rio Grande do Sul (1920-1927). Os primeiros habitantes da localidade foram Gustavo Johann, João Sehnem, Arthur Heydt e Willibaldo Sehnem. A maioria dos migrantes vinham das regiões de Venâncio Aires, Nova Petrópolis e Santa Cruz do Sul.

Cabe ressaltar que muitas famílias não vinham sozinhas para esta região. Elas traziam consigo vizinhos e parentes de seus locais de origem. Os descendentes de alemães, que vieram para a região, buscavam melhores condições de vida e, quando chegavam a São Carlos, eram encaminhados para a “casa do colono”, onde, segundo Kerbes (2004), ficavam as mulheres e crianças enquanto os homens trabalhavam na construção das casas.

Aos poucos, foram-se povoando as comunidades. A primeira comunidade foi a Linha São João, a partir de 1930. A emancipação de São Carlos-SC, desmembrando-se de Chapecó-SC, ocorreu em dezembro de 1953 e o município instalou-se em 21 de fevereiro 1954. “São Carlos deve

---

<sup>10</sup> CÂMARA MUNICIPAL DE CHAPECÓ. **História de Chapecó.** Disponível em: <<http://www.cmc.sc.gov.br/2012/index.php/o-municipio/historia>>. Acesso em: 12 dez. 2016.

seu nome ao carinho que seus pioneiros devotavam ao diretor da Companhia Colonizadora Sul Brasil, o engenheiro alemão Carlos Culmey [...]” (KERBES, 2004, p. 11).

Conforme Altenhofen (2004), com a tomada do poder por Getúlio Vargas, no Governo Federal após a Revolução de 1930, houve grande interferência no ensino. Medidas foram tomadas: a obrigatoriedade da frequência escolar e a proibição do ensino domiciliar. A Nacionalização do Sistema Escolar Catarinense, a partir de 1938, de acordo com Kerbes (2004), proibiu o uso de línguas estrangeiras nos estabelecimentos escolares.

O período da nacionalização trouxe grande tristeza e insatisfação para os colonizadores, pois não entendiam praticamente nada na Língua Portuguesa. Kerbes (2004) ressalta que as músicas, as missas e as aulas eram em alemão.

Os colonizadores influenciam até hoje os traços culturais e religiosos do local. Há, além da manutenção do uso da variedade alemã em muitos contextos sociais no dia a dia, de acordo com Kerbes (2004), festas tradicionais, como a Festa do *Kerb* (inauguração da igreja ou festa da padroeira) e a *Strassenfest* (festa de rua) nas quais são realizadas apresentações artísticas folclóricas alemãs, bem como são apreciadas comidas e bebidas típicas, fazem parte da cultura do local. O município também mantém Grupos de Danças alemãs e o tradicional festival da canção. Ressalta-se que os informantes de São Carlos-SC falam a variedade *Hunsrückisch*, denominação usada por Altenhofen (1996), e é muito comum ouvir pessoas falando alemão nas ruas, portanto observa-se que a língua também é uma parte importante da identidade da população.

De acordo com o último censo do IBGE (2010), a população do município é de 10.291 habitantes. A estimativa para 2016 era de 11.038 habitantes. No que se refere à economia, a renda do município gira, na maioria, em torno da produção agrícola e também do turismo, devido ao incalculável potencial de suas águas minerais. São Carlos-SC possui uma área total de aproximadamente 161 km<sup>2</sup>, onde 146km<sup>2</sup> é rural e 15km<sup>2</sup> é de área urbana.

### 3. REFERENCIAL TEÓRICO

Este capítulo apresenta, a partir de sete tópicos, os aportes teóricos que norteiam esta pesquisa. Iniciamos, no tópico 3.1, pelo modelo teórico-metodológico da Dialectologia Pluridimensional e Relacional. Em seguida abordamos os conceitos de língua e dialeto, no tópico 3.2. No tópico 3.3 tratamos das implicações da nomenclatura língua materna, juntamente com o conceito de língua de imigração. O tópico 3.4 apresenta, brevemente, noções de identidade linguística para, no tópico 3.5 abordar o que são crenças e atitudes linguísticas e qual a relação entre elas. O penúltimo tópico, 3.6, está subdividido em dois subtópicos para tratar dos contatos linguísticos e suas possíveis consequências. Para encerrar o capítulo, o tópico 3.7 desenvolve a respeito dos termos de parentesco e suas implicações neste estudo.

#### 3.1 DIALETOLOGIA PLURIDIMENSIONAL E RELACIONAL

A dialetologia é a ciência geral da variação linguística, um ramo da Sociolinguística. Visto que a dialetologia tradicional se restringe exclusivamente à variação diatópica (no mínimo em duas localidades), sem considerar as variáveis linguísticas, e que a sociolinguística aborda as diferentes variáveis extralinguísticas em apenas um determinado espaço, a dialetologia pluridimensional e relacional, segundo Thun (1998), procura suprir as lacunas existentes nessas duas diferentes abordagens ao analisar as diferentes variáveis extralinguísticas (dimensões) em diversos pontos ou localidades de pesquisa.

Para Coseriu (1982, p. 36), quanto à Dialectologia há que se levar em conta que:

**a)** a dialetologia é o estudo da configuração espacial das línguas, ou seja, da variedade diatópica e das relações interdialetais, e **b)** é essencialmente gramática comparada. O primeiro implica que a investigação dialetal deve estabelecer a extensão (as áreas) e, por onde, os limites dos fatos que registre. O segundo, que tal investigação deve registrar materiais espacialmente comparáveis.

Nessa perspectiva, a Dialectologia Pluridimensional, considerada por Thun (1998) como uma sub-disciplina da ciência geral da variação linguística, além da fusão metodológica da Dialectologia Tradicional e da Sociolinguística, envolve aspectos e técnicas para analisar as línguas em contato. A divisão dos espaços linguísticos não condiz com a divisão política e geográfica, ou seja, são consideradas as áreas de contato e o foco também não recai mais apenas ao *Rural Old Man* (homem velho do campo).

Segundo Thun (1998), a Dialectologia Pluridimensional e Relacional concentra seus interesses no máximo de variáveis extralinguísticas (gênero, idade, profissão, etc) e no máximo de variedades linguísticas. As variáveis extralinguísticas são denominadas dimensões e, conforme os princípios da pluridimensionalidade, cada dimensão engloba vários parâmetros a serem contrastados, geralmente em uma relação binária. É preciso, portanto, considerar a relação entre espaço e sociedade para identificar territorialidades.

De acordo com Cardoso (2002, p. 1):

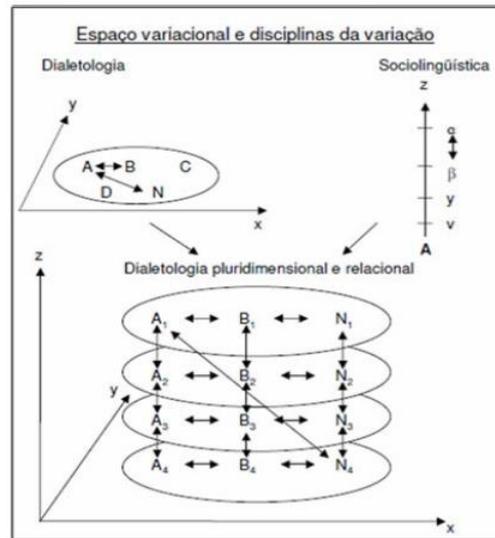
[...] a Dialectologia não pôde deixar passar ao largo a consideração de fatores extralinguísticos, inerentes aos falantes, nem relegar o reconhecimento de suas implicações nos atos de fala. Dessa forma, idade, gênero, escolaridade e características gerais de cunho sociocultural dos usuários das línguas consideradas tornam-se elementos de investigação, convivendo com a busca de identificação de áreas geograficamente definidas do ponto de vista dialetal.

Todas as línguas se diferenciam pelo local geográfico ou espaço onde são faladas. Conforme Cardoso (2002), a mesma língua é falada de formas diferentes, podendo se tornar até mesmo outra língua, com palavras e regras diferentes. A forma do sujeito falar indica, além do seu local de origem, sua posição social e nível de escolaridade. Daí a importância em considerar os fatores extralinguísticos.

As relações que a Dialectologia Pluridimensional e Relacional estabelece são ilustradas na figura 3, de Thun (1998, 2005). À esquerda encontra-se o esquema da dialectologia monodimensional, no qual apenas a fala de um determinado tipo de sujeito é estudada em diversos pontos de pesquisa. À direita está o modelo da sociolinguística, no qual as variáveis são analisadas em um único local de coleta. Abaixo está o modelo da dialectologia pluridimensional e relacional, que compreende o espaço tridimensional, ou seja, a superfície bidimensional horizontal da Dialectologia e o eixo vertical da Sociolinguística, sendo a Geolinguística ou Dialectologia Pluridimensional também relacional, pois:

analisa relações de todos os tipos, não só as que unem os pontos da mesma superfície ( $A \leftrightarrow B$ ) ou os que ligam os grupos de um mesmo eixo ( $\alpha \leftrightarrow \beta$ ), mas estuda também os vínculos entre os pontos de uma superfície e os pontos análogos de uma superfície ( $A1 \leftrightarrow B1$  e  $A2 \leftrightarrow B2$ ) e as relações entre pontos diagonais ( $A1 \leftrightarrow B2$ ). É assim que se podem focalizar grupos que mantêm redes de comunicação e outros que se comparam só tipologicamente". (THUN, 2005, p. 68).

Figura 3: Esquema variacional e disciplinas da variação



Fonte: (Thun, 2005, p. 67)

Com este programa, Thun (1998, p. 707) destaca que a Dialetoologia Pluridimensional se aproxima do ideal da descrição completa e ordenada do polimorfismo linguístico e sua relação com os falantes, ressaltando que “a pluridimensionalidade pretende ampliar o marco de percepção dos fatos variacionais e resgatar certos fenômenos do despercebimento”.<sup>11</sup> Dessa forma, enquanto a Dialetoologia tradicional compreendia somente os dialetos “puros”, desconsiderando os contatos linguísticos, e a Sociolinguística compreendia os socioletos, para a Dialetoologia Pluridimensional interessam:

as variedades mistas, os fenômenos de contato linguístico entre línguas contíguas ou superpostas de minorias e majorias, de formas regionais, a variação diafásica (ou estilística), o comportamento linguístico dos grupos topodinâmicos (demograficamente móveis) contrastado com o dos grupos topostáticos (com pouca mobilidade no espaço), a atitude metalinguística dos falantes comparadas com seu comportamento linguístico, e outros parâmetros mais.<sup>12</sup> (THUN, 1998, p. 706).

<sup>11</sup> No original: “la pluridimensionalidad pretende ensanchar el marco de percepción de los hechos variacionales y rescatar ciertos fenómenos del despercebimiento”.

<sup>12</sup> No original: “las variedades mixtas, los fenómenos de contacto lingüístico entre lenguas contiguas o superpuestas de minorías y de mayorías, formas regionales, la variación diafásica (o estilística), el comportamiento lingüístico de los grupos topodinámicos (demográficamente móviles) contrastado con el de los grupos topostáticos (poco móviles en el espacio), la actitud metalingüística de los hablantes comparada con su comportamiento lingüístico, y otros parámetros más”.

## Dimensões e parâmetros

O modelo teórico metodológico da Dialectologia Pluridimensional e relacional analisa as variáveis extralinguísticas por meio das dimensões, as quais dividem-se em quatro principais categorias, segundo Thun (1996, 2005): tempo/história (diacrônica), espaço/geografia (diatópica), social (diastrática) e situacional (diafásica), sendo, dessa forma, 8 dimensões tratadas em uma relação binária e expostas a seguir.

A **dimensão diatópica** busca retratar as diferenças dialetais nos espaços geográficos e descrever áreas apontando a realidade linguística de um território. Thun (1996) destaca a dimensão diatópico-cinética, cujos parâmetros de análise podem ser topostáticos ou topodinâmicos. O primeiro restringe-se ao estudo de informantes demograficamente estáveis, sem mobilidade, enquanto o segundo apresenta mobilidade relativa.

A **dimensão diageracional** chama a atenção para as divergências existentes entre a fala dos mais jovens e dos mais velhos. Nessa dimensão, denominam-se os jovens como geração I (GI), com idade entre 18 e 36 anos, e os mais velhos como geração II (GII), com mais de 55 anos. Essa dimensão é relevante por permitir observar mudanças linguísticas de uma geração para outra, em tempo aparente.

A questão de gênero é analisada pela **dimensão diagenérica / diassexual**, que preocupa-se com as diferenças entre homens e mulheres, no que se refere à língua.

A **dimensão diastrática** merece um pouco mais de atenção, pois, diferente do que a maioria entende, ela não se refere à classe econômica dos falantes e sim a sua escolarização, ou seja, conforme determina Thun (1996), pela escolaridade ou grau de instrução. São considerados Ca (classe alta) os falantes que possuem grau de instrução superior completo ou incompleto e Cb (classe baixa) aqueles com grau de instrução até o ensino médio.

Pela **dimensão diafásica** são utilizados diferentes estilos para a coleta de dados. Segundo Thun (1996), conforme o contexto da conversa, o discurso e a língua variam, ou seja, o comportamento de um mesmo indivíduo é diferente em situações diferenciadas. Os estilos utilizados para a coleta de dados são: questionários aplicados, registro de conversa livre ou dirigida e a leitura de textos previamente selecionados (o texto mais utilizado é a Parábola do Filho Pródigo).

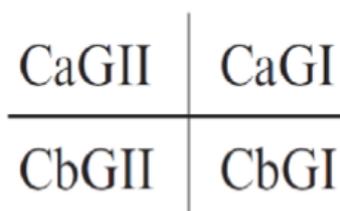
Além das dimensões já citadas, há outras três. A **dimensão dialingual**, que consiste na coleta de dados em duas ou mais línguas, a **dimensão diarreligiosa**, que considera diferentes religiões como determinantes para as variações de uma determinada língua e ainda a **dimensão**

**diarreferencial**, também conhecida como metalinguagem, por meio da qual são objeto de análise os comentários e observações feitas pelos falantes, referenciando o uso de uma determinada forma linguística como pertencente a um ou outro espaço, sujeito ou cultura. De acordo com cada contexto analisado, uma ou outra dimensão destaca-se mais.

Altenhofen (2004) ressalta que a pluridimensionalidade multiplica consideravelmente a quantidade de dados e os “cruzamentos” que se deve e se pode fazer entre as dimensões. Dessa forma é necessário selecionar quais serão analisadas.

Thun (1998) organiza algumas dimensões em quatro grupos definidos pelo critério diastrático (escolaridade formal) e pelo critério diageracional. Estes estão representados na cruz elaborada por Thun (1996), que é uma opção de apresentação gráfica dos dados em mapas ou quadros para a análise de dados. A cruz possui quatro compartimentos ou células sociais, formados por um eixo horizontal e outro vertical:

Figura 4: Esquema da cruz de Thun



Thun (2010, p. 709)

Segundo Thun (2010), a seção superior é reservada para a classe sociocultural mais elevada e a seção inferior para a classe sociocultural mais baixa. A seção da esquerda é destinada para as pessoas mais velhas (GII) e a seção da direita para a geração mais jovem (GI). Essa técnica de apresentação de dados é exigida pelos atlas que são produzidos a partir da pluridimensionalidade.

Para aplicar-se o processo metodológico da Dialetologia Pluridimensional e Relacional, opta-se como *corpus* de estudo por uma língua/dialeto/variedade ou situação de contato linguístico. O tópico a seguir expõe brevemente o que difere uma nomenclatura de outra.

### 3.2 LÍNGUA, DIALETO OU VARIEDADE?

De acordo com Coseriu (1982), língua “é o sistema de isoglossas comprovadas em uma atividade linguística completa, que consiste no falar e no entender de vários indivíduos de acordo com uma tradição historicamente comum”. (p. 10). Dessa forma, podemos falar da língua de uma família, de um bairro, de uma cidade, de uma região, etc.

As línguas são entidades autônomas, que se reúnem em grupos históricos ou famílias, que se dividem em dialetos. “[...] a palavra dialeto deriva do grego que significa "modo de falar". (COSERIU, 1982, p. 9). Erroneamente, o conceito de dialeto é interpretado como inferior ao conceito geral de língua. Mas, segundo Coseriu (1982, p. 12), entre língua e dialeto não há diferença de natureza substancial, o que existe é diferença de status histórico (real ou atribuído): “um "dialeto", sem deixar de ser intrinsecamente uma "língua", se considera como subordinado a outra "língua" de ordem superior”. Ou seja, todo dialeto é uma língua, mas nem toda língua é um dialeto. Em outras palavras, o dialeto é a variação regional de uma língua, tem seu valor atribuído em relação a outra.

Trudgill (2000, p. 4) exemplifica de forma didática essa diferença na prática:

Na tentativa de decidir em que língua alguém está falando, poderíamos dizer que se dois falantes não conseguem entender um ao outro, então eles estão falando línguas diferentes. Da mesma forma, se eles conseguem se entender, podemos dizer que estão falando dialetos da mesma língua.<sup>13</sup>

Ainda segundo Trudgill (2000), os dialetos representam diferenças no vocabulário, na gramática e também na pronúncia e, diferentemente do que a maioria acredita, esta nomenclatura pode ser usada para ferir-se a qualquer variedade da língua, independentemente dessa ser de prestígio (padrão) ou não. Dessa forma, a diferença entre língua e dialeto é muito mais política do que científica, pois, do ponto de vista linguístico, ambos possuem o mesmo valor. A língua seria apenas uma entidade com mais autonomia que o dialeto, mas essa autonomia é social, atribuída pelas atitudes das pessoas.

Para fugir da complexidade destes termos, nesta pesquisa optamos por tratar do *corpus* estudado como variedade, termo sugerido por Trudgill (2000) por representar neutralidade e ser possível utilizá-lo para nos referirmos a qualquer tipo de língua, sem sermos específicos. Desta forma, trabalhamos com variedades do alemão, o *Hunsrückisch*, do italiano, o *talian*, e do polonês.

---

<sup>13</sup> No original: “In attempting to decide which language someone is speaking, we could say that if two speakers cannot understand one another, then they are speaking different languages. Similarly, if they can understand each other, we could say that they are speaking dialects of the same language”.

### 3.3 LÍNGUA MATERNA OU LÍNGUA NACIONAL?

Segundo Altenhofen (2002), a denominação língua materna é imprecisa porque apresenta uma polissemia de sentidos. Essa definição abrange aspectos históricos, sociais, políticos, educacionais e psicológicos, portanto é um processo dinâmico.

O conceito de língua materna mobiliza alguns problemas, ainda conforme Altenhofen (2002): a coleta imprecisa e errônea dos dados dos censos demográficos, os quais são considerados oficiais; o fato de o falante poder ter mais de uma língua materna; a visão equivocada do senso comum em relação a aquisição de línguas; as dúvidas a cerca do termo materna e sua relação com a palavra mãe e a afetividade; será a primeira língua aprendida ou a língua dominante?; e o status socioeducacional. Pensando nesses problemas, percebe-se que o que importa não é a definição de um conceito adequado para o termo língua materna, mas sim descrever em que medida tal língua pode ser considerada materna.

Neste estudo, entendemos por língua materna a definição dada por Altenhofen (2002), que todos os indivíduos aprendem pelo menos uma língua, e a língua materna é aquela aprendida naturalmente em casa, com referência na família, desde o nascimento. É diferente de língua nativa, a qual é mais fortemente relacionada ao local de origem e pode mudar de acordo com o tempo de permanência em determinado espaço, dependendo, também, da idade de aquisição do indivíduo.

Conforme Altenhofen (2002), a segunda língua, é aprendida em um momento posterior, na escola ou através do contato com a uma comunidade de fala diferente. Em muitos casos brasileiros, a língua materna é uma língua minoritária indígena ou de imigração, mas essas realidades são invisibilizadas devido a visão distorcida de país monolíngue, nesse caso em relação ao português, o que conduz à falta de programas de educação adequada para contextos bi/multilíngues e políticas linguísticas de manutenção de línguas.

No Brasil, sempre houve, desde o Império, preocupação em tornar o português a língua oficial. Segundo Altenhofen (2004), há predomínio de decisões coibitivas na visão histórica das políticas linguísticas brasileiras. Em muitos períodos, era proibido se manifestar em outra língua que não fosse o português. Com isso, os imigrantes que para cá vieram a partir do século XIX, (alemães - 1824; italianos – 1875 e poloneses – 1891) sofreram preconceito linguístico e foram obrigados a aprender a língua portuguesa, a língua majoritária do país.

Para tentar manter vivas suas culturas e conservar suas línguas, conforme Altenhofen (2004), comunidades de imigrantes foram se formando em lugares afastados e isolados. Mesmo assim, nas escolas, as crianças recebiam todas as instruções e conteúdos em português. A

consequência disso foi a mistura das línguas que originou novos dialetos e posteriormente o enfraquecimento desses. Essas variedades desprestigiadas são o que chamamos de línguas minoritárias, pois, se comparadas à língua pátria/majoritária, não recebem fomento político nem social e são línguas predominantemente orais. É importante resaltar que, para uma língua ser considerada minoritária, deve-se avaliar o seu contexto de uso, pois, de acordo com a localidade e outros fatores extralinguísticos, ela pode ser ou não da minoria.

Ferraz (2007) destaca que a grande maioria das línguas existentes no mundo são consideradas como sendo línguas minoritárias, que são aquelas faladas por grupos de pessoas num país que tem por oficial uma língua diferente, isto é, são línguas naturais, não criadas artificialmente, tradicionalmente usadas por parcelas da população de um país, e que não se confundem com dialetos da língua oficial.

Sobre línguas majoritárias ou de prestígio, Trudgill (2000) explica que são aquelas variedades impressas e utilizadas pelos meios de comunicação em geral, que também são as normalmente ensinadas nas escolas. A distinção é equivalente a que acontece entre língua formal e língua coloquial. Quem põe uma variedade em prestígio (correta, bonita) são os próprios falantes, os quais recebem benefícios econômicos, sociais e políticos, por isso essa variedade se sobrepõe as outras sem prestígio, das minorias.

### 3.4 IDENTIDADE LINGUÍSTICA

Aguilera (2008) destaca que a atitude linguística assumida pelo falante implica a noção de identidade. De acordo com Tabouret-Keller (1998), a identidade de uma pessoa é um conjunto heterogêneo composto por todos os nomes ou identidades, concedidos e assumidos por ela. Mas, em um processo ao longo da vida, a identidade é infinitamente recriada, de acordo com as restrições e interações sociais, encontros e desejos que podem ser muito subjetivos e únicos.

Ainda segundo Tabouret-Keller (1998), toda pessoa explora diferentes camadas de identidades formando redes, algumas das quais são propensas a mudanças e substituições de acordo com a fase da vida ou espaço social e cultural em que está inserida, somos identificados e nos identificamos na sociedade a partir de diferentes grupos.

A identidade de um grupo é, muitas vezes, chamada de identidade cultural ou étnica. Conforme Zingarelli (1983 apud FROSI, 2013, p. 104)<sup>14</sup>, “a palavra *éthnos* deriva do grego, com o significado de raça, povo ou nação, e etnia vale como agrupamento humano baseado em caracteres raciais, linguísticos e culturais”. Em outras palavras, a identidade étnica define-se pela alteridade, ou seja, se institui por um conjunto de elementos definidores que o distingue dos demais.

Para compreendermos etnicidade, Fishman (1998) destacou três dimensões: a paternidade, o patrimônio e a fenomenologia. A paternidade compreende tudo aquilo que é herdado em família, passando, sem interrupção através do tempo. A dimensão do patrimônio refere-se ao conhecimento e comportamento da coletividade, como por exemplo a música, roupas, sexualidade, etc. A última dimensão é a fenomenologia, ou seja, os significados que atribuímos às dimensões anteriores. O autor ainda acrescenta que a língua é o símbolo por excelência da etnicidade, pois ela dá conta da paternidade, expressa o patrimônio e sustenta a fenomenologia.

A partir das descrições acima, entendemos que a identidade se manifesta no sentimento de pertença a um grupo étnico que compartilha de características culturais semelhantes, representadas por uma língua ou dialeto. Dessa forma, o idioma, além de nomear o grupo étnico, é o meio pelo qual os indivíduos se relacionam, ou seja, os aproxima ou diferencia. Portanto, segundo Appel e Muysken (1996), a linguagem não é apenas um instrumento para a comunicação de mensagens. Isso se torna especialmente claro em comunidades multilingues, onde vários grupos têm sua própria língua. As normas e valores culturais de um grupo são transmitidos pelo seu idioma que tem significado social, pois as pessoas irão avaliá-lo em relação ao seu *status* e de seus usuários, ou seja, as atitudes de linguagem serão atitudes sociais. Tanto a identidade individual quanto a social são mediadas pelo idioma.

Edwards (apud APPEL; MUYSKEN, 1996, p. 27) pondera que “a língua, como uma das manifestações de identidade mais óbvia, é muito suscetível de substituição e perda. Exatamente por ser tão pública é que se assumiu que a língua é o componente mais importante da identidade.”<sup>15</sup>

Para Le Page e Tabouret-Keller (apud TABOURET-KELLER, 1998), a linguagem falada por alguém e sua identidade são inseparáveis. Os atos de linguagem são atos de identidade e o idioma é tomado como um comportamento externo que permite a identificação de um falante como membro de algum grupo, pelo seu modo de falar.

---

<sup>14</sup> ZINGARELLI, N. di. **Il nuovo Zingarelli – vocabolario della lingua italiana**. 11. ed. Bologna: Zanichelli, 1983.

<sup>15</sup> No original: “*La lengua, como una de las manifestaciones de identidad más obvias, es muy susceptible de sustitución y deterioro. Exactamente por ser tan pública es por lo que erróneamente se ha asumido que la lengua es el componente más importante de la identidad.*”

Dessa forma, “uma única característica fonêmica pode ser suficiente para incluir ou excluir alguém de qualquer grupo social. Mas qualquer outro item de linguagem[...], por exemplo, um nome próprio, pode cumprir a mesma função”. (TABOURET-KELLER, 1998, p. 215).

Consoante, Mey (1998 apud FROSI, 2013, p. 104)<sup>16</sup> sustenta que a “identidade étnica [...] sempre conteve um traço de racismo - racismo entendido aqui como um conjunto de crenças que [...] exclui certas pessoas e aceita outras”.

Os casos de contato linguístico são bons para estudar fusão e disjunção de identidade. As situações multilíngues ilustram os dois aspectos da identificação pelo idioma. Um falante bilíngue pode ser identificado por características linguísticas derivadas do contato linguístico. Em certas situações, isso gera sentimentos de inferioridade, discriminação ou exclusão do grupo dominante, ou inversamente, sentimentos de familiaridade, reconhecimento, cumplicidade entre aqueles que compartilham a língua ou a situação de contato. A criatividade dos bilíngues, especialmente na língua oral que não é controlada pelo poder normativo da escrita, sofre repressão pela super valorização da língua dominante.

Para Vandermeeren (2005), o grupo familiar é, na maioria das vezes, o primeiro grupo étnico e linguístico com o qual o indivíduo um que tem que lidar, mesmo deixando-o mais tarde. Muitos querem se juntar a outros grupos, adotando suas características, entre as quais está o idioma, o qual implica afiliação e revela limites. Daí a identidade é mais uma rede de identidades, refletindo os muitos compromissos e sentimentos.

Para explicar esse fenômeno, Giles's (apud TABOURET-KELLER, 1998) desenvolveu a Teoria da Acomodação:

[...] as pessoas estão motivadas para ajustar seu estilo de fala ou acomodar, como meio de expressar valores, atitudes e intenções para com os outros. Propõe-se que a medida em que os indivíduos mudam seus estilos de discurso para perto ou longe dos estilos de fala de seus interlocutores a aprovação ou desaprovação social é comunicada. Uma mudança de estilo de fala em direção a outra é denominada convergência e é geralmente considerada como reflexo da integração social, enquanto que uma mudança do estilo de expressão do outro representa divergência e é considerada uma tática de dissociação social.<sup>17</sup>

---

<sup>16</sup> MEY, J. L. Etnia, identidade e língua. In: SIGNORINI, I. (Org.). **Lingua(gem) e identidade – elementos para uma discussão no campo aplicado**. Campinas: Mercado de Letras; São Paulo: Fapesp, 1998. P. 69-88.

<sup>17</sup> No original: “[...] people are motivated to adjust their speech style, or accommodate, as means of expressing values, attitudes and intentions towards others. It is proposed that the extent to which individuals shift their speech styles toward or away from the speech styles of their interlocutors is a mechanism by which social approval or disapproval is communicated. A shift in speech style toward that of another is termed convergence and is considered often a reflection of social integration, whereas a shift away from the other's style of speech represents divergence and is considered often a tactic of social dissociation”.

De qualquer forma, o indivíduo é o postulado básico para a construção de qualquer identidade. Para Le Page (apud TABOURET-KELLER, 1998):

"o indivíduo cria para si os padrões de seu comportamento linguístico de modo a assemelhar-se ao ou aos grupos com os quais, de tempos em tempos, ele deseja ser identificado, ou para ser diferente daqueles de quem ele deseja ser distinguido".

Conforme Frosi (2013), a concepção primordialista de etnicidade (ponto a partir do qual foi elaborada a maioria dos conceitos posteriores), também chamado de essencialista, concebe etnicidade como algo inato que acompanha o homem desde os tempos remotos num prosseguimento sem fim. No entantanto, o que se observa, atualmente, é uma concepção bastante generalizada de que a identidade étnica é decorrente de um processo de construção, de reconstrução e de invenção.

Por fim, Rajagopalan (1998 apud FROSI, 2013, p. 108)<sup>18</sup>:

A identidade de um indivíduo se constrói na língua e através dela. Isso significa que o indivíduo não tem uma identidade fixa anterior e fora da língua. [...] Em outras palavras, as identidades da língua e do indivíduo têm implicações mútuas. Isso significa que as identidades em questão estão sempre num estado de fluxo.

Para o autor, o estado de fluxo da identidade significa estar sempre em processo, a língua evolui, o indivíduo muda e, portanto, a identidade também vai se modificando e se reconstruindo.

Conclui-se, então, que os seres humanos são limitados pela língua, a qual funciona como um atributo comportamental e também fornece os termos pelos quais as identidades são expressas. Dessa forma, a identidade é formada e definida historicamente e é plural.

### 3.5 CRENÇAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS

Para tratar de crenças e atitudes linguísticas é imprescindível destacar a noção identidade, pois, conforme Corbari e Sella (2013, p. 526), há “uma estreita relação entre língua e identidade”. Consideramos, nesse estudo, a identidade linguística, que consiste na “linguagem tomada como um comportamento externo que permite a identificação de um falante como membro de algum grupo”. (TABOURET-KELLER, 1998, p. 210).

---

<sup>18</sup> RAJAGOPALAN, K. O conceito de identidade em linguística: é chegada a hora para uma reconsideração radical? In: SIGNORINI, I. (Org.). **Lingua(gem) e identidade – elementos para uma discussão no campo aplicado**. Campinas: Mercado de Letras; São Paulo: Fapesp, 1998. P. 21-45.

Segundo Tarallo (1985, p.14), as “atitudes linguísticas são as armas usadas pelos residentes para demarcar seu espaço, sua identidade cultural, seu perfil de comunidade, de grupo social separado”. Várias áreas do conhecimento se interessam pelas crenças e atitudes linguísticas, mas é no viés da Sociolinguística e da Sociologia da Linguagem que vamos nos ancorar.

A Sociolinguística “colabora com a tarefa de pesquisar a diferença entre a maneira como as pessoas fazem uso da(s) língua(s), bem como suas crenças a respeito de seu próprio comportamento linguístico e dos demais falantes”. (CORBARI e SELLA 2013, p. 528). Já a Sociologia da Linguagem focaliza não apenas o uso da língua em si, mas também as atitudes explícitas em relação à língua e aos seus usuários. (FISHMAN, 1972).

Muitos pesquisadores conceituam atitudes linguísticas. De acordo com Vandermeeren (2005), as atitudes são processos mentais que se manifestam mediante estímulo e resposta. Lambert e Lambert (1966, p. 77) definem atitude como “uma maneira organizada e coerente de pensar, sentir e reagir em relação às pessoas, grupos, questões sociais ou [...] a qualquer acontecimento ocorrido”.

Vandermeeren (2005) categoriza os objetos das atitudes linguísticas em: 1) dialetos ou estilos de fala regionalmente acentuados; 2) línguas étnicas ou estilos de fala acentuados etnicamente; 3) línguas estrangeiras ou segunda língua acentuada para fins específicos; 4) estilos de fala convergentes ou estilos de fala mistos (língua franca, crioulo ou pidgin); 5) estilos de fala específicos para sexo e idade; 6) estilos de fala diversificados fonética, lexical e paralinguisticamente.

As atitudes são, na verdade, um processo dividido em etapas. Elas podem ser inferidas por introspecção bem como pelo comportamento e nem sempre refletem o que o informante realmente fará. Para medir as atitudes é preciso considerar as dimensões extralinguísticas, como local, ambiente social e informante. De acordo com Vandermeeren (2005), há duas variáveis com as quais as variações de atitudes linguísticas se correlacionam, os informantes, que devem ser separados por categorias (idade, sexo, etc) e a relação estímulo/respostas, que se refere à ordem das perguntas e elaboração cuidadosa do questionário para garantir informações o mais imparciais possível.

Segundo Lambert e Lambert (1966), a atitude é um complexo composto por três componentes: pensamentos e crenças, sentimentos ou emoções e tendências de reação. Lasagabaster (2004 apud Kaufmann, 2011)<sup>19</sup> acrescenta que as atitudes não estão isoladas do social, pois as pessoas tendem a ajustar suas atitudes para se adequarem aos grupos sociais a que se vinculam.

---

<sup>19</sup> LASAGABASTER, David. Attitude. In: AMMON, Ulrich et al. (Ed). **Sociolinguistics: An International Handbook of the Science of Language and Society**. 2. ed. Berlin/New York: De Gruyter, 2004. P. 399-405. v. 1.

Kaufmann (2011) reafirma os três componentes internos das atitudes, mas os denomina como componente cognitivo, que tem a ver com pensamentos e crenças, componente afetivo, que refere-se a sentimentos sobre o objeto e o conativo, plano de ação em um contexto e em circunstâncias específicas, ou seja, transforma as crenças e valores emocionais relevantes em intenções comportamentais. Fishbein e Ayzén (1980 apud Kaufmann, 2011)<sup>20</sup> nomeiam esses fatores, respectivamente como crença, atitude e intenção.

Para finalizar:

[...] as atitudes linguísticas constituem uma categoria particular, uma vez que o objeto da atitude não são as línguas, mas os grupos que as falam. As atitudes linguísticas representam, assim, um componente fundamental da identidade linguística do falante e possibilitam a leitura e compreensão do próprio comportamento linguístico. Nessa perspectiva, o estudo das crenças e atitudes linguísticas precisa estar fundamentado na relação entre língua e identidade étnica. Pois usar a língua influencia na identidade do grupo, que, por sua vez, influencia os padrões de atitude e uso linguísticos. (CORBARI e SELLA 2013, p. 529).

### 3.6 CONTATOS LINGUÍSTICOS

Conforme Raso, Melo e Altenhofen (2011), a história do Brasil, após a chegada do homem branco é uma história de contatos linguísticos. O português “conviveu e ainda convive em lugares e domínios de repertório com muitas outras línguas, e o próprio português do Brasil mudou em grande parte pelas influências de línguas diferentes”. (p. 13).

Ser um país pluricultural e plurilinguístico faz com que as línguas estejam constantemente em contato. Somos um país multilíngue pelas diversas línguas faladas aqui, mas também pela diversidade da própria língua portuguesa. “Além das variantes regionais, sociais e estilísticas do português do Brasil, como língua comum e oficial, a presença de etnias diversas resultou num quadro variado de línguas, falares, dialetos que convivem lado a lado com a língua oficial.” (MARGOTTI, 2004, p. 45).

Para Coseriu (1982, p. 16), ninguém fala o português, o alemão, “o que se fala é sempre alguma forma do português, do alemão”<sup>21</sup>. O que entra em contato são as variedades de uma língua. Romaine (1995) afirma que a história de uma língua está diretamente associada à história das gerações de seus falantes. Pensando na história do Brasil, os contatos entre as línguas indígenas, africanas, de

---

<sup>20</sup> AYZEN, Icek; FISHBEIN, Martin. **Understanding Attitudes and Predicting Social Behavior**. Englewood Cliffs: Prentice-Hall, 1980.

<sup>21</sup> No original: “*lo que se habla es siempre alguna forma del [portugués] del [alemán]*”.

imigração e o português de Portugal ajudaram a formar e marcam até hoje a língua oficial do país, o português brasileiro. Ela conclui que a fusão ou convergência entre dois sistemas pode criar um novo. Foi o que aconteceu pelo contato entre o português brasileiro e as línguas dos imigrantes italianos, alemães e poloneses que vieram para o Brasil no período de colonização. Daí surgiram as variedades *talian*, *Hunsrückisch* e o dialeto polonês analisados nessa pesquisa.

Quando falamos em contato linguístico, estamos, na maioria das vezes, tratando da oralidade, pois as variedades orais são mais fluídas e mutáveis, porém de difícil documentação e recuperação ao longo do tempo. Silva (2011) destaca que o contato entre línguas é um fenômeno comum que faz parte da história linguística e social da maioria das fronteiras nacionais e nem sempre coincide com as fronteiras linguísticas ou com os processos de imigração e com a colonização de outros países. Sendo assim, o resultado do contato depende do tipo de relação que as respectivas comunidades estabelecem entre si e da duração do contato.

Mota (1996 apud Silva, 2011)<sup>22</sup> ressalta que de uma situação inicial de contato, e de acordo com as condições em que se desenvolve, podem surgir dois cenários:

(i) de bilinguismo, que implica a aquisição de uma segunda língua e a manutenção da primeira com influências de uma sobre outra; (ii) de abandono progressivo (em certos extremos, abruptos) ou deslocamento da primeira língua em favor da adoção da segunda como única língua da comunidade. (MOTA, 1996 apud SILVA, 2011, p.16).

A seguir, abordaremos especificamente essas duas possibilidades que surgem a partir do contato entre línguas, mas ressaltamos que não as únicas, há outras que não serão detalhadas aqui.

### 3.6.1 Bilinguismo

Vale começar afirmando que o bilinguismo é uma das possíveis consequências do contato linguístico. Algumas das definições dadas ao fenômeno, apresentam-se a seguir (apud Romaine, 1995):

- Blommfield's (1933) afirma que o bilinguismo é o controle de duas línguas como nativas.
- Haugen (1953) acredita que o bilinguismo começa quando o falante de uma língua consegue produzir sentenças completas e significantes em outra língua.
- Diebold (1964) questiona sobre qual a proficiência mínima requerida para ser bilíngue.

---

<sup>22</sup> MOTA, Maria A. C. Línguas em contato. In: FARIA, Isabel H.; PEDRO, Emília R.; DUARTE, Inês e GOUVEA, Carlos A.M. (orgs.) Introdução à Linguística Geral e Portuguesa. Lisboa: Caminho (Coleção Universitária, série Linguística), 1996.

Com o tempo, os teóricos foram aproximando-se da realidade e rompendo a barreira do bilíngue ideal. O conceito de bilinguismo que nos orienta é o elaborado por Mackey (1972), o qual diz que o bilinguismo deve ser considerado relativo, pois não há como marcar o momento em que se passa a ser bilíngue. Ele sugere que o assunto seja tratado a partir de 4 questões: grau, função, alternância e interferência e essas questões não podem ser tratadas isoladamente.

Ao contrário do que muitos pensam, ser bilíngue não é dominar com eficiência as quatro habilidades em mais de uma língua e em diversos contextos, mas mensurar o grau de bilinguismo do indivíduo também não é uma tarefa simples. Segundo Romaine (1995), é possível que os bilíngues não adquiram competência completa em nenhuma das línguas que eles falam.

Ainda para Mackey (1972), o bilinguismo é de domínio individual e resulta do contato entre sujeitos de comunidades linguísticas diferentes, não limitando-se a apenas 2 línguas. Coseriu (1982) classifica o bilinguismo em interno - de uma mesma língua histórica, incluída na língua comum e dialetos primários e externo - entre línguas históricas diferentes.

Para Romaine (1995), há diversas possibilidades de um indivíduo aprender uma segunda língua, tornando-se bilíngue. Esse processo pode acontecer de forma simultânea, consecutiva ou sucessiva. A autora apresenta, em sua literatura, seis tipos de aquisição bilíngue na infância. Cada categoria varia de acordo com fatores como a língua nativa dos pais, a língua da comunidade e a estratégia usada pelos pais para falar com a criança. A categoria que aborda mais a mistura e a interferência entre as línguas é, segundo ela, a mais frequente em contextos de aquisição bilíngue natural em sociedades multilíngues.

A aquisição da segunda língua pode acontecer de forma direta, quando se pensa a respeito e proporciona-se ao indivíduo alguma instrução formal, na escola ou em ambientes destinados a esse fim, ou de forma indireta, natural e sem instrução. Romaine (1995) reforça que a idade em que a aprendizagem acontece pode ter consequências no nível e nos tipos de habilidades que se desenvolvem.

Weinreich (1968 apud Romaine, 1995)<sup>23</sup> acredita que há diferenças na maneira com que as línguas são aprendidas. As mais comuns distinções sobre os tipos de bilinguismo são o bilinguismo composto e bilinguismo coordenado. No primeiro, a pessoa aprende as duas línguas no mesmo contexto. Há uma representação fundida das línguas no cérebro. Já no segundo, a pessoa aprende as

---

<sup>23</sup> WEINREICH, Uriel. **Languages in Contact: Findings and Problems**. The Hague: Mouton, 1968. [Originally published as Publications of the Linguistic Circle of New York, no. 1, 1953.]

línguas em ambientes separados. Por exemplo, uma pessoa que tem como primeira língua o inglês, aprende francês na escola. As duas línguas são associadas a contextos diferentes.

Há pesquisas que se apresentam contrárias ao bilinguismo, reforçando seus efeitos negativos, como os estudos anteriores a 1960, que indicavam que crianças monolíngues estavam 3 anos à frente de crianças bilíngues em várias habilidades relacionadas à inteligência verbal e não verbal. Outras pesquisas apontam os efeitos positivos do bilinguismo, como o fato de crianças bilíngues serem mais conscientes e conseguirem entender que há significados diferentes na realização das duas línguas. O bilinguismo também promove o pensamento criativo.

Há 30 vezes mais línguas do que países no mundo, por isso o bilinguismo perpassa a política e a ideologia cultural. Dessa forma, Romaine (1995) acredita que o bilinguismo é um recurso a ser cultivado e não um problema a ser superado.

### **3.6.2 Manutenção e Substituição Linguística**

Uma língua sempre influencia a outra, por isso linguistas históricos utilizaram o bilinguismo para explicar algumas mudanças nas línguas. Línguas não são estáticas, são organismos vivos e estão em processo de mudança sempre, assim como os sujeitos que as utilizam, que nunca são os mesmos. As línguas precisam mudar para acompanhar a evolução das sociedades, caso contrário, se apagariam com muita facilidade.

Denominam-se minoritárias as línguas que, devido a um processo de imigração ou migração, entram em contato com outra língua de um grupo dominante. Houve também, no decorrer da história, imposições linguísticas devido a fenômenos políticos e econômicos.

“Em processos de imigração, os falantes de línguas distintas da oficial do país que as recebe têm uma acentuada perda linguística. Dessa forma, percebemos que, cada vez mais, falantes usam a língua majoritária em domínios que anteriormente falavam a minoritária.” (WEPIK, 2017, p. 49).

Quando ocorre a substituição de uma língua por outra, não necessariamente os falantes o fazem de forma consciente ou intencional. Conforme Appel e Muysken (2005), a vitalidade do grupo garante as chances de sobrevivência de uma língua. Assim, a alta vitalidade da língua minoritária leva à manutenção (pelo menos por mais tempo), enquanto que a baixa vitalidade resulta na mudança para a língua majoritária, visto que a vitalidade refere-se ao número de domínios, ou seja, às territorialidades em que determinada língua é usada. E quando a língua é

falada em menos territorialidades<sup>24</sup>, seu valor diminui e com isso diminui a motivação dos jovens em aprender e usar tal língua.

A motivação para a mudança inicia quando os falantes percebem que a língua majoritária lhes traz melhores oportunidades educativas e profissionais. Há casos em que a morte de uma língua é precedida pelo bilinguismo e troca ampla de código. Para Raso, Mello e Altenhofen (2011, p. 19):

A morte de uma língua não é necessariamente decorrente de uma operação violenta, se por violência entendemos o contato de alguma forma militar. Sua origem pode estar no fato de que uma outra língua (no caso americano, uma língua europeia, representada no Brasil pelo português) se torna cada vez mais prestigiosa ou necessária para trabalhar ou em geral para ter acesso aos bens de uma sociedade controlada por outra língua/cultura.

Como já foi mencionado anteriormente, as línguas representam os povos, as culturas, ou seja, constituem identidade. Portanto, a morte de uma língua afeta várias instâncias sociais, por isso é preciso trazer à tona a discussão sobre a manutenção das línguas.

Foi devido a substituição das línguas minoritárias pelas dominantes que os termos (1) linguicídio e (2) linguicismo surgiram. Eles são utilizados para tratar do processo e do resultado possível das mudanças linguísticas. Segundo Skutnabb-Kangas & Philipson (1996), os termos são definidos como: (1) a morte ou exterminação de uma língua, resultado final de um processo, um conceito análogo à morte natural e (2) preconceito em relação a uma língua, um conceito análogo ao racismo, ideologia e prática que reproduz uma divisão desigual de poder e recursos entre grupos definidos pela língua.

O linguicismo trata das ações de dominação de uma língua a favor de outra ou das atitudes negativas da comunidade em relação a sua própria língua. O linguicismo geralmente precede o linguicídio.

Conforme Skutnabb-Kangas & Philipson (1996), o linguicídio pode ser passivo (resultado da modernização) ou ativo. Os autores dividem os agentes causadores em dois grupos:

- ⊙ Estruturais: estado, instituições (educação), leis e regulamentações, projetos, etc.
- ⊙ Ideológicos: normas e valores atribuídos a diferentes línguas e seus falantes.

Ainda de acordo com Skutnabb-Kangas & Philipson (1996), aprender línguas dominantes é uma experiência subtrativa para falantes de língua minoritárias, enquanto os falantes de línguas dominantes que aprendem outras línguas, normalmente o fazem de maneira aditiva.

---

<sup>24</sup> Altenhofen (2011) define territorialidade como o espaço de uso real ou potencial de uma variedade ou variante linguística.

Então, conclui-se que não há nada de natural em uma língua morta. Há causas que podem ser identificadas e analisadas. É a partir de atitudes positivas, programas e políticas em torno das línguas que se previne o linguicismo e o linguicídio, pois uma língua só será considerada morta se todos os falantes deixarem de utilizá-la.

Fishman (2006) propõe uma teoria de reversão da mudança linguística que descreve a situação da língua e prescreve o tratamento. Para ele um programa de democracia cultural é necessário a fim de tornar o país seguro para o multilinguismo caseiro. Primeiramente, as autoridades não precisam fazer qualquer coisa em nome das línguas desfavorecidas, mas sim abster-se de ações de oposição. Por meio de uma postura permissiva, as línguas permanecem expostas à lei darwiniana da selva lingüística: os fortes sobrevivem e os fracos morrem. Mas nem sempre precisa ser desse jeito, cabe aos próprios falantes, além da comunidade e governantes, promover as línguas e agir em favor de sua manutenção.

Para evitar que uma língua morra, são necessárias políticas linguísticas de manutenção. De acordo com Appel & Muysken (2005), a vitalidade linguística depende da combinação de três fatores: (1) *status* (econômico, social, sócio-histórico e linguístico); (2) demografia (número de falantes de uma língua minoritária e sua distribuição geográfica); (3) suporte institucional. É, portanto, conforme Altenhofen (2004), necessário considerar as decisões e escolhas linguísticas das instâncias menores que o Estado, a escola, a família, a igreja ou a administração local.

### 3.7 TERMOS DE PARENTESCO

Segundo Weisgerber (1962 apud Horst, 2011)<sup>25</sup>, tudo e todos estão envolvidos por uma lógica natural. No caso dos seres humanos, aplica-se o termo parentesco, no qual todos os indivíduos têm lugar através da relação com os demais, podendo ser identificado e diferenciado. Quanto à origem do parentesco, Bourguignon (1989 apud Horst, 2011)<sup>26</sup> destaca que os sistemas de parentesco são uma criação humana, porém seus fundamentos já existiam entre os primatas.

Ghasarian (1996) destaca que ligadas ao parentesco, estão as estruturas sociais e o funcionamento das sociedades tradicionais, visto que a organização do parentesco coincide com a

---

<sup>25</sup> WEISGERBER, Leo. **Grundzüge der inhaltbezogenen Grammatik**. Düsseldorf:3. Auflage. Pädagogischer Verlag Schwann, 1962.

<sup>26</sup> BOURGUIGNON, André. **L'Homme Imprévu. Histoire Naturelle de l'Homme**. Paris: Presses universitaires de France. 1989.

organização econômica, política e social. Para o autor, em todas as sociedades humanas os indivíduos recebem os primeiros elementos de seu estatuto e da sua identidade social através do parentesco. Uma pessoa sem parentes não tem posição social. Batalha (1995) também ressalta que as relações de parentesco são a principal forma de organização social.

Conforme Horst (2011), na sociedade os indivíduos precisam constituir grupos de cooperação e estes normalmente são constituídos com base no parentesco, que origina ajuda mútua e gera apoio e segurança. O parentesco foi de grande importância nas sociedades tradicionais, mas continua sendo importante no que se refere aos sentimentos. A separação entre parentes e não-parentes é fundamental para diferenciar uns dos outros.

Lange & Kuchinke (1989 apud Horst, 2011)<sup>27</sup> comentam que, a partir do crescente desenvolvimento das cidades e grande mobilidade dos integrantes da família, a definição de parentesco ultrapassou os limites da casa e por isso passou a receber diferentes nomeações. Batalha (1995) complementa, afirmando que as diferenças nas designações e relações de parentesco correspondem às diferenças nos direitos e deveres dos indivíduos que constituem o núcleo doméstico.

Sobre a terminologia e os sistemas de parentesco, para Ghasarian (1996) a terminologia é uma verdadeira linguagem que classifica os parentes em categorias e subcategorias. Ao aprender os termos de parentesco, a criança aprende a comportar-se de uma maneira apropriada relativamente às pessoas a quem esses termos se aplicam. O termo de parentesco é, na prática, uma etiqueta sobre a qual se pode apor um comportamento.

Batalha (1995) e Ghasarian (1996) destacam que nem toda relação de parentesco é biológica. Dessa forma, Batalha (1995) classifica o parentesco como resultado da conjugação de dois princípios: afinidade e consaguinidade. O primeiro refere-se a relação de parentesco entre dois grupos distintos através do casamento, quando a relação se estabelece também entre os grupos aos quais os indivíduos pertencem. O segundo é a relação pela filiação sanguínea, da qual resulta a descendência, estabelecida por relações que se estendem por mais de duas gerações. Galvão (2006) identifica parentes consanguíneos como indivíduos ligados pelo sangue, descendentes do mesmo ancestral ou participantes da mesma árvore genealógica.

---

<sup>27</sup> LANGE, Heinrich & KUCHINKE, Kurt. **Lehrbuch des Erbrechts**. München: C. H. Beck'sche Verlagsbuchhandlung, 1989.

Geckeler (1973 apud Horst, 2011)<sup>28</sup>, assim como Ghasarian (1996), ao considerarem o tipo de parentesco, deparam-se com o parentesco sanguíneo e por aliança. O primeiro grupo envolve laços sanguíneos, mesmo que distantes, e o segundo é a relação pelo casamento, quando o integrante de uma família origina um novo grupo de parentes.

Geckeler (1973 apud Horst, 2011) define os termos de parentesco de acordo com alguns critérios: tipo, geração, gênero, idade e lateralidade. Ele destaca as relações possíveis entre parentes em: sanguíneos, das quais surgem os seguintes termos: pai, mãe, irmão, irmã, neto, neta, avô, avó, tio, tia, primo, prima, sobrinho, sobrinha, bisneto, bisneta, bisavô e bisavó. Também podemos ter: padrasto, madrasta, enteado e enteada; e por aliança, a partir do casamento.

O casamento, que é a união de duas pessoas por laços matrimoniais de cunho civil ou religioso, é conhecido como parentesco por aliança, que faz com que os contraentes aumentem a sua parentela. Ainda segundo Geckeler (1973), pelo critério da aliança surge um número ainda maior de relações e os termos: marido, mulher, filho, filha, sogro, sogra, cunhado, cunhada, genro e nora.

Conforme Horst (2011), a partir da proibição do incesto, em 3000 a.C., surgiu uma nova ordem (Lévi-Strauss, 1982), pois, com a exogamia, os grupos humanos passaram a se relacionar, deixando de lado as relações naturais da consanguinidade e adotando as relações culturais da aliança. O casamento no Brasil, conforme o Código Civil Brasileiro<sup>29</sup>, é monogâmico e até 2013 somente podia realizar-se entre um homem e uma mulher. A partir de então, entrou em vigor a Resolução n. 175/2013 do Conselho Nacional de Justiça (CNJ) permitindo o casamento entre casais do mesmo sexo. Isso deve-se a ampliação do conceito atual de família.

Segundo Lobo (2005, p. 91) são famílias “saídas de uniões sucessivas e que integram pais, filhos, padrastos, enteados, avós, irmãos, meio-irmãos.” Com o passar dos tempos, conforme Horst (2011), as uniões consensuais estão tomando o lugar do casamento oficial tendo como causas a praticidade e a liberdade, o que fez surgir um número significativo de famílias do tipo recomposta. Todos os tipos de famílias recompostas partilham dinâmicas e características estruturais específicas e únicas, diferenciando-as dos outros tipos de configurações familiares.

Lobo (2005) divide a família recomposta em dois grupos: simples e complexa. Uma família recomposta simples é quando um casal, casado ou não, vive no mínimo com uma criança nascida de

---

<sup>28</sup> GECKELER, Horst. **Strukturelle Semantik des Französischen**. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1973.

<sup>29</sup> **Código Civil Brasileiro**. Disponível em : [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2002/110406.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110406.htm), acessado em 05/06/2017.

uma união precedente de pelo menos um dos cônjuges. No entanto, uma estrutura mais complexa é aquela em que tanto o homem como a mulher foram casados anteriormente, ambos foram pais e trouxeram consigo as crianças para a nova família.

Desse tipo de relacionamento surgem os termos padrasto e madrasta, adulto cujo companheiro(a) tem pelo menos uma criança de uma relação anterior. E também enteado e enteada, indivíduo cujo pai ou mãe, ou ambos, vivem com um(a) parceiro(a) que não é o seu pai ou a sua mãe biológicos.

Goldschmidt (2004) acrescenta a categoria de parentes espirituais, que são os padrinhos, madrinhas, afilhados e compadres, relações que se dão no momento do batismo e da confirmação.

Segundo Ghasarian (1996), o padrinho e a madrinha são o homem e a mulher escolhidos pelos pais biológicos, que seguram na criança durante a cerimônia do batismo cristão. Posteriormente, eles têm o dever de tomar conta da criança, em caso de morte dos pais naturais. Assim, com o batismo, geram-se dois sistemas de relações, do apadrinhamento e do compadrio.

Fukui (1979 apud Horst, 2011, p. 30)<sup>30</sup> ressalta que:

a escolha dos parentes espirituais está relacionada com o estreitamento das relações, por um lado, dentro da própria família, como por exemplo, com o cunhado ou primos; mas também com os vizinhos, uma vez que estes, pela proximidade de residência, podem passar a ter contatos mais frequentes em virtude deste laço espiritual que surge entre eles, por ocasião do batismo.

Com base nas definições e explicações expostas neste tópico, optamos por estudar as atitudes linguísticas, nos contextos desta pesquisa, a partir dos termos de parentesco, devido a força que estes exercem sobre os indivíduos. São termos utilizados com bastante frequência e referem-se a organização da sociedade na qual estamos inseridos. Desta forma, supomos que é um grupo de variantes do qual os informantes terão maior facilidade em tratar por se sentirem familiarizados.

---

<sup>30</sup> FUKIU, Lia Freitas Garcia. **Sertão e bairro rural: parentesco e família entre sitiantes tradicionais**. São Paulo: Ática, 1979.

## 4. METODOLOGIA

Este estudo utiliza informações pertencentes ao banco de dados Atlas das Línguas em Contato na Fronteira: Oeste Catarinense (ALCF-OC), coletados a partir de 2015, e também ao Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata (ALMA), coletados a partir de 2007. Destaco que parte dos dados foi coletada por mim, enquanto pesquisadora do grupo ALCF-OC, em 2017. A partir dos questionários, objetivou-se a coleta das crenças linguísticas dos falantes bilíngues em relação as suas línguas, por meio de questões metalinguísticas, e também a coleta das atitudes linguísticas, o uso efetivo da língua, por meio dos termos de parentesco, questionário lexical.

Este capítulo, então, descreve os procedimentos metodológicos utilizados para o desenvolvimento desta pesquisa. Serão apresentadas, inicialmente, as dimensões de análise e, posteriormente, a descrição dos pontos, seleção dos informantes, como procedemos na coleta, transcrição, seleção e sistematização dos dados.

### 4.1 DIMENSÕES ANALISADAS

Conforme prevê a Dialetologia Pluridimensional e Relacional (Thun 1996, 2005, 2010), esta pesquisa concentra-se em dimensões binárias com o objetivo de ampliar a coleta de dados em tempo e espaço. As dimensões selecionadas para análise foram as consideradas padrão (diastrática, diageracional e diassexual) e também a dialingual, em três pontos de pesquisa, Chapecó, contato *talian*-Pt.-RS, São Carlos *Hunsrückisch*-Pt.-RS e Nova Erechim polonês-Pt.-RS, ambas localizadas na região oeste de Santa Catarina. Serão utilizados dois estilos de coleta de dados, que correspondem à aplicação de questionários, um metalinguístico e outro lexical, com ênfase nas respostas espontâneas às perguntas, e também registros feitos em caderno de campo, a partir de observações durante as coletas de dados.

### 4.2 DESCRIÇÃO DOS PONTOS

A pesquisa será desenvolvida em três cidades do oeste catarinense: Chapecó, São Carlos e Nova Erechim. Essas localidades foram escolhidas devido a sua colonização e por apresentarem um número considerável de habitantes bilíngues, tendo uma língua minoritária em contato com o *Pt.-*

RS. Chapecó-SC foi colonizada por mais de uma etnia, porém a que se instalou em maior proporção foi a italiana, objeto deste estudo. Na cidade de São Carlos-SC, a predominância é da etnia alemã. Em Nova Erechim-SC, há dois grupos étnicos representativos, descendentes de poloneses que migraram de Áurea-RS, os quais são alvo deste estudo, e também italianos, os quais são a maioria. Essa questão tem relação com a formação histórica das localidades.

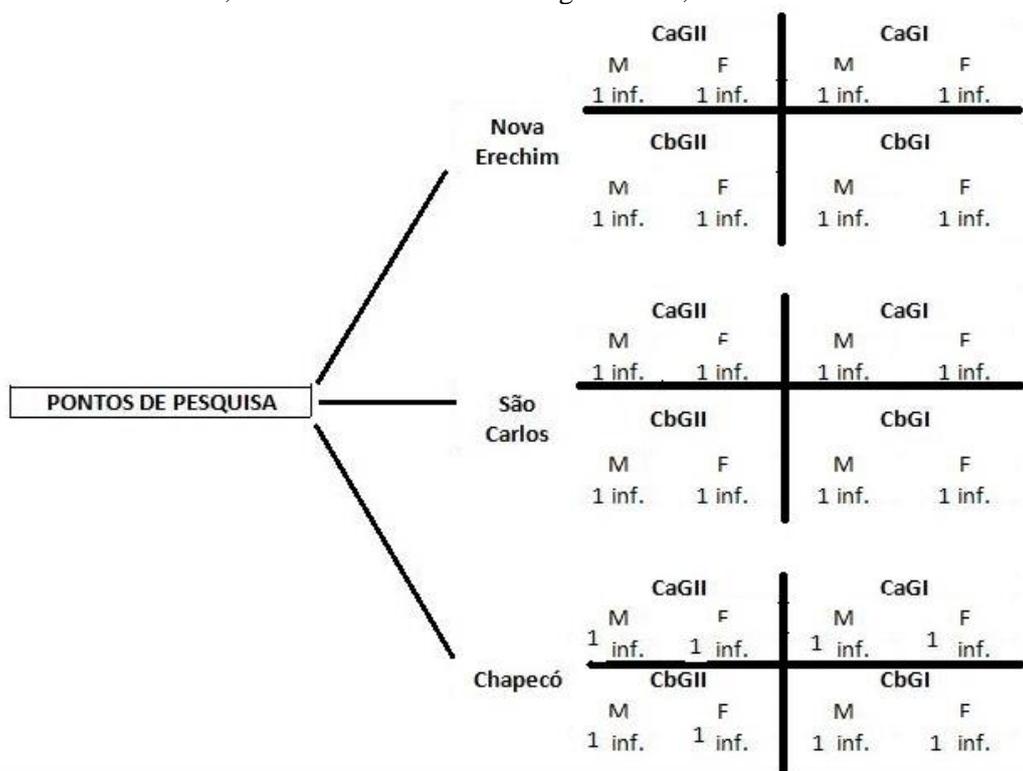
Há uma grande diferença populacional entre os municípios de São Carlos-SC (10.291 habitantes) e Nova Erechim-SC (4.275 habitantes), em relação à Chapecó-SC (210.000 habitantes). Devido a tal diferença, pensamos em ampliar o número de informantes de Chapecó (para 16), porém, como consideramos apenas indivíduos ítalo-brasileiros desta localidade para o estudo, não foi possível encontrar todos os informantes que se enquadrassem nos requisitos definidos para a pesquisa. Após análise da situação, chegamos a conclusão que aumentar o número de informantes em Chapecó-SC não seria significativo, pois mesmo tendo um índice populacional tão superior, a representatividade de informantes ítalo-brasileiros é baixa, mantendo a proporcionalidade em relação aos demais pontos de coleta.

#### 4.3 SELEÇÃO DOS INFORMANTES

Os informantes deste estudo são descendentes de poloneses em Nova Erechim-SC, italianos em Chapecó-SC e alemães em São Carlos-SC, preferencialmente falantes das respectivas línguas de imigração. Também residem nas respectivas localidades há pelo menos 3/4 da vida, obrigatoriamente nos últimos cinco anos.

A descrição dos informantes segue o princípio da metodologia Pluridimensional e Relacional de Thun (1996), ou seja, em cada ponto serão entrevistados oito informantes que se encaixam nos quatro grupos sociais que constituem a cruz de Thun (2010): CaGI, CaGII, CbGI, CbGII, além de, em cada uma dessas células, considerar-se um homem e uma mulher (dimensão diassexual), conforme exposto na figura 5.

Figura 5: Distribuição dos informantes nos municípios de Nova Erechim, São Carlos e Chapecó, em Santa Catarina, conforme as dimensões diageracional, diassexual e diastrática



Fonte: Princípio da Pluridimensionalidade (Thun, 1996) adaptado por HASSELSTRON (2018).

#### 4.4 COLETA DE DADOS

Este estudo se relaciona com o projeto Atlas das Línguas em Contato na Fronteira – Oeste Catarinense (ALCF-OC), portanto, para coletar os dados sobre crenças e atitudes linguísticas foram utilizadas duas partes do questionário ALCF, mais especificamente o capítulo 1, parte III (crenças), e o capítulo 2, parte IX (termos de parentesco), a partir dos quais iremos inferir as atitudes linguísticas. Ressalta-se que o questionário foi aplicado na língua alvo, salvo algumas exceções em que os informantes não compreendiam a pergunta, sendo necessária a tradução para o português.

Para a coleta das crenças, foram feitas 21 perguntas que tratam de aspectos metalinguísticos, como padrões identitários e constituição da identidade linguística. Essas questões são direcionadas a um dos objetivos da pesquisa, que é avaliar as crenças linguísticas em relação às línguas minoritárias em contato com o português de cada localidade. O questionário (ANEXOS 2, 3 e 4) está organizado de acordo com o tipo de resposta, opção entre o português ou a língua minoritária, sim ou não e subjetivas.

Para a coleta das atitudes linguísticas, usamos a parte lexical do questionário (ANEXOS 5, 6 e 7), sobre os termos de parentesco. São 40 perguntas que visam identificar o uso efetivo da língua minoritária pelos informantes bilíngues, sendo 21 sobre os termos sanguíneos, 12 sobre os termos por aliança e 6 sobre os termos espirituais.

Os dados do questionário lexical forneceram informações quantitativas que possibilitaram averiguar o uso ou substituição das línguas minoritárias nas dimensões diastrática, diageracional e diassexual, conforme estabelecido nos objetivos da pesquisa.

Todos os dados coletados foram gravados (gravador Handy Recorder *H4n*) e também registrados por escrito, em questionário impresso. Foram marcadas as respostas espontâneas, por insistência e as sugeridas, referentes aos três tipos de termos de parentesco - sanguíneo, de aliança e espiritual. Estes passos, “perguntar, insistir e sugerir”, seguem a técnica em três tempos, desenvolvida por Thun nos atlas linguísticos da trilogia rio-platense (ADDU, ALGR e ALMA). Segundo Thun (1998) o princípio da sugestão baseia-se na concepção de que fazem parte do repertório de variantes da comunidade também aquelas formas que, mesmo não sendo mais faladas, são de conhecimento passivo dos falantes.

Além das novas coletas, foram utilizados dados do banco de dados do projeto ALCF-OC, já coletados em pesquisas anteriores, especificamente os dados do polonês de Nova Erechim-SC, os quais foram coletados por Wepik (2017). Ressalto que não sou falante da variedade polonesa, por isso, além dos dados, alguns comentários referentes a essa variedade são referenciados a partir de Wepik (2017). Em São Carlos-SC, apenas as questões referentes às crenças linguísticas foram coletadas para esta pesquisa, pois as atitudes, com os termos de parentesco, já haviam sido coletadas pelo projeto Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata - *Hunsrückisch* (ALMA-H). Portanto, também são utilizados dados do banco do ALMA-H.<sup>31</sup> Quando foi possível, no caso dos informantes serem conhecidos ou da mesma família, houve coleta simultânea<sup>32</sup>. As demais entrevistas foram individuais.

O Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata (ALMA) é um macroprojeto desenvolvido em conjunto pelas áreas de Romanística (da Christian-Albrechts-Universität de Kiel, Alemanha) e Germanística (do Instituto de Letras da Universidade Federal do

---

<sup>31</sup> A opção pelo uso de dois bancos de dados (ALCF-OC e ALMA-H) deve-se a relação que estabelecem entre si. Ambos projetos realizam coletas e estudos no município de São Carlos-SC e a orientadora desta pesquisa, Dra. Cristiane Horst, foi um dos quatro inquiridores do projeto ALMA-H e também é coordenadora do projeto ALCF-OC.

<sup>32</sup> Juntaram-se dois informantes, um feminino e outro masculino, ambos da mesma classe social e da mesma geração, a fim de realizar juntos a entrevista.

Rio Grande do Sul, Brasil), sob a coordenação de Harald Thun (Kiel) e Cléo V. Altenhofen (UFRGS), desde 2007. Os pressupostos teórico-metodológicos que fundamentam a elaboração do ALMA orientam-se pela Dialectologia Pluridimensional e Relacional (Thun 1996).

O objetivo geral do projeto é constituir de um banco de dados linguísticos e etnográficos da variedade *Hunsrückisch* em contato com o português e o espanhol em uma rede de 41 pontos de pesquisa selecionados na Bacia do Prata, envolvendo Paraguai (3), Misiones na Argentina (3) e sul do Brasil, nos estados do Rio Grande do Sul (23), Santa Catarina (6) e Paraná (3).

A metodologia de coleta e análise dos dados segue quatro princípios fundamentais do modelo teórico: pluralidade de informantes, comparabilidade dos dados (para fins de cartografia e de comparação com outros estudos), interdisciplinaridade e completude (visão de conjunto dos contextos de uso) e pluridimensionalidade da variação linguística.

O macroprojeto ALMA-H está vinculado a outros Atlas Linguísticos, como o Atlas Linguístico Diatópico e Diastrático do Uruguai (ADDU); Atlas Linguístico e Etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS), Atlas das Línguas em Contato na Fronteira – Oeste Catarinense (ALCF-OC) e o Atlas Linguístico do Brasil (AliB).

#### 4.5 TRANSCRIÇÃO E SISTEMATIZAÇÃO DOS DADOS

Após a coleta, as amostras foram primeiramente transcritas e organizadas conforme os questionários, de crenças e lexical. As questões de crenças com respostas objetivas foram organizadas em quadros para facilitar a visualização e a análise descrita no item 5.1.

Com os dados lexicais, elaboramos os quadros disponíveis nos anexos 8, 9 e 10. Utilizamos a técnica em três tempos, com o registro individual de cada resposta espontânea, por insistência e sugestões aceitas ou não aceitas. Devido às delimitações de uma dissertação de mestrado, optamos por trabalhar apenas com as respostas espontâneas de cada informante. As respostas novas dadas pelos informantes, que não estavam previstas no questionário, foram transcritas e identificadas com realce em itálico.

Os quadros, tanto de crenças quanto o lexical, foram estratificados por língua (*Pol.*, *talian* e *Hr.*) e de acordo com as dimensões diageracional (GI e GII), diassexual (masculino e feminino) e diastrática (Ca ou Cb).

O item 5.2 apresenta a análise detalhada das respostas do questionário lexical (termos de parentesco). Foi feita a contabilização de todas as variantes obtidas espontaneamente, em cada

contato/língua minoritária (*Pol.*, *talian* e *Hr.*) e também em *Pt.-RS*. Após a contagem, elaborou-se três quadros, um para cada contato, contendo o número total de respostas espontâneas separadas entre as dimensões de análise, a língua minoritária e o português, e também entre os três tipos de termos de parentesco (sanguíneo, aliança e espiritual). Esses quadros (9, 10 e 11) também estão expostos neste tópico.

A partir dos dados numéricos totais foram calculadas as percentagens específicas para cada dimensão, de acordo com os objetivos da pesquisa. Em seguida foram desenvolvidos gráficos para ilustrar esses dados nas dimensões diastrática, diageracional, diassexual e dialingual.

Por último, no item 5.3, após as análises específicas de cada dimensão em cada língua minoritária individualmente, fez-se a comparação entre os dados para verificar as semelhanças e diferenças nas crenças e atitudes linguísticas de diferentes contatos.

## 5. ANÁLISE DE DADOS

Neste capítulo desenvolvemos a análise dos dados de crenças e das atitudes linguísticas, obtidas por meio da aplicação dos questionários em anexo, por falantes descendentes de poloneses, italianos e alemães, nas localidades de Nova Erechim, Chapecó e São Carlos, em Santa Catarina.

De acordo com a metodologia proposta pela Dialetoologia Pluridimensional e Relacional de Thun (1998), cada ponto conta com oito informantes. Porém, Nova Erechim-SC teve apenas 7 informantes, pois não foi encontrada a informante feminina da célula CbGI (até 36 anos, sem ensino superior).

Em São Carlos-SC também há uma especificidade. O informante masculino da CbGI, no questionário lexical, manifestou-se apenas em três momentos da coleta, quando foram sugeridos os termos *Vater* e *Alt*, para referir-se ao pai e *Urwowwo*, para referir-se ao bisavô. A entrevista para coleta dos dados com esse informante deu-se simultaneamente à informante feminina, por isso inferimos que ele não se manifestou pois concordava com o que estava sendo dito e só manifestou-se quando havia algo diferente a dizer. Nos três momentos em que ele se posicionou, a mulher havia ficado em silêncio e, após ouvi-lo, concordou com a resposta dada por ele. Para marcar as resposta “em aberto”, optamos por utilizar a sigla (I), de resposta inexistente. De qualquer forma, devido a utilização de apenas respostas espontâneas para a análise dos dados lexicais, as respostas inexistentes não interferem nos resultados.

Ambos questionários, o metalinguístico e também o lexical, deveriam ser aplicados na língua alvo, polonês, italiano ou alemão, de acordo com a localidade, porém, tanto em *talian* (dados coletados por mim) quanto em polonês (dados coletados por Wepik (2017), mais do que em alemão (dados coletados por Horst (2007) e Krug (2017)), muitas explicações e traduções foram necessárias para uma melhor compreensão. Wepik (2017) explica que, para os informantes da GII de Nova Erechim-SC, o questionário foi aplicado todo em polonês, mas para os informantes da GI o mesmo foi realizado em português, pois eles não compreendiam a língua.

As questões para inferir as crenças linguísticas foram organizadas, para facilitar a análise dos dados, em respostas objetivas e subjetivas. Ressalta-se que mesmo nas questões objetivas, os comentários e opiniões foram considerados. Consideraremos, para esse primeiro olhar, apenas as respostas espontâneas obtidas pelo questionário lexical, dos termos de parentesco.

Algumas variantes como *molher* (termo 45), nas respostas em *talian*, e *Gurichen* (termo 26), *Sobrinhe* (termo 38) e *Prime* (termo 40), em *Hunsrückisch*, se assemelham bastante a forma em *Pt.-*

RS, mas, quando ditos espontaneamente, foram considerados, para esta pesquisa, como sendo pertencentes à sua respectiva língua minoritária devido ao contexto de uso.

Os dados de cada localidade e respectivo contato são apresentados a seguir a partir de tabelas e gráficos, individualmente, para responder aos objetivos da pesquisa. Este capítulo está organizado em três tópicos, alguns divididos em subtópicos, da seguinte forma:

- a) O tópico 5.1 analisa individualmente os dados metalinguísticos para identificar as crenças dos falantes em relação a sua respectiva língua minoritária, polonês, italiano ou alemão. Este tópico subdivide-se em outros quatro:
  - b) O tópico 5.1.1 analisa as respostas dos informantes polono-brasileiros de Nova Erechim-SC;
  - c) O tópico 5.1.2 analisa as respostas dos informantes ítalo-brasileiros de Chapecó-SC;
  - d) O tópico 5.1.3 analisa as respostas dos informantes teuto-brasileiros de São Carlos-SC;
  - e) O tópico 5.1.4 compara os resultados obtidos nas três línguas/localidades;
- f) O tópico 5.2 descreve e analisa individualmente as respostas espontâneas do questionário lexical dos termos de parentesco (sanguíneo, por aliança e espiritual) em cada dimensão (diatrática, diageracional e diassexual). Este tópico subdivide-se em outros quatro:
  - g) O tópico 5.2.1 expõe os resultados individuais espontâneos a partir da dimensão diastrática – Ca e Cb;
  - h) O tópico 5.2.2 apresenta os resultados individuais espontâneos a partir da dimensão diageracional – GI e GII;
  - i) O tópico 5.2.3 mostra os resultados individuais espontâneos a partir da dimensão diassexual – M e F;
  - j) O tópico 5.2.4 compara os resultados entre as três línguas/localidades, *Pol.* em Nova Erechim-SC, *talian* em Chapecó-SC e *Hr.* em São Carlos-SC nas dimensões, diastrática, diageracional, diassexual e dialingual;
- k) O tópico 5.3 relaciona as crenças e atitudes linguísticas dos informantes, a partir das respostas aos questionários metalinguístico e lexical.

## 5.1 CRENÇAS LINGUÍSTICAS

O questionário de crenças linguísticas utilizado nessa pesquisa é constituído por 21 questões, 8 com respostas subjetivas e 13 com possibilidade de respostas objetivas. Essas 13 perguntas objetivas estão divididas em dois grupos, o primeiro com opção de resposta português ou a respectiva língua minoritária e o segundo com opção de resposta sim ou não, conforme exposto nos quadros 1 e 2 a seguir.

Quadro 1: Questões sobre crenças linguísticas (1 a 7) que exigiram respostas objetivas

Nº da questão	Perguntas
1	Que língua costuma falar na família?
2	Em que língua gosta de conversar mais?
3	De modo geral, em que língua costuma falar mais?
4	Qual é sua língua materna? Como aprendeu o <i>Pt.-RS</i> ?
5	Quando vem visita, que língua prefere usar?
6	Que língua você fala nas seguintes ocasiões no seu município?
6.1	No correio
6.2	No mercado - lojas
6.3	No sindicato
6.4	No restaurante
6.5	Na prefeitura
6.6	No posto de saúde
6.7	No confessionário
6.8	No posto de gasolina
6.9	No trabalho
7	Quando você encontra um estranho na rua de sua cidade em que língua você fala com ele?

Fonte: KRUG (2013), adaptado por WEPIK (2017).

Quadro 2: Questões sobre crenças linguísticas (8 a 13) que exigiram respostas objetivas: Sim ou Não.

Nº da questão	Perguntas
8	8. Já lhe aconteceu de estar com alguém que sabia a sua língua de casa, (língua minoritária), mas insistia em só falar <i>Pt.-RS</i> ?
9	9. Acha importante que os filhos aprendam a língua minoritária dos pais? Por quê?
10	10. Existem situações em que você ou as pessoas têm vergonha de falar a língua minoritária?
11	11. Acha que deveria ter ensino da língua minoritária?
12	12. Quando fala <i>Pt.-RS</i> , você mistura com a língua minoritária?
13	13. Quando fala na língua minoritária, você mistura com o <i>Pt.-RS</i> ?

Fonte: KRUG (2013), adaptado por WEPIK (2017).

As questões metalinguísticas permitem perceber o que os informantes pensam e sentem acerca das suas línguas. Os subtópicos a seguir mostram e analisam os quadros com as respostas

individuais das questões objetivas e também comentam as questões subjetivas. Eles estão organizados de acordo com a localidade e sua respectiva língua minoritária.

### 5.1.1 Crenças linguísticas: polono-brasileiros em Nova Erechim-SC

A partir das questões expostas nos quadros 1 e 2, grupo de questões objetivas referente às crenças linguísticas, apresentam-se no quadro 3 as respostas individuais, obtidas em Nova Erechim-SC com os informantes polono-brasileiros.

Quadro 3: Resultados individuais das questões objetivas (1 a 7) – Crenças linguísticas – Polônês.

Responderam Pol. (●) Responderam Pt.-RS (○) Responderam ambas Pol. e Pt.-RS (◐) Sem Informante (I)								
NOVA ERECHIM/SC								
N° da questão	CaGII		CaGI		CbGII		CbGI	
	M	F	M	F	M	F	M	F
1	○	○	○	○	●	●	○	I
2	○	○	○	○	●	●	○	I
3	○	○	○	○	◐	◐	○	I
4	●	◐	○	○	●	●	○	I
5	○	○	○	○	◐	◐	○	I
6.1	○	○	○	○	○	○	○	I
6.2	○	○	○	○	○	○	○	I
6.3	○	○	○	○	○	○	○	I
6.4	○	○	○	○	○	○	○	I
6.5	○	○	○	○	○	○	○	I
6.6	○	○	○	○	○	○	○	I
6.7	○	○	○	○	○	○	○	I
6.8	○	○	○	○	○	○	○	I
6.9	○	○	○	○	○	○	○	I
7	○	○	○	○	○	○	○	I

Fonte: Dados do ALCF-OC, coletados por WEPIK (2017) e adaptados por HASSELSTRON (2018).

A partir das respostas da questão 1, percebe-se que somente os dois informantes da CbGII falam o *Pol.* na família, os demais informantes usam somente o *Pt.-RS*. As respostas foram as mesmas ao serem questionados sobre a língua em que gostam de conversar mais, questão 2. Devido a maioria das pessoas com quem se relacionam não saber falar em *Pol.*, o português é o preferido, pois é a língua com a qual se relacionam diariamente e afirmam sentir segurança ao usá-la. Novamente, apenas os informantes da CbGII preferem o *Pol.*.

Também, ao serem questionados em qual língua falam mais, questão 3, cinco dos sete informantes falam apenas o *Pt.-RS*. Os informantes da CbGII disseram falar ambas as línguas. De acordo com Wepik (2017), em casa e com os vizinhos e filhos falam o *Pol.*, mas com os netos e a comunidade em geral, falam o *Pt.-RS*, como podemos perceber na fala do informante CbGII-M:

É, entre nós, só polonês, agora, assim, fora de casa, é tudo em português. (CbGII-M – Nova Erechim-SC).

Isso vem ao encontro do que afirma Margoti (2004), que os falantes reproduzem o estado da língua adquirido no começo da vida. Os falantes da CbGII, bem como o informante da CaGII-M afirmaram ter o *Pol.* como língua materna, questão 4. Ainda, a informante CaGII-F diz ter duas línguas maternas, o *Pt.-RS* e o *Pol.* Dos informantes pertencentes à GI, todos têm como língua materna o *Pt.-RS*. Aqui observamos que a GII teve o *Pol.* mais presente em sua vida, desde a infância, por isso atilizam e valorizam mais esta língua.

A pergunta 4 incitou outra, que visava perceber como os informantes que têm como língua materna o *Pol.* aprenderam o *Pt.-RS*. Segundo Wepik (2017), todos destacaram que aprenderam o *Pt.-RS* a partir do momento em que iniciaram a vida escolar, visto que as aulas eram ministradas em *Pt.-RS*.

Quando questionados sobre a língua que preferem usar quando vem visita, questão 5, os informantes da CbGII responderam a Wepik (2017) que depende da visita. Se forem descendentes de poloneses que falam a língua, usam o *Pol.*, caso contrário usam o *Pt.-RS*. Aos demais informantes, que preferem usar o *Pt.-RS*, a pesquisadora estabeleceu a hipótese de que a visita só falasse *Pol.* Eles disseram que não haveria comunicação entre eles. Talvez até conseguissem entender algo, mas não conseguiriam falar. Percebemos aqui uma perda linguística em curso, na comparação em tempo aparente, da GII para a GI. É o que ilustra a fala do informante da CaGI-M:

Muito basicamente, algumas palavras eu entendi, mas eu propriamente dialogar com ela será difícil, se eu estar com ela eu vou entender algumas palavras que ela vai me colocar, mas muito pouco. (CaGI-M – Nova Erechim-SC).

O informante da CaGII-M também destaca que:

Entender, até eu entendo razoavelmente, só pra me expressar eu tenho dificuldade, hoje. (CaGII-M – Nova Erechim-SC)

Ao serem perguntados sobre a língua que usam em diferentes ocasiões em seu município, questão 6, percebeu-se que os informantes não usam mais a língua minoritária na comunidade. Em Nova Erechim-SC, onde a imigração italiana é predominante, o *Pol.* é usado somente em ambientes familiares, conforme observações de Wepik (2017).

Já na questão 7, ao serem questionados sobre qual língua usam para falar com um estranho na sua cidade, a resposta foi unânime: *Pt.-RS*. Aqui observa-se que o uso do *Pol.* é uma forma de identificação entre os falantes e sempre que surge alguém desconhecido ou que os informantes acreditam que não fale ou não compreenda o *Pol.*, usam o *Pt.-RS*.

As próximas questões, 8 a 13, têm sim e não como opção de resposta e os resultados estão expostos no quadro a seguir.

Quadro 4: Resultados individuais das questões objetivas (8 a 13) – Crenças linguísticas – Polônês.

		Responderam Sim (●) Responderam Não (○) Sem Informante (I)							
		NOVA ERECHIM/SC							
Nº da questão	CaGII		CaGI		CbGII		CbGI		
	M	F	M	F	M	F	M	F	
8	●	●	●	●	●	●	●	I	
9	●	●	●	●	●	●	●	I	
10	○	○	●	●	●	●	●	I	
11	●	○	●	●	●	●	●	I	
12	○	○	○	○	●	●	○	I	
13	●	●	○	●	●	●	●	I	

Fonte: Dados do ALCF-OC, coletados por WEPIK (2017) e adaptados por HASSELSTRON (2018).

A partir dos dados do quadro 4, podemos perceber que todos os informantes conhecem alguém que sabe falar a sua língua de casa, o *Pol.*, mas insiste em só falar o *Pt.-RS*, questão 8. Segundo Wepik (2017), todos destacam que este é um dos motivos pelo qual a língua está morrendo.

Ao serem questionados se acham importante que os filhos aprendam o *Pol.* dos pais, questão 9, a resposta geral foi favorável a transmissão do conhecimento da língua aos filhos. Os motivos, conforme Wepik (2017), consistem em manter as origens, a tradição, não deixar morrer a história e a língua dos antepassados. Também destacaram a importância de saber mais de uma língua e conhecer outra cultura. Os informantes lamentam que os pais e avós conversavam em *Pol.*, mas não se interessavam em transmitir a língua para as novas gerações. Segundo eles, muitas vezes a geração mais velha falava em *Pol.* a fim de que as crianças não entendessem.

Questionou-se, também, se os informantes têm vergonha de falar *Pol.*, ou, para a maioria dos informantes que não falam *Pol.*, se as pessoas que eles conhecem têm vergonha de falar tal língua de imigração, questão 10. Cinco dos sete informantes responderam que sim, conhecem pessoas que tem vergonha. Wepik (2017) explica que alguns informantes relataram que já tiveram vergonha, mas que hoje não têm mais. Dois informantes responderam que eles ou as pessoas não têm vergonha de falar em *Pol.*

Ao serem interrogados se deveria ter ensino de *Pol.*, questão 11, somente a informante da CaGII-F disse que não, que atualmente não há necessidade de estudar a língua, como observamos em seu relato:

Acho que não. Pra nós aqui não tem sentido, né, só se mesmo alguém que pretende viajar pra fazer intercâmbio é interessante, se não, não, está se acabando né. Não tem necessidade [...]. (CaGII-F – Nova Erechim-SC).

Segundo Wepik (2017), o informante da CaGII-M relatou que deveria ter ensino de *Pol.*, mas que não fosse obrigatório. Os demais destacaram que deveria ter ensino de *Pol.*, mesmo que fosse o básico, para manter a comunicação na língua, pois o ensino dela ajudaria na valorização. Eles estão cientes de que, nas próximas gerações, o uso do *Pol.* vai terminar, será usado somente o *Pt.-RS*.

Outra questão visava perceber se os informantes, ao falar em *Pt.-RS*, misturam com o *Pol.*, questão 12. Os informantes da CbGII disseram que sim, que essa mistura acontece. Os demais não misturam as línguas ao falar em *Pt.-RS*, mas relataram a Wepik (2017) que percebem que isso acontece com alguns parentes e conhecidos.

A última questão buscou saber se ao falar em *Pol.* os informantes misturam com o *Pt.-RS*, questão 13. Seis dos sete informantes responderam que sim, quem fala em *Pol.* mistura com o *Pt.-RS*. Wepik (2017) relata que os informantes que não falam o *Pol.* também percebem essa mistura nas pessoas que falam.

As demais questões (14 a 21)<sup>33</sup> tiveram respostas subjetivas, as quais não foram tabeladas, mas foram pontuados e analisados os aspectos mais relevantes para a análise.

Ao responderem o que acham das pessoas que só falam *Pt.-RS* e nunca sua própria língua de casa, o *Pol.*, questão 14, segundo Wepik (2017), o informante da CaGII-M disse sentir dificuldade em opinar, pois, muitas vezes, os filhos (que já são pais) não herdaram o conhecimento da língua. A informante da CaGII-F relaciona o não uso da língua ao fato de não ter mais com quem se comunicar, como podemos ver em sua fala:

Ah, isso acontece porque foi se perdendo né, aí não teve mais com quem se comunicar e eles acabam indo para o português que se torna mais fácil, né. (CaGII-F – Nova Erechim-SC).

O não uso da língua polonesa se deve ao fato dela não ser muito valorizada. É o que destaca, a partir de Wepik (2017), o informante da CbGII-M, que muitas pessoas são polonesas somente de sobrenome, mas não sabem falar ou tem vergonha da sua língua.

---

<sup>33</sup> Questionário disponível no anexo 2.

Estudos de Horst (2011), Horst (2014) e Wehrmann (2016), voltados ao contato português-alemão, mostram uma situação diferente. As famílias conversam em alemão (variedades), estimulando, dessa forma, o uso da língua pelos filhos. Já a pesquisa de Bortolotto (2015), sobre o contato português-italiano se aproxima do *Pol.* (nosso estudo e de Wepik (2017)), apresentando resultados que confirmam o pouco uso pelos falantes da GI.

A questão 15 visava perceber o que os informantes acham dos jovens que não falam mais a língua dos pais, o *Pol.* Wepik (2017) expõe que os informantes da GI perceberam ser esse o caso deles próprios e lamentam não ter aprendido. A informante da CaGI-F destaca que o afastamento da família, ou seja, quando deixaram de conviver com os avós, o *Pol.* deixou de ser usado e hoje se usa só o *Pt.-RS* por ser mais prático.

Os informantes da CaGII apresentam opiniões diferentes, segundo Wepik (2017). O informante M comenta que o *Pol.* falado na Polônia é diferente e o que se utiliza na região é um dialeto arcaico, que não tem o mesmo valor, como vemos em sua fala:

Não tenho assim, opinião formada, nem crítica, nem favorável, eu acho até que pela dificuldade, porque como nós, e o nosso polonês é um dialeto bastante arcaico já, então é difícil querer insistir que se mantenha isso porque hoje, se for utilizado o polonês atual, tem muitas palavras que não são mais aplicadas. Então precisaria ter acesso ao conhecimento da língua presente, não do passado, porque o nosso dialeto ele é muito antigo, [...]. (CaGII-M – Nova Erechim-SC).

A fala do informante acima deixa clara a noção de certo e errado que se apresenta na sociedade. O polonês padrão, assim como o *Pt.-RS*, é considerado correto e assim goza de um maior prestígio. Já o *Pol.* falado no sul do Brasil é considerado um dialeto “antigo, arcaico” e, dessa forma, as pessoas não sentem a necessidade de manter a língua. Essa noção de certo e errado se apresenta também nos contatos com outras línguas de imigração, por exemplo, nas variedades do alemão e do italiano, conforme Wehrmann (2016) e Bortolotto (2015).

Wepik (2017) destaca o que a informante CaGII-F diz, que os jovens não falam mais o *Pol.* por não haver mais necessidade em Nova Erechim-SC:

Como eu vivo numa região de italianos eu não sinto assim, a falta do polonês, não sinto falta, por isso eu acho que os jovens também não, tem muito pouco polonês e também já os idosos acabaram ficando talvez em outras cidades, né, vem só os mais novos, ou porque casou com alguém de outra língua, né, então não vejo assim uma necessidade para outros, né, eu gostaria de continuar falando fluentemente como eu conversava polonês, mas, hoje estou tropeçando bastante. (CaGII-F – Nova Erechim-SC).

A questão 16 perguntava em que situações o informante usa o *Pol.* e em que situações usa o *Pt.-RS*. A partir de Wepik (2017) percebemos que os informantes da GI, responderam que não falam o *Pol.* Os informantes da GII disseram usar o *Pol.* sempre que há pessoas de origem polonesa

que sabem a língua, porém se há pessoas que não compreendem, mesmo que seja uma única pessoa, usam o *Pt.-RS*.

A partir da questão 17 buscou-se saber se os informantes percebem diferenças no *Pol.* falado em seu município e em outras localidades e qual a diferença. Wepik (2017) destaca que os informantes percebem que há diferenças, mas em relação ao *Pol.* falado na Polônia. Eles dizem que o *Pol.* local é misturado, atrapalhado, deturpado. A informante da CaGII-F reforça essa ideia:

Há, tem diferença, ela já vem deturpada, todas as línguas, né, seja ela italiana, seja polonesa, já vem bem atravessada. (CaGII-F – Nova Erechim-SC).

O informante da CbGII-M também destaca que o *Pol.* aqui falado é antigo, arcaico, além de estar misturado com o *Pt.-RS*:

Aqui o que falam é a fala antiga, a renovada não [...] é, misturam sim, o nosso polonês aqui ele já tem bastante palavras em português, porque nem que tu fala em polonês, mas algum significado da palavra não é correto, já é pego do português. (CbGII-M – Nova Erechim-SC).

Também buscou-se perceber como foi ou é na igreja e na escola o uso do *Pol.*, na questão 18. Segundo Wepik (2017), os informantes da GII, que fizeram a catequese<sup>34</sup> no RS, destacam ter sido em *Pol.*, bem como eram as missas. Porém, ao mudarem para Nova Erechim-SC, passou a ser tudo em *Pt.-RS*, devido ao grande número de italianos no local. Os informantes da GI sempre usaram o *Pt.-RS* tanto na igreja quanto na escola.

Na questão 19 perguntou-se aos informantes como acham que as pessoas que vem de fora, de outros lugares, veem as pessoas originárias, que nasceram e vivem no município de Nova Erechim-SC. Conforme Wepik (2017), alguns informantes acreditam que o município, além de ser simples, pequeno, é visto de forma positiva.

O informante da CaGI-M ressalta que a visão é positiva visto que o município se destaca pela formação das pessoas, dos profissionais. Wepik (2017) reafirmou esta informação ao não ter encontrado, no município, a informante da CbGI-F. Isso permitiu-lhe supor que o grau de instrução na localidade seja elevado e a maioria dos jovens cursam o ensino superior. Segundo ela, o informante da CbGII-M também acredita que o município seja visto de forma positiva e somente a informante CaGI-F acredita que Nova Erechim-SC seja vista como um povo do interior, uma cidade pequena, pacata, sem muitas coisas para fazer, uma cidadezinha parada.

---

<sup>34</sup> Chama-se catequese a instrução religiosa cristã. É um rito de iniciação, em que a pessoa ouve o anúncio do Evangelho.

A, eles acham que Nova Erechim é um lugar assim mais calmo, mais aconchegante, de um povo mais acolhedor... *Bardziej przyjemny, tutaj nasze ludzi polskie, tu my jeszcze mówimy po polsku.* (CbGII-M – Nova Erechim-SC).<sup>35</sup>

Ao serem perguntados sobre como se sentem mais, se poloneses, gaúchos/catarinenses ou brasileiros, questão 20, cinco informantes responderam que se sentem poloneses, sendo os dois informantes da CbGII, o informante da CbGI-M, a informante da CaGII-F e a informante da CaGI-F, a qual destaca, a partir de Wepik (2017), sentir-se polonesa por conviver com os costumes e pessoas de descendência polonesa, mesmo que não saiba falar a língua. O informante da CaGII-M sente-se brasileiro de descendência polonesa. O informante CaGI-M sente-se brasileiro.

Para concluir, investigou-se quem os informantes acreditam que fale melhor o *Pol.*, de modo geral, questão 21. A maioria dos informantes respondeu que:

são as pessoas mais velhas, os avós, e pessoas das gerações passadas. Outros responderam que são as pessoas que estudam o *Pol.*, os professores de *Pol.*, visto que os demais falam atrapalhado e misturado. (WEPIK 2017, p. 84).

Segundo Wepik (2017), o informante da CaGII-M disse ser os próprios residentes do país de origem que falam melhor a língua. Já a informante da CaGII-F destacou que os primeiros imigrantes, das gerações passadas, falavam melhor o *Pol.*, mas atualmente aquela língua não existe mais. Os informantes da CbGII acreditam ser eles próprios que falam melhor o *Pol.*, segundo a fala do informante M:

Nós, eu acho que aqui no Brasil, falamos melhor o polonês, mais bonito, porque outros lugares já não falam assim [...]. É, acho que nós mesmos, a nossa descendência, a nossa geração [...] sim, quando se encontramos com os poloneses da nossa geração, então a gente ainda preserva e fala. (CbGII-M – Nova Erechim-SC).

---

<sup>35</sup> Tradução: A, eles acham que Nova Erechim é um lugar assim mais calmo, mais aconchegante, de um povo mais acolhedor... Muito acolhedor, aqui nossa gente polonesa, que aqui ainda falamos polonês. (CbGII-M – Nova Erechim-SC).

### 5.1.2 Crenças linguísticas: ítalo-brasileiros em Chapecó-SC

A partir das questões expostas nos quadros 1 e 2, grupo de questões objetivas referente às crenças linguísticas, apresentam-se no quadro 5 as respostas individuais, obtidas em Chapecó-SC com os informantes ítalo-brasileiros.

Quadro 5: Resultados individuais das questões objetivas (1 a 7) – Crenças linguísticas – *talian*.

Nº da questão	CHAPECO/SC							
	CaGII		CaGI		CbGII		CbGI	
	M	F	M	F	M	F	M	F
1	●	●	○	○	●	●	●	●
2	●	●	○	○	○	●	●	○
3	○	○	○	○	○	○	○	○
4	○	○	○	○	○	●	●	●
5	○	○	●	○	○	○	○	○
6.1	○	○	○	○	○	○	○	○
6.2	○	○	○	○	○	○	○	○
6.3	○	○	●	○	○	○	○	○
6.4	○	○	○	○	○	○	○	○
6.5	○	○	○	○	○	○	○	○
6.6	○	○	●	○	○	○	○	○
6.7	○	○	-	○	○	○	-	-
6.8	○	○	○	○	○	○	○	○
6.9	○	○	●	○	○	●	○	●
7	○	○	○	○	○	○	●	●

Fonte: Dados do ALCF, coletados por HASSELSTRON (2018).

A partir das respostas do quadro 5, observamos que somente os dois informantes da CaGI falam apenas *Pt.-RS* com a família, resposta da 1ª questão. Os demais seis informantes usam tanto o *talian* quanto o *Pt.-RS* com os familiares, mas eles explicam que o uso é maior entre os familiares com mais idade e que o uso da língua minoritária restringe-se a alguns contextos, como brincadeiras e xingamentos.

A 2ª questão buscou identificar em qual língua os informantes gostam de conversar mais. Somente a informante da CbGII-F respondeu que gosta mais do *talian*. Ela disse que sente-se alegre quando pode se comunicar com alguém na língua minoritária. Os informantes da CaGII e o informante da CbGI-M gostam de ambas as línguas, o *talian* e o *Pt.-RS*. Os demais preferem usar o *Pt.-RS*, pois é a língua que a comunidade em geral compreende, então sentem-se mais seguros.

Perguntamos, na 3ª questão, em qual língua costumam falar mais, de modo geral, e as respostas foram unânimes, todos utilizam mais o *Pt.-RS*. Chapecó-SC é uma localidade de muita mistura étnica. Antigamente a predominância era de descendentes italianos, mas o desenvolvimento do município fez com que as culturas se mesclassem intensamente. Devido a esse fator, a partir das anotações do caderno de campo, percebe-se que o *Pt.-RS* é a língua que se impõe em todos os contextos, restringindo o uso da língua minoritária ao lar, e ainda de forma reduzida.

Também procuramos saber qual é a língua materna dos informantes, 4ª questão. Os informantes da CaGII, da CaGI e o informante da CbGII-M disseram ser o *Pt.-RS*. Essas respostas parecem contraditórias, pois, no decorrer das entrevistas, eles relatam falar em *talian* com os avós e com os pais quando eram crianças. Por falta de conhecimento linguístico, muitas pessoas têm um conceito equivocado para o termo língua materna, o qual, conforme explica Altenhofen (2002), apresenta uma polissemia de sentidos. Muitos falantes desconhecem que é possível se ter mais de uma língua materna, por isso desconsideram, neste caso o *talian*, porque utilizam-no pouco ou não utilizam mais. A dúvida fica em se tratar da primeira língua aprendida ou da língua dominante.

Este dados nos remetem, também, ao bilinguismo, outro conceito que, no senso comum, é mal interpretado. Para ser bilíngue, o falante não precisa ter fluência em todas as habilidades. Por isso, como não conseguem ler e escrever em *talian*, a qual é uma língua predominantemente oral, os informantes não se consideram conhecedores. A informante da CbGII-F e os informantes da CbGI reconhecem o *talian* como língua materna juntamente com o *Pt.-RS*, pois se comunicam nas duas línguas desde pequenos.

A 5ª questão questionou qual língua preferem usar quando recebem visitas. Todos, exceto o informante da CaGI-M, preferem usar o *Pt.-RS*. Eles justificam que é mais prático usar a língua nacional porque todos conhecem, então não há risco de errar ou não conseguir se comunicar. O informante CaGI-M diz que usa as duas línguas, dependendo quem é a visita. Se ele sabe que a pessoa sabe *talian*, vai usá-lo, caso contrário usa o *Pt.-RS*

Ao serem perguntados sobre a língua que usam em diferentes ocasiões em seu município, 6ª questão, obtivemos o *Pt.-RS* na maior parte das respostas. Isso demonstra que são poucos os locais públicos em que é possível encontrar o uso do *talian* na localidade. O informante da CaGI-M afirma que no sindicato e no posto de saúde da sua comunidade, que fica no interior do município de Chapecó-SC, é possível encontrar pessoas se comunicando em *talian*. Ele diz que também utiliza a língua, mas de forma restrita, pois não se considera fluente. Este informante tem duas ocupações, é agricultor e trabalha com seu pai e avô em propriedade familiar e também é corretor da bolsa de valores. Quando está trabalhando com os familiares, na propriedade, usa o *talian* em muitos momentos, principalmente para se comunicar com o avô.

As informantes femininas da CbGII e da CbGI também afirmam usar o *talian* durante o trabalho. A primeira é servente aposentada e usava a língua minoritária para conversar com algumas colegas da mesma descendência e faixa etária. A segunda é agricultora e trabalha na propriedade dos pais, os quais se comunicam em *talian*.

Na 7ª questão, ao serem questionados sobre qual língua usam para falar com estranhos nas ruas da sua cidade, seis dos oito informantes responderam *Pt.-RS*. Apenas os informantes da CbGI usam tanto o *talian* quanto o *Pt.-RS*. Eles explicam que, se for na comunidade onde vivem e for uma pessoa mais velha, vão cumprimentar em *talian* e, se a pessoa responder, seguem a conversa na língua minoritária. Se for no centro da cidade, usarão primeiro o *Pt.-RS*. A partir destas respostas, percebemos que o *talian* tornou-se uma língua para os mais velhos e que vivem afastados do centro. A partir desta situação podemos supor que essa variedade está caminhando em direção ao desaparecimento, pois são os moradores mais velhos, do interior, que a representam e, infelizmente, se não for realizado um trabalho de conscientização linguística, primeiramente a nível nacional, depois estadual, para que ocorra, por fim, um movimento local, com a morte destes, a morte da língua será consequência. Por isso é necessário dar vida a esse tema e divulgar as ações de revitalização linguística.

As questões seguintes, 8 a 13, têm sim e não como opção de resposta e os resultados estão expostos no quadro a seguir.

Quadro 6: Resultados individuais das questões objetivas (8 a 13) – Crenças linguísticas- *talian*.

Nº da questão	Responderam Sim (●)				Responderam Não (○)			
	CHAPECÓ/SC							
	CaGII		CaGI		CbGII		CbGI	
	M	F	M	F	M	F	M	F
8	○	○	●	●	●	●	○	●
9	●	●	●	●	●	●	●	●
10	○	○	○	○	○	○	○	○
11	○●	○●	●	●	●	●	●	●
12	●	●	●	●	●	●	●	●
13	●	●	●	●	●	●	●	●

Fonte: Dados do ALCF-OC, coletados por HASSELSTRON (2018).

Conforme exposto no quadro 6, cinco dos oito informantes dizem que sim, conhecem alguém que sabe o *talian*, mas insiste em só falar *Pt.-RS*, 8ª questão. Somente os informantes da CaGII e o CbGI-M dizem que não, pois acreditam que todos os que sabem o *talian* usam a língua sem sentir vergonha, mesmo estando cientes que ocorre uma mistura com o *Pt.-RS*.

Obtivemos resposta unânime para a 9ª questão, todos os informantes acham importante que os filhos aprendam a língua minoritária, neste caso o *talian*, dos pais. A informante da CaGII-F comenta que entre seus filhos, um estuda italiano padrão e o outro fala um pouco da variedade. Ela

diz que a transmissão da língua aos filhos é importante para a manutenção da cultura e é lindo ver as crianças falarem em *talian*:

É fabuloso, pois só os velhos falam. (CaGII-F – Chapecó-SC).

Pedimos aos informantes se eles têm vergonha de falar *talian* em alguma situação, 10ª questão. Todos disseram que não sentem vergonha, mas dois informantes, o da CaGI-M e da CbGII-M acham que não falam o “correto”, mesmo assim gostam e sentem orgulho da língua e da cultura.

O que os falantes consideram como errado, é resultado de *Code-Mixing*, uma mistura de códigos, algo comum em todos os contextos e com todas as línguas. As misturas de traços fonéticos, fonológicos e gramaticais não são erros. Isso é um dos mitos expostos por King & Mackey (2007), que as línguas devem manter-se separadas e a mistura indica confusão. Ao contrário disso, ela representa a vivacidade das línguas, as quais, assim com os indivíduos que as utilizam, estão sempre em construção.

Sobre se deveria ou não ter ensino de *talian*, 11ª questão, todos acham que sim, pois ajudaria na manutenção da história e da cultura. O informante da CaGII-M, bem como sua esposa, a qual foi a informante F do mesmo grupo, concordam em partes. Eles pensam que outras línguas estrangeiras, como o espanhol e o inglês, são mais úteis socialmente, principalmente para os negócios, pois são línguas universais.

*Io penso che lé cosí oncoi, el inglese è la lengua universale e el spagnolo è la seconda lengua que mas se usa anche en tel comércio, em tuttie che cose che è necessário, e el talian è la lengua latina che non se parla molto en negócio em relazione com altri países principalmente. Mas seria bonito sim se ensinasse na escola, porque è una lengua bella e la cultura principalmente. En el sud del paese tene muitos italianos. (CaGII-M – Chapecó-SC).<sup>36</sup>*

O Brasil, por ser um país pluriétnico e plurilíngue, deveria incentivar mais na propagação das diferentes línguas, através de políticas linguísticas. Não é o que acontece, por isso, como expôs o informante da CaGII-M, o português, língua nacional, e as línguas estrangeiras, como o inglês e o espanhol, são dominantes e se impõe social e comercialmente.

As últimas duas questões objetivas, 12ª e 13ª, indagavam se os informantes ao falar em *Pt.-RS* misturam o *talian* e, se ao falar em *talian*, misturam o *Pt.-RS*, respectivamente. Em ambas situações a resposta foi sim entre todos.

---

<sup>36</sup> Tradução: Eu penso que é tão bom, o inglês é a língua universal e o espanhol é a segunda língua que mais se usa também no comércio, em tudo que é necessário, e o *talian* é a língua latina que não se fala muito nos negócios em relação aos outros países principalmente. Mas seria bonito sim se ensinasse na escola, porque é uma língua bonita e principalmente a cultura. No sul do país tem muitos italianos.

As demais questões (14 a 21) <sup>37</sup> tiveram respostas subjetivas, as quais não foram tabeladas, mas os aspectos mais relevantes para esta pesquisa são tratados a seguir.

Na 14ª questão, sobre o que acham das pessoas que sabem *talian*, mas só falam *Pt.-RS* e nunca sua própria língua de casa, os informantes da CaGII acreditam que isso acontece por falta de oportunidade, porque quando se cria, por exemplo, um grupo de *whatsapp* ou nas festas de família, fala-se bastante em *talian*, mas no dia a dia isso não acontece. Os informantes da CaGI percebem que quem ainda fala mais são os mais velhos e, com isso, a cultura da língua vai ficando de lado. Os pais deveriam incentivar, mas isso também não acontece. Os demais informantes, pertencentes as células CbGII e CbGI, avaliam que é uma perda ruim e deveria-se praticar mais e manter a língua pelo menos entre o casal, quando o casamento é intraétnico (entre a mesma etnia), pois não é uma língua difícil.

Segundo estudo realizado por Horst (2011), no que se refere ao uso da língua minoritária, o casamento interétnico (entre etnias diferentes) pode, de fato, ser um fator relevante. Segundo ela, isso deve-se ao mito instaurado de que quando indivíduos de grupos étnicos distintos contêm matrimônio, seja aconselhado optar pelo *Pt.*, língua comum para ambos.

Para a 15ª questão, a respeito dos jovens que não falam mais a língua dos pais, o *talian*, os informantes, no geral, acreditam que isso acontece por falta de oportunidade e de incentivo, principalmente dos pais, os quais não repassaram a língua minoritária por não achar necessário. Por outro lado, os jovens também não demonstram interesse em aprender. O informante da CaGII-M acrescenta que o foco, atualmente, está nas línguas predominantes, como o inglês e o espanhol.

A partir das anotações do caderno de campo, identificamos que a opção dos pais de não transmitir aos filhos sua língua minoritária deve-se, grande parte, ao regime ditatorial instaurado por Getúlio Vargas, a política de nacionalização, que impôs a aprendizagem e a comunicação somente em português durante um período. Os migrantes e imigrantes, pertencentes a outras etnias e falantes de outras línguas, sofreram muito com a imposição, sendo obrigados a aprender o português, de forma dura e constrangedora. Temendo que os filhos passassem pela mesma situação, optaram por não repassar essa língua.

Quando questionados, na 16ª pergunta, sobre as situações em que falam *talian* e em quais o *Pt.-RS*, todos disseram que a língua minoritária aparece bastante nas festas e encontros de família e, principalmente, com os familiares mais velhos, pois os mais jovens entendem pouco. A informante

---

<sup>37</sup> Questionário disponível no anexo 3.

da CaGI-F também usa algumas palavras em *talian* quando está brava, para xingar. A respeito do Pt.-RS, usam com mais frequência e em todas as situações.

Na 17ª questão, sobre as diferenças entre o *talian* falado em Chapecó-SC e o italiano de outras localidades, todos remeteram-se ao italiano padrão, falado na Itália. Os informantes acreditam que há diferenças, mas que é possível compreender bem. Todos comentam que dentro da própria Itália há diferentes dialetos italianos. Reformulamos a pergunta para saber se acreditam haver diferenças no italiano falado em locais próximos, no mesmo estado ou no Brasil. O informante da CaGI-M disse que conhece poucos lugares, mas que já conversou com falantes que vivem no RS e também no PR e não percebeu diferenças. Os informantes da CbGII conhecem uma comunidade (Linha Bento) de um município vizinho, Cordilheira Alta-SC, onde se fala um outro dialeto chamado bergamasco, o qual, segundo eles, é bastante diferente. Já os informantes da CbGI não opinaram, pois nunca ouviram italiano em outros estados.

Ao relatarem como foi ou é o uso do *talian* na escola e na igreja, a partir da 18ª questão, todos disseram que usavam só o Pt.-RS em ambos locais. O informante da CaGII-M acrescenta que em casa, antes das refeições, sempre rezavam em *talian*, mas na igreja não. O informante da CaGI-M diz que atualmente, na sua comunidade, Colônia Cella, interior de Chapecó-SC, o padre é descendente de italianos e fala em *talian*, então, às vezes, mistura a língua minoritária durante o sermão, nas celebrações.

Para a 19ª questão, a respeito das percepções das pessoas de fora sobre as originárias, que nasceram e vivem em Chapecó-SC, os informantes fizeram comentários semelhantes. A CaGI acredita que as pessoas respeitam as diferenças e acham interessante, principalmente a comida e a música, pois “toda cultura tem o seu valor”. (CaGI-F – Chapecó-SC). A respeito do uso do *talian* no município, a CaGII pensa que é difícil ouvir manifestações, a não ser entre aqueles que se conhecem e sabem que falam a variedade.

“Aqui se fala muito pouco *talian*”. (CbGII-F – Chapecó-SC).

A 20ª pergunta é sobre o sentimento dos informantes em relação à sua nacionalidade ou descendência. A eles perguntamos se sentem-se mais italianos ou brasileiros, e seis informantes responderam que sentem-se tanto um quanto outro. Os informantes da CaGII acrescentam que ambos possuem dupla cidadania. Apenas a informante da CaGI-F sente-se mais italiana, devido aos costumes, e o informante da CbGII-M sente-se mais brasileiro.

A última pergunta, 21ª, buscou saber quem fala melhor o *talian*. Todos os informantes acreditam ser os mais velhos, pois são eles que praticam mais e, com isso, a manutenção entre eles é maior.

### 5.1.3 Crenças linguísticas: teuto-brasileiros em São Carlos-SC

A partir das questões expostas nos quadros 1 e 2, grupo de questões objetivas referente às crenças linguísticas, apresentam-se no quadro 7 as respostas individuais, obtidas em São Carlos-SC com os informantes teuto-brasileiros.

Quadro 7: Resultados individuais das questões objetivas (1 a 7) – Crenças linguísticas – *Hunsrückisch*.

Nº da questão	SAO CARLOS/SC							
	CaGII		CaGI		CbGII		CbGI	
	M	F	M	F	M	F	M	F
1	○	●	○	●	●	●	●	●
2	●	○	●	●	●	●	○	○
3	○	○	○	○	●	●	●	●
4	●	●	●	●	●	●	●	●
5	○	●	●	●	●	●	●	●
6.1	○	●	○	○	●	●	●	●
6.2	○	●	●	●	●	●	●	●
6.3	○	●	●	○	●	●	●	●
6.4	○	●	○	○	●	●	●	●
6.5	○	●	●	●	●	●	●	●
6.6	○	●	○	○	●	●	●	●
6.7	○	--	●	○	--	●	●	●
6.8	○	●	●	●	●	●	●	●
6.9	○	●	●	●	●	●	●	●
7	●	●	○	○	●	○	○	○

Fonte: Dados do ALCF, coletados por KRUG (2017).

A partir dos dados do quadro 7, referente a questão 1, que língua costumam falar na família, observamos que apenas os informantes da Ca-M não falam o *Hr.* na família. As informantes da Ca-F e da CbGII-F usam tanto o *Pt.*-RS quanto o *Hr.* com os familiares. Já os informantes da CbGI e o da CbGII-M usam apenas o *Hr.*

Quando perguntamos em que língua gostam de conversar mais, questão 2, as respostas foram diferentes das anteriores. Os informantes da CbGII e o informante da CaGII-M responderam que em *Hr.*. Os informantes da CaGI gostam das duas línguas, *Pt.*-RS e *Hr.*, optando por uma ou outra de acordo com a situação de comunicação. Os demais informantes, CbGI e CaGII-F preferem o *Pt.*-RS. Durante a realização da entrevista, a informante CaGII-F disse várias vezes que só usa o *Hr.* com os filhos na presença do marido, pois ele insiste em manter a língua na família. Passamos algumas horas com o casal, e nesse período ela usou mais o *Hr.* do que o *Pt.*-RS., em diferentes situações: com o inquiridor, para atender ao telefone e ao receber um vizinho. Isso mostra que suas crenças não condizem com suas atitudes cotidianas em relação à língua minoritária.

Com esta mesma informante, também observamos claramente o que Tarallo (1985) e Labov (2008) chamam de paradoxo do observador. É um desafio captar a fala natural dos informantes, observar o uso da língua no cotidiano, objetivo das pesquisas sociolinguísticas. O uso de recursos

tecnológicos, como o gravador, inibe o entrevistado tornando o contexto de fala mais monitorado. Tarallo (1985) considera essencial o contato com os informantes antes da coleta dos dados. Segundo Labov (2008), esse fato se agrava se o entrevistador for uma pessoa desconhecida dentro da comunidade de estudo. Durante a entrevista com a informante CaGII-F, de São Carlos-SC, mesmo o inquiridor dirigindo-se a ela em *Hr.* e explicando-a que precisava que ela também o fizesse, a mesma insistia em falar somente em *Pt.-RS*. Quando perguntamos a ela o porquê, a explicação foi que eu, pesquisadora que acompanhava, não entenderia a conversa, pois não me comunico na variedade. Esta situação sugere que a opção por uma ou outra língua está diretamente relacionada ao interlocutor e ao contexto da comunicação.

Então, na questão 3, em que língua costumam falar mais, no geral, as respostas ficaram equilibradas. Os quatro informantes da Ca usam mais o *Pt.-RS* e os quatro da Cb o *Hr.*

Perguntamos também qual é a língua materna dos informantes, na questão 4. As respostas foram quase unânimes, 7 deles têm o *Hr.* como língua materna. Somente o informante da CaGI-M respondeu que tem o *Pt.-RS* e o *Hr.* como maternas. Desta pergunta surgiu outra, que visava saber como aprenderam o *Pt.-RS*. O informante da CaGI-M aprendeu as duas línguas em casa, todos os outros aprenderam o *Pt.-RS* na escola. Estes 7 informantes relataram que antes de irem a escola não falavam nada na língua nacional, por isso, no início, foi difícil se comunicar neste espaço. O informante da CbGII-M ainda comentou que sua mãe, por exemplo, nunca falou *Pt.-RS* durante toda a vida.

Sobre qual língua preferem usar quando recebem visita, questão 5, o informante da CaGII-M prefere apenas o *Pt.-RS*. Todos os outros disseram que depende quem é a visita, se falar *Hr.* também, usam a língua minoritária, caso contrário usam o *Pt.-RS*.

A questão 6 investigou que língua usam em diferentes situações no município de São Carlos-SC. As respostas variaram bastante entre os informantes, para as mesmas situações, o que nos faz pensar que é possível se comunicar em ambas línguas, *Hr.* e *Pt.-RS* em diferentes espaços nesta localidade. A opção por uma ou outra língua vai acontecer de acordo com os participantes do diálogo, se são conhecidos ou se ambos falam a língua minoritária.

Já para falar com estranhos nas ruas da cidade, questão 7, cinco informantes disseram que usam o *Pt.-RS* para não correrem o risco de não serem compreendidos. Os informantes da CaGII e também o informante da CbGII-M explicaram que costumam cumprimentar as pessoas em *Hr.* e se elas respondem continuam falando na língua minoritária, mas se a pessoa não compreender, passam a falar em *Pt.-RS*.

As questões abaixo, 8 a 13, têm sim e não como opção de resposta e os resultados estão expostos no quadro a seguir.

Quadro 8: Resultados individuais das questões objetivas (8 a 13) – Crenças linguísticas – *Hunsrückisch*.

Nº da questão	Responderam Sim (●)				Responderam Não (○)			
	SAÕ CARLOS/SC							
	CaGII		CaGI		CbGII		CbGI	
	M	F	M	F	M	F	M	F
8	○	○	○	○	●	●	●	●
9	●	●	●	●	●	●	●	●
10	○	●	○	○	○	○	○	○
11	●	●	●	●	●	●	●	●
12	●	●	●	●	●	●	○	○
13	●	●	●	●	●	●	●	●

Fonte: Dados do ALCF-OC, coletados por KRUG (2017).

Conforme exposto no quadro 8, a partir da questão 8 podemos perceber que a metade dos informantes conhece alguém que sabe *Hr.*, mas insiste em só falar *Pt.-RS*. A divisão é exata entre a Ca e a Cb. Ao perguntarmos se acham importante que os filhos aprendam a língua minoritária dos pais, neste caso o *Hr.*, questão 9, a resposta foi unânime, todos disseram que sim e os motivos são a conservação e manutenção da cultura. Aqui percebemos a relação entre língua, cultura e identidade. Retomemos o que expôs Edwards (apud APPEL; MUYSKEN, 1996, p. 27), que a língua é uma das manifestações de identidade mais óbvias e é muito suscetível de substituição e perda. Também para Le Page e Tabouret-Keller (apud TABOURET-KELLER, 1998), a linguagem falada por alguém e sua identidade são inseparáveis. Os atos de linguagem são atos de identidade e o idioma é tomado como um comportamento externo que permite a identificação de um falante como membro de algum grupo, pelo seu modo de falar.

Perguntamos aos informantes se eles ou outras pessoas têm vergonha de falar *Hr.* em alguma situação, questão 10. Apenas a informante da CaGII-F disse que sim, mas ela referiu-se ao passado, a sua infância. Ela relatou que, quando começou ir à escola em São Carlos-SC, falava pouco em *Pt.-RS*, então sentia vergonha pois misturava bastante com o *Hr.*. Ela acredita que falava errado e por isso riam dela. Todos os demais relataram que eles e as pessoas não sentem vergonha de falar em *Hr.* em nenhuma situação, apenas orgulho.

Todos os informantes também avaliam que deveria ter ensino de *Hr.* nas escolas, questão 11. A principal justificativa é que manter o uso da língua identifica os moradores, pois São Carlos-SC é uma cidade colonizada por alemães e conhecida por esta característica. Observamos como

realmente é impossível separar língua e identidade. Os descendentes de alemães se reconhecem como tais pela língua que usam no espaço social em que estão inseridos, além de outras características. Percebemos aqui o que afirma Gumperz (1982), que somos limitados pela língua, a qual é um atributo comportamental. O informante da CaGII-M pensa que seria mais importante ensinar *Hr.* do que inglês. A informante da CaGI-F relata que, quando cursou o Ensino Médio, podia escolher entre alemão e inglês e quem escolhia alemão adquiria um conhecimento complementar. O informante da CbGII-M explica que se estudassem o *Hr.* na escola, as crianças também desenvolveriam outras habilidades, como a leitura, além da fala. A língua alemã *Hr.* é predominantemente oral, por isso a maioria dos falantes não tem domínio das outras habilidades.

Outra questão, a número 12, era para sabermos se ao falar em *Pt.-RS* os informantes misturam com o *Hr.* Os informantes da CbGI disseram que não. Os demais 6 informantes percebem que a mistura com o *Hr.* acontece normalmente, mas só com algumas palavras. A informante da CaGII-F explica que se a outra pessoa entende *Hr.*, ela mistura mais, mas se sabe que a pessoa não entende, cuida para não misturar e não ter problemas de comunicação.

O comentário da informante da CbGII-F vem ao encontro:

*Wenn ich uf Portugiesich spreche, vermische ich mich, un dann lachen alle, die denke dass ich verkert spreche, aber ich mach mich nichts draus.* (CbGII-F – São Carlos-SC).<sup>38</sup>

A última questão objetiva, número 13, é o oposto da anterior. Pedimos se ao usar o *Hr.* ocorre mistura com o *Pt.-RS*. Nesta situação todos disseram que há mistura, pois o *Pt.-RS* é a língua que podem usar sempre, então quando falta alguma palavra no alemão, recorrem ao *Pt.-RS*.

As demais questões (14 a 21)<sup>39</sup> tiveram respostas subjetivas, as quais não foram tabeladas, mas os aspectos mais relevantes para esta pesquisa são tratados a seguir.

Como resposta a questão 14, sobre o que acham das pessoas que só falam *Pt.-RS* e nunca sua própria língua de casa, nesse caso o *Hr.*, os informantes, no geral, acham uma atitude ruim, pois não há porque não usar o que se sabe. A citação a seguir expõe o relato de uma informante sobre o preconceito que os filhos sofreram por saberem somente o *Hr.*:

*Das is die Dumheit von dene Leit, inbildigkeit... Unser Kinner, mein zwei Guri, wo ich han, mir han zwei Guri, wie die in die Schul anfon zu geh'n han, ma, sind sa Heim kom: 'mir ha nuns geschemt heit, mir gonde net Brasilianisch spreche,' mir han immer alles Deutsch*

<sup>38</sup> Tradução: Quando falo em português, misturo, aí eles dão risada, acham que eu falo errado, mas não me importo com o que pensam ou dizem. (tradução nossa)

<sup>39</sup> Questionário disponível no anexo 4.

*gesproch da Heim, 'die han gelacht übich uns, das mir alles Deitsch gesprochen hon.'*  
(CbGII-F – São Carlos-SC).<sup>40</sup>

A partir do comentário abaixo, do informante da CaGI-M, percebe-se que talvez esses sujeitos, que preferem não usar sua língua de casa, sintam vergonha ou pensem que não falam bem ou falam invertido/atravessado:

*Aber mehr wo jinger sin, né. Wo kenne, die kenne, die verste'n alles, awer die wolle net Deitsch spreche, né, wal oder han sa bang det sa vogehr spreche, ora was, não sei.* (CaGI-M – São Carlos-SC).<sup>41</sup>

Nestes comentários identificamos a insegurança existente entre os falantes em relação a sua língua minoritária. As falas destes informantes remetem a Coseriu (1982, p. 16), o qual explica que ninguém fala o português, o alemão, “o que se fala é sempre alguma forma do português, do alemão”. Achar que há apenas uma forma correta para a língua vai contra essa ideia e transmitir esse conhecimento é necessário para acabar com essa insegurança e também evitar o preconceito linguístico.

O informante da CbGII-M acha a situação nojenta e acrescenta que a consequência disso é a não conservação da língua, pois estes indivíduos não ensinarão o *Hr.* aos filhos, o que pode gerar problemas no comércio e nos bancos, porque não conseguirão se comunicar com os mais velhos que só falam alemão. Somente a informante da CaGI-F não se manifestou sobre esta questão.

Para a questão 15, a respeito dos jovens que não falam mais a língua dos pais, o *Hr.*, os informantes também não acham bom e acreditam que isso ocorra porque os pais deixaram de usar e incentivar o uso do *Hr.*. O homem da CaGII relata que isso aconteceu com ele. A mulher da mesma célula pensa que não saber o *Hr.* fará falta no futuro, principalmente para aqueles que pretendem ficar e trabalhar no município de São Carlos-SC. Os informantes da CaGI acreditam que se as crianças aprendessem a falar, cada vez mais a língua seria difundida. O comentário a seguir, expõe o que pensa o informante da CaGI-M sobre isso:

*Gut is es net, wal fo der Sproch weider geh'n, né, wo mehr Leit wo spreche dun, né, wie Deitsch, wo dut's fo das weider geh'n, wo mehr spreche wo besser... weil wir kenne ein bischen wo ma klein war, wo ma alles so lene dut, wie Sproch, né, dan, ma hot immer gesprochen Deitsch, né, bei die andre Kinner ach dabei, bei die Eltre, né, und heit so Tag is*

---

<sup>40</sup> Tradução: Isso é bobagem das pessoas, exibicionismo... Nossos filhos, meus dois guris, que eu tenho, nós temos dois guris, quando eles começaram a escola, ma, eles vieram para casa: 'nós passamos vergonha hoje, nós não conseguíamos falar brasileiro' – Nós sempre falávamos tudo em alemão em casa: 'eles riram de nós, que nós falávamos tudo em alemão.'

<sup>41</sup> Tradução: Mas mais que são mais jovens, né. Que conseguem, eles conseguem, eles entendem tudo, mas não querem falar alemão, né, porque ou eles têm medo que vão falar errado, ou o quê, não sei.

*das nimme, né, fon Klein uf geh'n sa schon gleich in die Crèche, Schul, dann lenne das net so leicht, né. (CaGI-M – São Carlos-SC).*<sup>42</sup>

A informante CaGI-F acrescenta que a “perda” do alemão é devido às circunstâncias e às situações do cotidiano, quando o *Pt.-RS* se apresenta mais fácil. Ela se preocupa, pois os falantes, a maioria mais velhos, estão morrendo e as crianças não estão aprendendo a língua para dar sequência.

Os velhos morrem e as crianças não aprendem, aí se perde o alemão. (CaGI-F – São Carlos-SC).

Para o informante da CbGII-M, as crianças e jovens sentem vergonha do *Hr.* e preferem o *Pt.-RS* porque é mais fácil, acham o alemão mais difícil de pronunciar. Trazendo Romaine (1995) para nossa reflexão, temos que a história de uma língua está diretamente associada à história das gerações de seus falantes. Dessa forma, as crianças reproduzem o estado da língua que recebem. Ainda segundo Romaine (1995), sabemos que os bilíngues podem não adquirir competência completa em nenhuma das línguas que falam, então o fato de não conseguir falar “tudo” na língua minoritária não deveria ser um problema. Vários fatores interferem no desenvolvimento das competências linguísticas, podendo trazer consequências positivas ou negativas. Romaine (1995) acredita que o bilinguismo é um recurso a ser cultivado e não um problema a ser superado.

Quando questionados, na pergunta 16, sobre as situações em que falam *Hr.* e em quais o *Pt.-RS*, todos afirmaram só falar *Pt.-RS*, sem misturar, quando o interlocutor tem dificuldade para compreender o *Hr.*, se não, falam a variedade com quem também fala. Segundo eles, é comum falar em *Hr.* com os amigos, familiares e nos encontros da comunidade. Mas o informante da CaGII-M comenta que é difícil falar só em alemão, porque a maioria já fala português.

Na pergunta 17, sobre as diferenças entre o *Hr.* daqui e o alemão de outras localidades, os informantes remetem-se às diferenças percebidas no “alemão da Alemanha”, expressão usada por eles. Acham que é possível compreender um pouco do que falam na Alemanha, mas é preciso prestar atenção ao ouvir uma falante nativo.

“Às vezes entende tudo, às vezes nada quando falam muito rápido”. (CaGI-M – São Carlos-SC).

O informante da CbGI-M explica que a pronúncia das palavras é diferente, pois em São Carlos-SC usa-se um dialeto do sul do Brasil. Apenas o informante da CaGII-M disse que não

---

<sup>42</sup> Tradução: Bom não é, porque para a língua continuar, né, quanto mais gente fala, né, como o alemão, para continuar, quanto mais falam melhor... porque nós sabemos um pouco de quando éramos pequenos, quando se aprende tudo, como a língua, né, então sempre falávamos alemão, né, com as outras crianças, com os pais, né, e hoje em dia não é mais assim, né, desde pequenos logo vão para a creche, escola, então eles não aprendem tão fácil, né.

entende o que os alemães da Alemanha falam, pois já tentou conversar com alguns que visitaram o município e não conseguiu.

Nós reformulamos a pergunta 17, pois queríamos saber se os informantes percebem diferenças entre o *Hr.* de São Carlos-SC e de localidades vizinhas. Eles percebem poucas diferenças, apenas em algumas palavras, e atribuem isso à mistura que ocorre com o *Pt.-RS*, que também tem diferença de uma cidade para outra. Com essa questão ficou claro que os falantes sabem, mesmo que superficialmente, que as diferenças entre as línguas existem e isso não é algo ruim ou errado. A própria língua portuguesa não é homogênea, tem suas especificidades de acordo com cada região do país. Isso confirma a riqueza das línguas e o que elas carregam consigo.

Ao relatarem como foi ou é o uso do *Hr.* na escola e na igreja, através da questão 18, os informantes tiveram experiências semelhantes. Eles não sabiam falar em *Pt.-RS* antes de ir à escola, então tiveram dificuldades no início. O informante da CaGII-M diz que não lembra muito bem, mas deve ter sido terrível. Já para a informante da CbGII-F foi mais fácil, pois o professor era alemão e falava em *Hr.* com as crianças, por isso ela acha que não aprendeu muito bem o *Pt.-RS*. O informante M desta célula também relatou que conseguia se comunicar um pouco porque misturava as línguas e o professor também entendia *Hr.*. Os demais informantes não falavam em *Pt.-RS*, mas não sentiram-se totalmente perdidos pois não foram proibidos de usar o *Hr.* na escola. Apenas o informante da CaGI-M não teve dificuldades em relação às línguas ao ir para a escola, pois já falava, além do *Hr.*, o *Pt.-RS*. Ele contou que morava em uma comunidade que usava as duas línguas. Sobre o uso da língua minoritária nas celebrações religiosas, na cidade de São Carlos-SC, todos concordam que não se utiliza mais.

Para a questão 19, a respeito das percepções das pessoas de fora sobre as originárias de São Carlos-SC, que nasceram e vivem na localidade, os informantes percebem que, quando são vistos falando em *Hr.*, chamam a atenção. Comentam que os não falantes da variedade se admiram, mas não se sentem constrangidos nem riem dos que preservam a língua minoritária. A informante da CbGII-F disse que às vezes acham que ela está se exibindo quando fala em *Hr.*, mas não é verdade. No geral, os informantes acreditam que são bem vistos pelas pessoas de fora, pois são acolhedores e tratam bem os visitantes. O informante da CaGII-M diz que são pessoas trabalhadoras “*Viel Schaffen*” e que conseguem emprego fácil em outras cidades.

A pergunta 20 é sobre os sentimentos dos informantes em relação a sua nacionalidade ou descendência. A eles questionamos se se sentem mais alemães ou brasileiros, e todos foram incisivos em dizer que são alemães. Justificaram a resposta dizendo que a maneira como foram criados os identifica assim. Frosi (2013) concebe a etnicidade com algo que acompanha o indivíduo

desde os tempos remotos, então temos a necessidade de nos sentirmos pertencentes a um determinado grupo étnico. Vandermeeren (2005) afirma que nosso primeiro grupo étnico é o familiar, por isso reproduzimos as características étnicas que recebemos de nossos familiares. Isso explica esse forte sentimento de pertença a etnia alemã.

A última pergunta, número 21, deveria questionar sobre quem fala melhor o *Hr.*, mas o inquiridor acabou perguntando quem fala melhor o *Pt.-RS*, sugerindo, por exemplo, a distinção entre os descendentes de alemães e de italianos ao falar em *Pt.-RS*. Eles comentam que em regiões distintas as pessoas não falam igual, nem mesmo o *Pt.-RS*, mas a maioria acha que os italianos falam melhor. A informante da CaGII-F comentou que os alemães trocam muito as letras (p, b, t). Apenas as informantes femininas da Cb avaliam que os alemães falam melhor, pois são mais observadores. Os informantes da CaGI comentam que cada um “puxa para o seu lado”, ou seja, cada indivíduo acredita que a sua forma de falar é a melhor.

#### **5.1.4 Comparação entre as respostas metalinguísticas obtidas nas três línguas/localidades**

Relacionando os dados obtidos sobre as três diferentes línguas, cada uma em sua respectiva localidade, observamos que, referente a questão 1, uso da língua minoritária na família, as respostas sobre o *talian* e o *Hr.* são iguais, porém o *Pol.* teve poucas respostas positivas, apenas os dois informantes da CbGII o utilizam.

Sobre em qual língua conversam mais, *Pt.-RS* ou a variedade de imigração, temos em primeiro lugar o *Hr.*, segundo o *talian* e terceiro o *Pol.* Desta forma, os descendentes de alemães usam mais sua língua de imigração que os italianos e poloneses.

Os alemães gostam mais de falar em *Hr.*. Os italianos e poloneses preferem unanimemente o *Pt.-RS*, questão 3. Na questão 4, todos os alemães disseram que o *Hr.* é sua língua materna. Somente 3 dos 8 informantes descendentes de italianos responderam que reconhecem tanto o *Pt.-RS* quanto o *talian* como línguas maternas. Apenas os informantes da GII de Nova Erechim-SC têm o *Pol.* como língua materna.

Com as visitas, os poloneses e italianos preferem usar o *Pt.-RS*, já os alemães usam as duas línguas, o *Hr.* e o *Pt.-RS*, dependendo da situação, questão 5. Referente às situações em que se usa a língua minoritária no município, questão 6, os informantes afirmam que é possível falar em *Hr.* em diversos locais de São Carlos-SC. O *talian* é usado raramente, apenas em contextos isolados nas comunidades do interior de Chapecó-SC e o *Pol.* não é usado em nenhum local público de Nova Erechim-SC. Com os estranhos na rua, questão 7, prevaleceu o uso do *Pt.-RS* em todos os locais.

A maioria dos informantes conhece pessoas que sabem uma das três línguas minoritárias da pesquisa (*Pol.*, *talian* ou *Hr.*) e não usam, questão 8. Isso reflete o estado das línguas minoritárias nos locais pesquisados e representa o linguicismo, ação negativa e preconceituosa que segundo Skutnabb-Kangas & Philipson (1996) contribui para o linguicídio, morte das línguas.

Todos os informantes, das três etnias e localidades, acham importante ensinar a língua minoritária aos filhos, porém pouco o fazem, questão 9. Os que mais transmitem e usam a língua em casa, diariamente, são os descendentes de alemães de São Carlos-SC.

Só os polono-brasileiros sentem vergonha de usar sua respectiva língua minoritária, o *Pol.*, em algumas situações, questão 10. Isso acontece, talvez, pois Nova Erechim-SC é um município predominantemente colonizado por ítalo-brasileiros, então os descendentes de poloneses percebem-se como uma minoria isolada e, para tentarem pretencer ao grupo majoritário, deixam de lado parte de sua identidade cultural, a língua polonesa.

Sobre haver ou não ensino da língua minoritária nas escolas, questão 11, no geral, todos os informantes acham que seria importante. Os informantes da CaGII de Chapecó-SC acham que seria legal, mas consideram as línguas estrangeiras, espanhol e inglês, mais úteis no dia a dia, da mesma forma que a informante da CaGII-F de Nova Erechim-SC.

As questões 12 e 13 foram respondidas juntas. Os alemães e italianos afirmam que normalmente misturam as respectivas línguas minoritárias com o *Pt.-RS* e vice-versa enquanto falam. Já alguns poloneses acreditam que a mistura não ocorre, principalmente quando falam em *Pt.-RS*, não misuram com o *Pol.*.

A partir da observação e análise das respostas apresentadas, é notório que os descendentes de alemães mantêm mais o uso da língua minoritária no seu cotidiano do que os descendentes de poloneses e italianos. Um fator determinante é a colonização e o predomínio do uso da língua minoritária pela comunidade onde estão inseridos. Em Nova Erechim-SC, a etnia predominante é a italiana, tendo a cidade o *talian* cooficializado. Em Chapecó-SC, devido ao tamanho do município e a quantidade de contatos linguísticos existentes na localidade, o *talian* também apresentou-se pouco representativo. Mesmo as células analisadas podendo manter as suas línguas pelo isolamento dos seus grupos étnicos, não constatamos essa ocorrência. Já em São Carlos-SC, grande parte da população mantêm o uso da variedade alemã no seu dia a dia, com a família e em espaços públicos. É devido ao uso em maior número de domínios, fator de grande impacto para manutenção de uma variedade, que São Carlos-SC mantêm mais sua língua de imigração.

Com a conclusão da análise das crenças linguísticas dos informantes, o que pensam a respeito de suas línguas e comportamento linguístico, partimos para a segunda parte, na qual

analisamos os dados das atitudes linguísticas, uso real das línguas, a partir dos termos de parentesco (sanguíneo, por aliança e espiritual).

## 5.2 ATITUDES LINGUÍSTICAS

Neste capítulo analisamos detalhadamente a aplicação dos termos de parentesco, os quais estão divididos em sanguíneos, por aliança e espiritual. São utilizadas, para essa pesquisa, apenas as respostas espontâneas dadas pelos informantes.

O questionário foi adaptado para cada uma das línguas minoritárias pesquisadas, por isso há uma pequena variação no número de perguntas. A diferença está em haver dois termos, um para referir-se ao feminino e outro ao masculino ou haver um único termo para os dois gêneros. Isso acontece com : *Enkelkind* e *Urenkelkind* para referir-se aos netos e aos bisnetos, respectivamente, em *Hunsrückisch*, havendo duas formas em polonês (*wnuk/wnuczka, prawnuk/prawnuczka*) e em *talian* (*nepoto/nepota, bisnepoto/bisnepota*); e também com o termo *Stiefkind*, em *Hunsrückisch*, e *pasierb/pasierbica* em polonês, que aparecem na mesma pergunta, para referir-se aos enteados, havendo duas formas em *talian* (*fiastro/fiastra*). Nos anexos 5, 6 e 7, esse termos são, respectivamente, os números 32 e 33 / 35, 36 e 37 / 46, 48 e 49. Em *Hunsrückisch* também não há os termos espirituais compadre e comadre, pois culturalmente os informantes não os utilizam com o mesmo sentido atribuído pelos poloneses e italianos. Para os alemães, este grau de parentesco está vinculado ao relacionamento entre os pais do marido e da esposa, ou seja, entre os sogros e não pelo batismo ou cerimônia de casamento, como acontece nas culturas polonesa e italiana.

No total, temos 40 perguntas em polonês (22 termos sanguíneos, 12 de aliança e 6 espirituais), 41 em *talian* (22 termos sanguíneos, 13 de aliança e 6 espirituais) e 36 em *Hunsrückisch* (20 termos sanguíneos, 12 de aliança e 4 espirituais). Não consideramos essa diferença relevante para a pesquisa, pois além de ser muito pequena, são particularidades de cada língua e cultura.

Para verificar o número de variantes proferidas de forma espontânea, em cada situação de contato, foram elaborados os quadros expostos a seguir. O quadro 9 com os resultados de Nova Erechim-SC, o quadro 10 com os resultados de Chapecó-SC e o quadro 11 com os resultados de São Carlos-SC. Esses quadros mostram que as questões lexicais aplicadas para os 23 informantes resultaram em 837 respostas espontâneas, sendo 281 em Nova Erechim-SC, 333 em Chapecó-SC e 223 em São Carlos-SC.

Quadro 9: Totais de respostas espontâneas obtidas na aplicação do questionário lexical - Termos de parentesco Polonês em Nova Erechim-SC

	CaGII		CaGI		CbGII		CbGI		Total
	M	F	M	F	M	F	M	F	
<b>Sanguíneo (22)</b>									
em Pol.	13	4			24	24			65
em Pt.-RS	11	15	22	22	1	1	22		94
<b>Total</b>	<b>24</b>	<b>19</b>	<b>22</b>	<b>22</b>	<b>25</b>	<b>25</b>	<b>22</b>		<b>159</b>
<b>Aliança (12)</b>									
em Pol.					12	12			24
em Pt.-RS	10	10	12	12			12		56
<b>Total</b>	<b>10</b>	<b>10</b>	<b>12</b>	<b>12</b>	<b>12</b>	<b>12</b>	<b>12</b>		<b>80</b>
<b>Espiritual (6)</b>									
em Pol.	2	1			6	6			15
em Pt.-RS	4	5	6	6			6		27
<b>Total</b>	<b>6</b>		<b>42</b>						
<b>Totais (40)</b>									
em Pol.	15	5	-	-	42	42	-		104
em Pt.-RS	25	30	40	40	1	1	40		177
<b>Total Geral</b>	<b>50</b>	<b>35</b>	<b>40</b>	<b>40</b>	<b>43</b>	<b>43</b>	<b>40</b>		<b>281</b>

Fonte: Dados do ALCF-OC, coletados por WEPIK (2017).

Quadro 10: Totais de respostas espontâneas obtidas na aplicação do questionário lexical - Termos de parentesco - *talian* em Chapecó-SC

	CaGII		CaGI		CbGII		CbGI		Total
	M	F	M	F	M	F	M	F	
<b>Sanguíneo (22)</b>									
em It.	20	21	8	9	14	14	14	14	114
em Pt.-RS	6	6	14	18	8	8	9	9	78
<b>Total</b>	<b>26</b>	<b>27</b>	<b>22</b>	<b>27</b>	<b>22</b>	<b>22</b>	<b>23</b>	<b>23</b>	<b>192</b>
<b>Aliança (13)</b>									
em It.	6	6			4	4	2	2	24
em Pt.-RS	3	3	11	12	8	8	12	12	69
<b>Total</b>	<b>9</b>	<b>9</b>	<b>11</b>	<b>12</b>	<b>12</b>	<b>12</b>	<b>14</b>	<b>14</b>	<b>93</b>
<b>Espiritual (6)</b>									
em It.	2	2			6	6	1	1	18
em Pt.-RS	4	4	6	6			5	5	30
<b>Total</b>	<b>6</b>	<b>48</b>							
<b>Totais (41)</b>									
em It.	28	29	8	9	24	24	17	17	156
em Pt.-RS	13	13	31	36	16	16	26	26	177
<b>Total Geral</b>	<b>41</b>	<b>42</b>	<b>39</b>	<b>45</b>	<b>40</b>	<b>40</b>	<b>43</b>	<b>43</b>	<b>333</b>

Fonte: Dados do ALCF-OC, coletados por HASSELSTRON (2018).

Quadro 11: Totais de respostas espontâneas obtidas na aplicação do questionário lexical - Termos de parentesco - *Hunsrückisch* em São Carlos-SC

	CaGII		CaGI		CbGII		CbGI		Total
<b>Sanguíneo (20)</b>	M	F	M	F	M	F	M	F	
em Hr.	19	16	13	11	12	14	1	15	101
em Pt.-RS	3	3	3	2	6	5		7	29
<b>Total</b>	<b>22</b>	<b>19</b>	<b>16</b>	<b>13</b>	<b>18</b>	<b>19</b>	<b>1</b>	<b>22</b>	<b>130</b>
<b>Aliança (12)</b>									
em Hr.	10	9	2	4	6	5		6	42
em Pt.-RS	1	1	3	6	5	5		8	29
<b>Total</b>	<b>11</b>	<b>10</b>	<b>5</b>	<b>10</b>	<b>11</b>	<b>10</b>		<b>14</b>	<b>71</b>
<b>Espiritual (4)</b>									
em Hr.	4	3		4	2	4		3	20
em Pt.-RS					1	1			2
<b>Total</b>	<b>4</b>	<b>3</b>		<b>4</b>	<b>3</b>	<b>5</b>		<b>3</b>	<b>22</b>
<b>Totais (36)</b>									
em Hr.	33	28	15	19	20	23	1	24	163
em Pt.-RS	4	4	6	8	12	11		15	60
<b>Total Geral</b>	<b>37</b>	<b>32</b>	<b>21</b>	<b>27</b>	<b>32</b>	<b>34</b>	<b>1</b>	<b>39</b>	<b>223</b>

Fonte: Dados do ALMA, coletados por HORST (2007).

Analisando proporcionalmente a quantidade de perguntas de cada tipo de parentesco (sanguíneo, de aliança e espiritual) e as respostas espontâneas obtidas em cada língua minoritária, identificamos que em Nova Erechim-SC e Chapecó-SC o maior uso está para os termos sanguíneos. Em segundo lugar estão os termos espirituais e por último os termos de aliança. Em São Carlos-SC temos primeiro os espirituais, em seguida os sanguíneos e por último, também os de aliança.

Em Nova Erechim-SC obtivemos 41% dos termos sanguíneos, 36% dos espirituais e 30% dos de aliança em polonês. Em Chapecó-SC foram 59% dos termos sanguíneos, 38% dos espirituais e 26% dos de aliança em *talian*. Em São Carlos-SC tivemos 91% dos espirituais, 78% dos sanguíneos e 59% dos de aliança em *Hunsrückisch*.

Acredita-se que o maior uso de termos sanguíneos se deve à maior frequência de uso, logo uma maior resistência ao esquecimento ou substituição pelo *Pt.-RS*. Corrobora com este resultado a pesquisa de Bortolotto (2015), a qual também apresentou o maior uso de termos de parentesco sanguíneos em *talian*. Já para Horst (2011) o maior uso de termos em alemão também foi o espiritual, seguido dos sanguíneos, o que condiz com os dados de São Carlos-SC.

Uma hipótese, a partir das anotações do caderno de campo, que justifica a obtenção de maior quantidade de respostas espontâneas para os termos espirituais em São Carlos-SC está

relacionada à religião. Os alemães desta localidade denominaram-se, a maioria, católicos e expressaram forte apreço religioso e participação assídua na comunidade e idas à igreja. O único informante que denominou-se evangélico pertence à CaGII e é masculino. Ele explicou que casou-se com uma mulher de outra etnia, italiana, ou seja, houve casamento misto e isso possivelmente influenciou a mudança de religião.

O casamento é um fator que influencia bastante na manutenção ou substituição linguística. Há casamentos interétnicos ou mistos (entre pessoas de diferentes etnias) e intraétnicos (entre pessoas da mesma etnia). No caso dos casamentos interétnicos, em que os envolvidos possuem línguas de imigração diferentes, é comum não utilizarem nem uma, nem outra para se comunicarem entre si. Isso resulta, na maioria das vezes, na substituição da língua de imigração pela língua dominante falada por ambos. Segundo Horst (2011), essa substituição acontece porque eles acreditam não ser possível falar a sua língua com os filhos e utilizam a variedade dominante, neste caso o *Pt.-RS* como língua oficial no lar. Por isso supomos que os termos de parentesco por aliança (a partir do casamento) sejam os primeiros a serem substituídos.

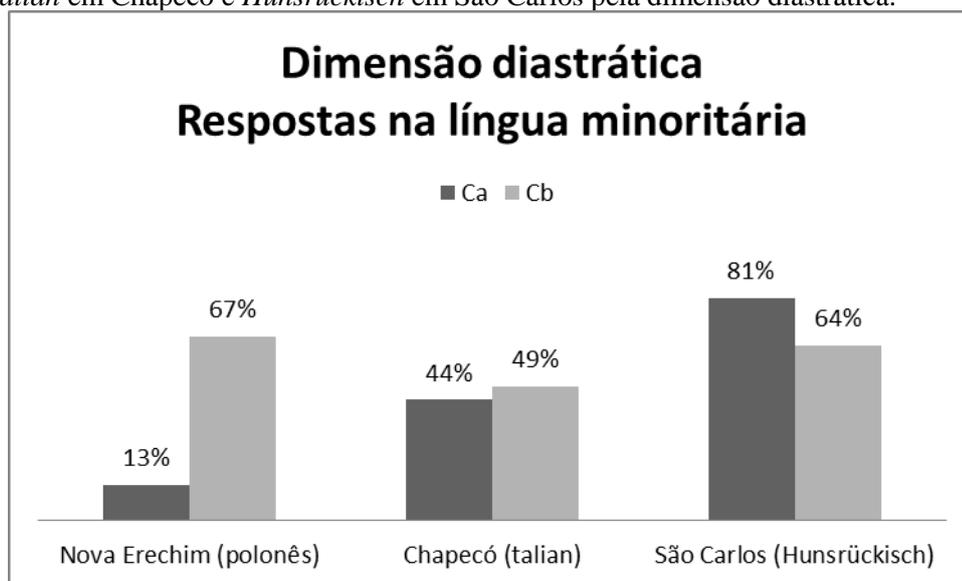
A partir desses quadros, também foram calculados os resultados em porcentagens, individualmente para cada dimensão analisada (diatrática, diageracional e diassexual). Para o cálculo das porcentagens, por exemplo, da dimensão diatrática Ca de Nova Erechim-SC, somaram-se as respostas desta classe, ou seja, os números totais das quatro primeiras colunas do quadro 9, ou seja, os totais 40, 35, 40 e 40, que totalizaram 155 respostas. Esse número equivale a 100% das respostas da Ca de Nova Erechim-SC. Para encontrar as porcentagens de termos em *Pol.* da Ca de Nova Erechim-SC, somaram-se as respostas totais em *Pol.* das quatro primeiras colunas do quadro 9, que foram 15 e 5, totalizando 20 respostas. Posteriormente realizamos o cálculo para encontrar esse valor em porcentagem. O resultado foi de 12,9%. Optou-se por arredondar as porcentagens em duas casas decimais, de 00,01 a 00,50 para baixo e de 00,51 a 00,99 para cima. Dessa forma, o percentual de uso do *Pol.* pela Ca é de 13%.

Esse mesmo procedimento aplicou-se para o cálculo das porcentagens em todas as dimensões de análise, nos três pontos de pesquisa/língua de imigração. Esses cálculos e seus respectivos resultados e análises, a partir de gráficos, estão expostos nos subtópicos a seguir, organizados, individualmente, pelas dimensões.

### 5.2.1 Dimensão diastrática – Ca e Cb

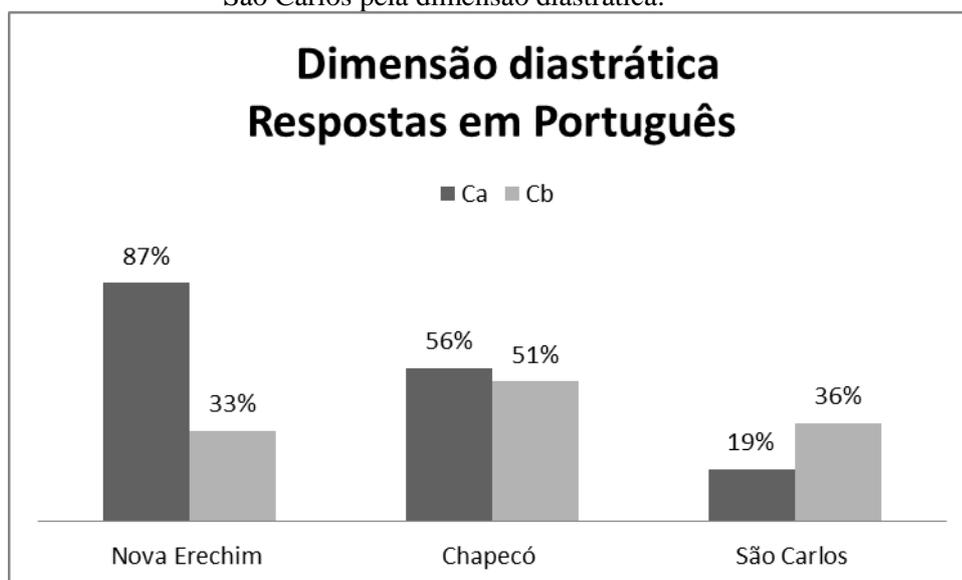
Nesta etapa, analisa-se o uso espontâneo dos três grupos de parentesco (questionário lexical) pela dimensão diastrática. Os resultados são apresentados em dois gráficos, um para as respostas na língua de imigração e outro para as respostas em português e estão expostos a seguir.

Gráfico 1: Dados da aplicação dos termos de parentesco obtidos nas variedades polonês em Nova Erechim, *talian* em Chapecó e *Hunsrückisch* em São Carlos pela dimensão diastrática.



Fonte: Dados do ALCF-OC.

Gráfico 2: Dados da aplicação dos termos de parentesco obtidos em Português em Nova Erechim, Chapecó e São Carlos pela dimensão diastrática.



Fonte: Dados do ALCF-OC.

Em Nova Erechim-SC, de acordo com os gráficos 1 e 2, a manutenção do *Pol.* é realizada mais pela Cb (67%) em relação à Ca (13%). Aqui, a Cb apresentou uma manutenção de 54% de termos em *Pol.* a mais que a Ca. Dessa forma, a substituição do *Pol.* pelo *Pt.-RS* ocorre mais na Ca (87%), enquanto que a Cb apresentou uma substituição de 33%.

Em Chapecó-SC, também é a Cb que mantém mais o *talian* (49%) em relação à Ca (44%). Houve, nesse caso, uma manutenção de 5% no uso dos termos de parentesco em *talian* a mais do que a Ca. Com isso, também ocorre mais substituição do *talian* pelo *Pt.-RS* na Ca (56%), enquanto a Cb substitui 51%.

Já em São Carlos-SC, a manutenção do *Hr.* acontece mais na Ca (81%) em relação à Cb (64%), diferente das outras duas localidades. A Ca mantém 17% a mais o uso dos termos de parentesco em *Hr.* do que a Cb. Assim, a substituição do *Hr.* pelo *Pt.-RS* ocorre mais na Cb (36%), enquanto a Ca substitui apenas 19%.

Observamos que na Ca de Nova Erechim-SC, o *Pol.* vem sendo mais substituído do que mantido, pois os números apontam para o uso do *Pol.* inferior a 50%, oposto do que acontece na Cb da localidade. Acreditamos, a partir dos dados e informações do caderno de campo, que o maior uso de *Pol.* pela Cb de Nova Erechim-SC deve-se à manutenção da língua na família, única situação em que a língua é utilizada nesse município. Por ser a língua de comunicação entre integrantes da mesma família, que residem juntos, ela não sofre interferências externas, sendo mantida por mais tempo. Também o fato de não termos encontrado a informante CbGI-F pode ter realçado o maior uso do *Pol.*, visto que a GI de Nova Erechim-SC usa preferencialmente o *Pt.-RS*.

Percebemos que a diferença entre a Ca e a Cb de Chapecó-SC não é alta. O *talian* vem sendo mais substituído pelo *Pt.-RS*, uso superior a 50%, do que mantido em ambas as classes, porém um pouco mais pela Ca, com diferença de 5%. Diferentemente, em São Carlos-SC, nas duas classes o *Hr.* vem sendo mais mantido do que substituído, pois o uso é superior a 50% tanto na Ca quanto na Cb.

Destacamos que as variedades *Pol.*, *talian* e *Hr.*, faladas nas localidades, são variedades predominantemente orais, pois os informantes, em sua maioria, não leem e nem escrevem na variedade. O domínio da língua em mais habilidades, segundo Mackey (1972) e King e Mackey (2007) favorece a manutenção. Porém, em Nova Erechim-SC e Chapecó-SC, a língua predominante usada em domínios públicos e formais da comunidade é o *Pt.-RS*, motivo pelo qual a mesma vem substituindo as línguas de imigração. Apenas em São Carlos-SC, o *Hr.* é utilizado em diferentes situações do cotidiano, além do contexto familiar, o que pode ser um motivo para a manutenção da língua de imigração ser maior nesta localidade.

A pesquisa de Wehrmann (2016), que estudou a situação do alemão em Tunápolis-SC e Cunha Porã-SC, segundo a dimensão diarreligiosa, reforça os resultados de São Carlos-SC descritos acima. Ela também identificou que a Ca mantém mais o alemão que a Cb. A autora destacou que o maior conhecimento da Ca, o pertencimento a grupos de maior prestígio e o emprego do alemão em vários grupos de domínio foram fatores que implicaram a maior manutenção da língua por este grupo.

O menor emprego de termos em *Pol.* pela Ca em Nova Erechim-SC e em *talian* pela Ca e Cb em Chapecó-SC demonstra que, atualmente, os informantes têm pouco conhecimento da sua língua de imigração, mesmo que o questionário sobre as crenças demonstre que os mesmos têm consciência da importância da língua para a cultura.

Quanto a manutenção das línguas de imigração a partir dos termos de parentesco, a Ca de São Carlos-SC lidera com 81%, seguida da Cb de Nova Erechim-SC com 67%. Em terceiro lugar aparece a Cb, novamente de São Carlos-SC, com 64%. Depois, temos a Cb e a Ca de Chapecó-SC, com 49% e 44%, respectivamente. Por último a Ca de Nova Erechim, com 13%.

Pela dimensão diastrática, de forma geral, é a Cb que mais mantém a língua de imigração em dois dos pontos de pesquisa. Nova Erechim-SC, com o *Pol.* (67%), apresenta 18% a mais de manutenção que Chapecó-SC (49% de *talian*). Apenas em São Carlos-SC (*Hunsrückisch*) a Ca (81%) supera a Cb (64%) com 17% a mais de manutenção.

Esse resultado corrobora com a primeira hipótese. Labov (2008) e Margotti (2004) defendem que os mais escolarizados favorecem a difusão do *Pt.-RS* ao fazer uso das variantes prescritas na escola ou adquiridas através de materiais escritos e da interação com pessoas letradas e falantes monolíngues de *Pt.-RS*.

O pouco uso das variedades *Pol.* e *talian* pode estar relacionado ao pouco prestígio dessas línguas, pois conforme Labov (2010), Appel e Muysken (2005) e Tabouret-Keller (2007), a língua identifica o grupo ao qual o falante pertence. Se o grupo possui prestígio e *status*, a língua desses falantes também possui. Em nossa pesquisa, os informantes da Cb, que, no geral, mais mantém o *Pol.* e o *talian*, são agricultores ou têm uma ocupação sem muito prestígio, o que pode refletir no uso da língua, pois inserem-se, de acordo com observações do caderno de campo, menos em contextos onde predomina o uso do *Pt.-RS*. Por outro lado, os teuto-brasileiros informantes da Cb de São Carlos-SC, que também são agricultores, mantêm menos o *Hr.* do que a Ca, apresentando uma diferença de 17%.

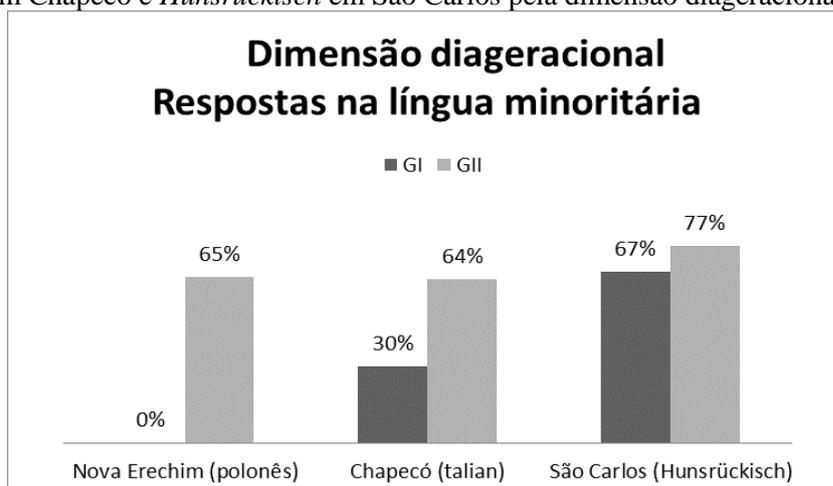
Por fim, pelos resultados demonstrados nos gráficos 1 e 2, verifica-se uma diferença de porcentagem quanto à manutenção das línguas de imigração entre as classes socioculturais. Em

Nova Erechim-SC (54%) essa diferença é bastante considerável, em São Carlos-SC (17%) a diferença não é tão grande, já em Chapecó-SC (5%) a diferença é pouca, não sendo considerável.

### 5.2.2 Dimensão diageracional – GI e GII

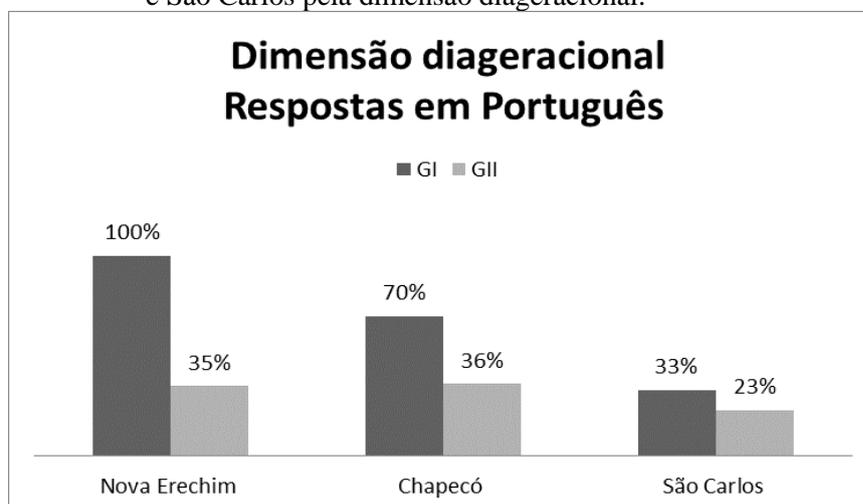
Neste tópico, apresentamos e analisamos os termos de parentesco obtidos espontaneamente, pela dimensão diageracional, a fim de verificar se há mudança de comportamento linguístico entre a GI, de 18 a 36 anos, e a GII, acima de 55 anos. Os dados estão apresentados em dois gráficos, uma para as respostas na língua de imigração e outro para as respostas em português, e estão expostos a seguir.

Gráfico 3: Dados da aplicação dos termos de parentesco obtidos nas variedades polônês em Nova Erechim, *talian* em Chapecó e *Hunsrückisch* em São Carlos pela dimensão diageracional.



Fonte: Dados do ALCF-OC.

Gráfico 4: Dados da aplicação dos termos de parentesco obtidos em Português em Nova Erechim, Chapecó e São Carlos pela dimensão diageracional.



Fonte: Dados do ALCF-OC.

Em Nova Erechim-SC, a partir dos resultados apresentados nos gráficos 3 e 4, é somente na GII que ocorre a manutenção do *Pol.*, sendo essa manutenção de 65%. A GI não produziu nenhuma resposta espontânea em *Pol.*. Dessa forma, a GI apresentou lusitanização, ou seja, 100% de substituição pelo *Pt.-RS* em relação à GII (35%).

Comparando os dados, percebe-se que, nos três pontos de pesquisa, Nova Erechim-SC (*Pol.*), Chapecó-SC (*talian*) e São Carlos-SC (*Hunsrückisch*), é a GII que mais mantém a língua de imigração, apresentando, respectivamente, 65%, 64% e 77% de manutenção. A GII de todas as localidades tem as mesmas origens, nasceram no RS, enquanto que a GI, segunda ou terceira geração de descendentes, teve realidades diferentes no meio em que vivem. Os informantes mais jovens nasceram em diferentes localidades e passaram a conviver com o *Pt.-RS* ainda crianças, também em casa, além da comunidade.

A GI de São Carlos-SC mantém mais o *Hr.* do que a GI de Chapecó-SC, que apresenta apenas 30% de manutenção do *talian*. Como dito anteriormente, a GI de Nova Erechim-SC não proferiu nenhum termo em *Pol.*, indicando 100% de substituição.

No geral, a GII mantém mais a língua de imigração do que os informantes da GI pois, em sua maioria, estes sempre falam mais em *Pt.-RS*. Também, para muitos informantes da GII, principalmente os da Cb, a língua de imigração é uma forma de expressão da identidade, conforme Appel e Muysken (2005) e Tabouret-Keller (2007), o que faz com que estes informantes ainda mantenham a língua de imigração, mesmo que em menos domínios, mais intensamente na família.

Nesta pesquisa, identificamos que os quatro informantes da GII de Nova Erechim-SC tiveram o *Pol.* como língua materna, o qual era usado nos mais diferentes espaços e domínios, sendo que 3 deles, exceto a informante da CaGII-F, só tiveram contato com o *Pt.-RS* na escola. Por isso, a GII desta localidade ainda usa o *Pol.*, diferente da GI, que não mantém mais. Em Chapecó-SC, apenas três informantes dizem ter duas línguas maternas, o *talian* juntamente com o *Pt.-RS*, a CbGII-F e os dois da CbGI. Em São Carlos-SC todos os informantes têm o *Hr.* como língua materna, sendo que apenas o CaGI-M tem tanto o *Pt.-RS* quanto o *Hr.*.

O fato da GII manter mais a língua de imigração, a partir do uso dos termos de parentesco, também está de acordo com o que destaca Margotti (2004), de que tanto falantes jovens como velhos tendem a reproduzir o estado da língua adquirido no início da vida até a adolescência e tendem a não mudar depois disso.

Observa-se que o grau de manutenção reduziu muito de uma geração para outra, principalmente no uso do *Pol.*, em Nova Erechim (65% das respostas em *Pt.-RS*), e do *talian*, em Chapecó (34% das respostas em *Pt.-RS*). Em São Carlos-SC, a substituição do *Hr.* é menor, mas

também ocorre, com um índice de 10%. A diminuição no uso da língua de imigração entre as gerações, de forma mais expressiva em Nova Erechim-SC e em Chapecó-SC, explica-se de acordo com Thun (1996) e Altenhofen (2011), visto que são localidades com mais mobilidade e mais contatos, principalmente com o *Pt.-RS*. Isso faz com que, nesses pontos de pesquisa, a língua majoritária predomine.

Fishman (2006) destaca que as línguas estão ameaçadas porque a sua transmissão entre as gerações decorre de forma negativa, tendo cada vez menos usuários, assim como Margotti (2004) destaca que a língua segue um estágio decrescente, da geração mais velha para a geração mais nova. Assim, ao deixar de ser adquirida e utilizada em situações do cotidiano pelos membros das gerações seguintes, a língua de imigração pode ser perdida completamente. É o que observamos na pesquisa em Nova Erechim-SC, onde o *Pol.* está sendo cada vez menos usado pela GII e já foi perdido completamente na GI.

Concluimos que está havendo linguicismo e conseqüentemente uma perda linguística, pois os falantes estão deixando a língua morrer. Os próprios informantes percebem e relataram isso durante o questionário metalinguístico e se consideram responsáveis pela perda, pois como pais, também não se preocupam em repassar o conhecimento sobre a língua aos filhos.

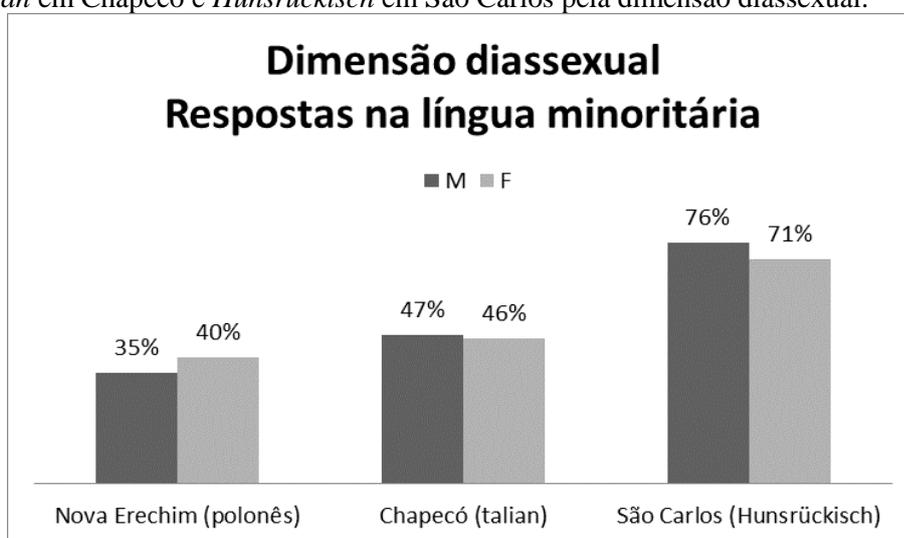
Quando ocorre a substituição de uma variedade, nesse caso devido ao processo de imigração e migração, nem sempre os falantes estão conscientes ou com a intenção que isso ocorra, conforme Raso Melo e Altenhofen (2011). A motivação para a mudança começa quando os falantes percebem que a língua majoritária, em nosso contexto o *Pt.-RS*, lhes traz melhores oportunidades educativas e profissionais. Porém, sabe-se que, atualmente, dominar pelo menos uma habilidade em outra língua, seja ela de *status* estrangeiro ou minoritário, é visto muito mais de forma positiva do que negativa.

Appel e Muysken (2005) destacam que a vitalidade do grupo garante as chances de sobrevivência de uma língua. Observamos que o *talian* e o *Pol.*, principalmente, mas também o *Hr.*, em menor proporção, vem apresentando uma baixa vitalidade, principalmente na GI, nas localidades pesquisadas. Os autores e também Altenhofen (2014) justificam que se a língua for usada em poucas territorialidades ou domínios, diminui o seu valor e, com isso, diminui também a motivação dos jovens em aprender e usar a língua de imigração.

### 5.2.3 Dimensão diasssexual – M e F

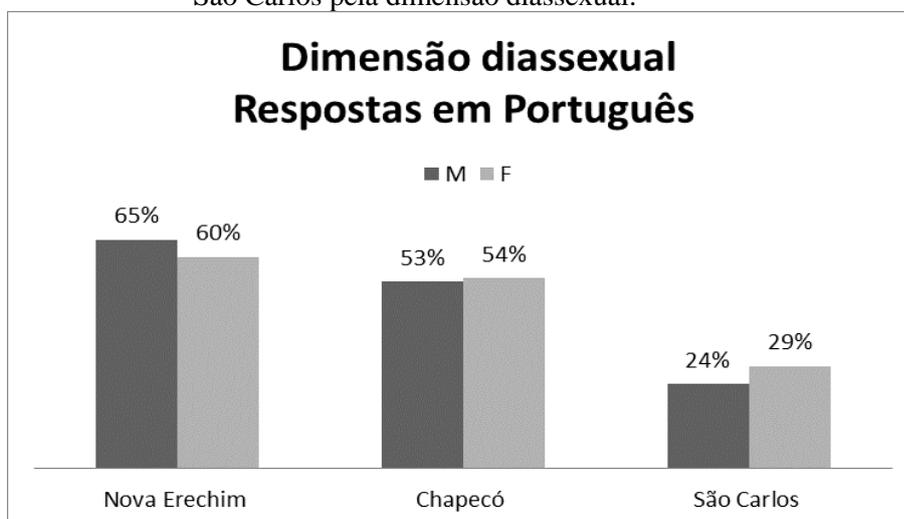
Aqui apresentamos a análise do uso dos termos de parentesco, de forma espontânea, pela dimensão diasssexual, ou seja, a partir dos gêneros masculino e feminino. Os resultados estão expostos nos dois gráficos a seguir, um para as respostas nas variedades de imigração e outro para as respostas em português.

Gráfico 5: Dados da aplicação dos termos de parentesco obtidos nas variedades polonês em Nova Erechim, *talian* em Chapecó e *Hunsrückisch* em São Carlos pela dimensão diasssexual.



Fonte: Dados do ALCF-OC.

Gráfico 6: Dados da aplicação dos termos de parentesco obtidos em Português em Nova Erechim, Chapecó e São Carlos pela dimensão diasssexual.



Fonte: Dados do ALCF-OC.

Em Nova Erechim-SC, de acordo com os gráficos 5 e 6, podemos perceber que as mulheres mantêm mais o *Pol.* (40%) em relação aos homens (35%). Assim, eles substituem mais usando o *Pt.-RS* (65%) em relação às mulheres (60%). Destacamos que a informante da CbGI-F não foi encontrada nesta localidade, então tais resultados foram calculados com base em quatro informantes masculinos e três femininos.

A manutenção da língua de imigração é maior entre os homens em Chapecó-SC (47%) e São Carlos-SC (76%), enquanto as mulheres mantêm respectivamente 46% e 71%. Com isso, a substituição pelo *Pt.-RS* é um pouco maior entre elas, com 54% em Chapecó-SC e 29% em São Carlos-SC, contra 53% e 24% dos homens, respectivamente.

Dessa forma, nas localidades pesquisadas, os homens mantêm mais do que as mulheres, vindo ao encontro do que Trudgill e Chambers (2004) defendem, que as mulheres tendem a usar mais variantes de prestígio do que os homens, ou seja, o *Pt.-RS*. Assim, geralmente são as mulheres que começam a substituição linguística em suas comunidades. Labov (2010) também defende a ideia de que os homens usam, com maior frequência, formas não padrão e as mulheres tendem a preferir formas prestigiadas. Isso aconteceu em Chapecó-SC (1%), com o *talian*, e mais representativamente em São Carlos-SC (5%), com o *Hr.*.

Bortolotto (2015) também confirmou a ideia de Labov, pois as mulheres de Chapecó-SC e Pato Branco-PR apresentaram uma substituição maior do *talian* pelo *Pt.-RS*, sendo as diferenças de 4% e 9% a mais de uso de *talian* pelos homens em relação às mulheres nos dois locais, respectivamente.

Já Wehrmann (2016) percebeu, em sua pesquisa, que as mulheres mantêm mais o *Hr.*, discordando da ideia de Labov (2010). Porém a diferença em relação aos homens foi muito pequena, sendo de 1%. Isso também aconteceu em Nova Erechim-SC (5%), com o *Pol.*, em nossa pesquisa.

Portanto, nas comunidades de fala, é necessário observar as peculiaridades, pois há comunidades em que as mulheres não desempenham um papel na vida pública. Assim, torna-se necessário considerar a língua em sua esfera sociocultural. Então, vinculamos o gênero à classe sociocultural e ao papel que os informantes desempenham na sociedade, para compreender se as mulheres realmente se aproximam mais da norma de prestígio do que os homens.

Em Nova Erechim-SC, a mulher da CaGII é professora aposentada; a mulher da CbGII é agricultora aposentada e ainda vive no meio rural; e a mulher da CaGI trabalha como atendente na prefeitura. Em Chapecó-SC, a mulher da CaGII também é professora aposentada; a mulher da CbGII é servetente (limpeza de escola pública) aposentada; a mulher da CaGI administra uma rede

de lojas da família e a da CbGI é agricultora. Em São Carlos-SC, a mulher da CaGII é professora aposentada e agora se dedica a agricultura; a mulher da CbGII é agricultora aposentada e agora vive no centro da cidade; a mulher da CaGI é administradora de empresa e a da CbGI é agricultora.

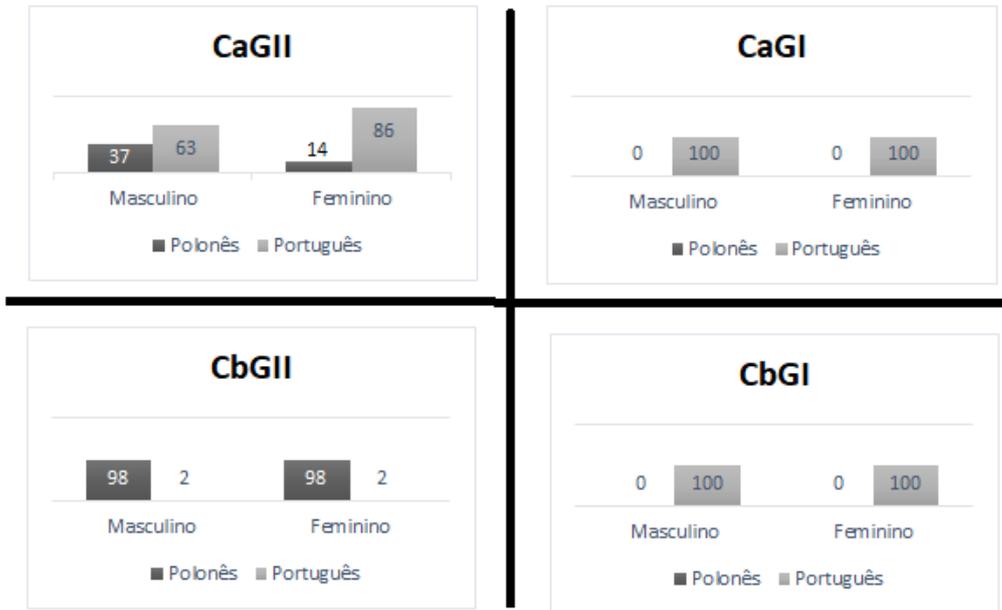
A partir desses números, identificamos que a dimensão diassexual não é relevante nessa análise, pois a diferença na manutenção das línguas minoritárias entre homens e mulheres é pequena, sendo de 5% em Nova Erechim-SC, 1% em Chapecó-SC e 5% em São Carlos-SC. Para Horst (2014), a dimensão diassexual também não apresentou resultados relevantes, assim como para Horst (2011), em que a aplicação dos termos de parentesco em *Hr*: por homens e mulheres foi equilibrada, apresentando praticamente os mesmos resultados. Dessa forma, para os contextos de imigração estudados, podemos perceber que a dimensão diassexual não apresenta muita relevância, pois os resultados geralmente aparecem equilibrados entre homens e mulheres ou apresentam uma diferença muito pequena.

Ao relacionar os gráficos, observamos que, pela dimensão diassexual, em Chapecó-SC (*talian*) e Nova Erechim-SC (*Pol.*), as línguas de imigração estão sendo mais substituídas pelo *Pt.-RS* do que mantidas. A substituição em Nova Erechim-SC é de 20% entre as mulheres e 30% entre os homens. Em Chapecó-SC as mulheres substituíram 8% e os homens 6%. O oposto ocorre em São Carlos-SC (*Hr.*), onde a manutenção é superior, sendo de 42% entre as mulheres e 52% entre os homens.

#### **5.2.4 Comparação entre as respostas obtidas nas três línguas/localidades pelo questionário lexical a partir das dimensões diastrática, diageracional, diassexual e dialingual**

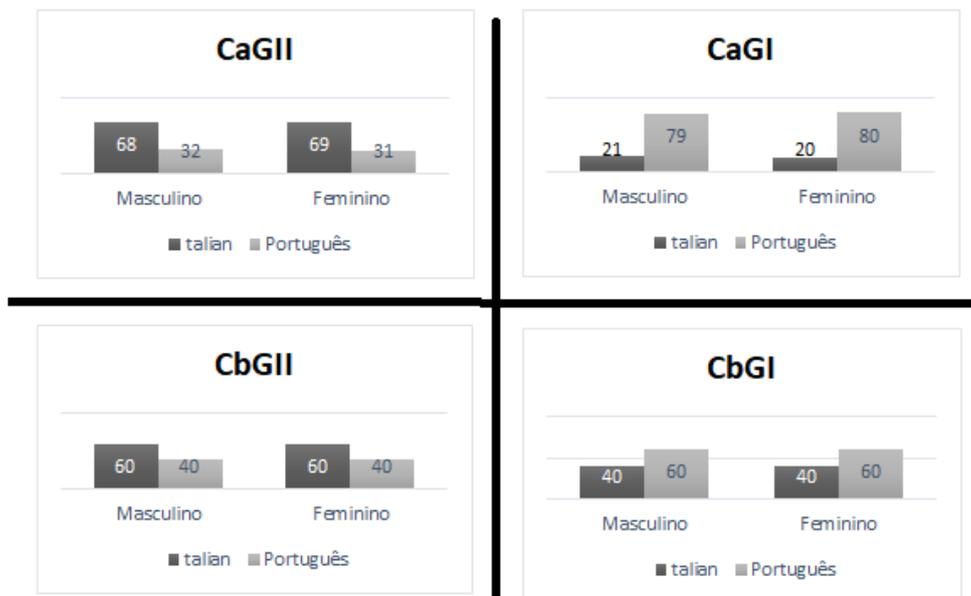
Após as análises individuais, neste tópico apresentamos os resultados das respostas espontâneas de forma comparativa, cruzando os dados das dimensões diastrática, diageracional e diassexual, nas quatro células da cruz. São apresentados três gráficos, para demonstrar os resultados também na dimensão dialingual, gráfico 7 (*Pol.* em Nova Erechim-SC), 8 (*talian* em Chapecó-SC) e 9 (*Hunsrückisch* em São Carlos-SC).

Gráfico 7: Dados das aplicações dos termos de parentesco sanguíneo, por aliança e espiritual em *Pol.* e *Pt.-RS* a partir das dimensões diastrática, diageracional, diasssexual e dialingual: **Nova Erechim-SC.**



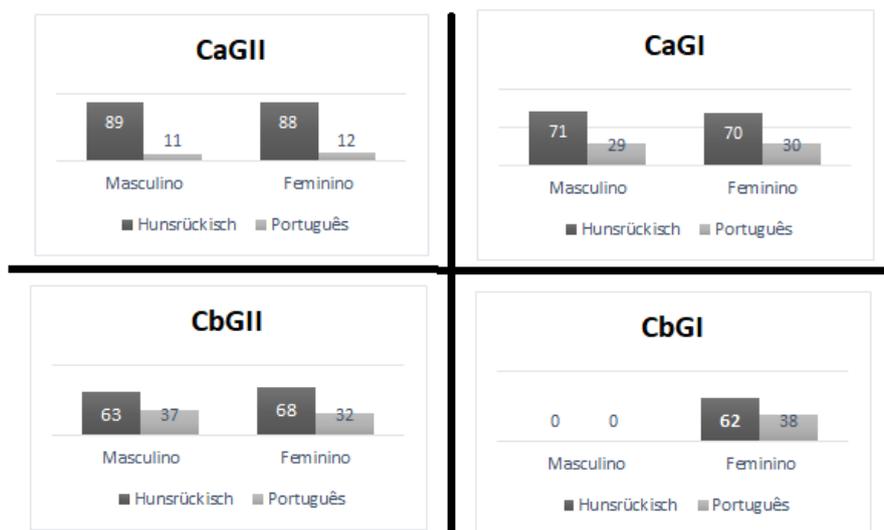
Fonte: Dados do ALCF, coletados por WEPIK (2017).

Gráfico 8: Dados das aplicações dos termos de parentesco sanguíneo, por aliança e espiritual em *talian* e *Pt.-RS* a partir das dimensões diastrática, diageracional, diasssexual e dialingual: **Chapecó-SC.**



Fonte: Dados do ALCF, coletados por HASSELSTRON (2018).

Gráfico 9: Dados das aplicações dos termos de parentesco sanguíneo, por aliança e espiritual em *Hr.* e *Pt.-RS* a partir das dimensões diastrática, diageracional, diassexual e dialingual: **São Carlos-SC.**



Fonte: Dados do ALCF, coletados por HORST (2007).

Observando os gráficos 7, 8 e 9, identificamos que entre os informantes de Nova Erechim-SC, gráfico 7, o homem e a mulher da CbGII são os que mais mentêm o *Pol.*, com 98% do uso dos termos de parentesco. Em Chapecó-SC, gráfico 8, quem mais mantém o uso do *talian* são os informantes masculino e feminino da CaGII, com 68% e 69%, respectivamente. Em São Carlos-SC, gráfico 9, acontece da mesma forma, os informantes da CaGII mantêm mais o uso do *Hr.*, com 89% para o homem e 88% para a mulher.

Nas demais células da cruz, percebe-se maior manutenção da língua de imigração em São Carlos-SC, com o uso do *Hunsrückisch*. A CaGI aparece em segundo lugar, com 71% de manutenção para o homem e 70% para a mulher. Em seguida, aparece a CbGII com 68% dos termos em *Hr.* mantidos pela mulher e 63% pelo homem. Por último, temos a CbGI-F, com manutenção de 62% dos termos. Nessa célula, o homem não se pronunciou durante a coleta, a qual aconteceu de forma plural e simultânea com a informante feminina. Ele ofereceu apenas uma resposta espontânea, e esta foi em *Pt.-RS*. Dessa forma, não houve dado para a CbGI-M desta localidade. Aqui, em todas as células, houve maior manutenção da língua de imigração do que substituição pelo *Pt.-RS*.

Chapecó-SC, com o uso do *talian*, foi a segunda localidade que mais apresentou manutenção da língua de imigração, havendo respostas espontâneas em todas as células. Em primeiro lugar a CaGII, após a CbGII, em seguida a CbGI e por último a CaGI. Nessa localidade, a GII apresentou maior manutenção, enquanto a GI apresentou maior substituição pelo *Pt.-RS*.

Por último temos Nova Erechim-SC, onde obtivemos respostas espontâneas em *Pol.* apenas na GII. A CbGII apresentou maior manutenção, enquanto a CaGII substituiu mais o *Pol.* pelo *Pt.-RS.* Na GI não obtivemos respostas espontâneas em *Pol.*. Ressaltamos, novamente, que a informante CbGI-F não foi encontrada na localidade.

A partir da aplicação dos termos de parentesco entre homens e mulheres das diferentes classes e gerações, com diferentes línguas de imigração, é possível observar um percentual maior de manutenção entre a CaGII. Se compararmos as porcentagens entre os informantes da GII e da GI, fica claro que o uso das variedades de imigração está decrescendo da geração mais velha para a geração mais nova. Em relação às classes, na Cb percebe-se que a falta de estudo interfere na valorização das línguas, pois os informantes com mais escolaridade, Ca, compreendem melhor a importância do uso da língua na manutenção da cultura e identidade, esforçando-se mais para utilizá-la e transmití-la, por isso apresentam maior manutenção. O oposto acontece em Nova Erechim-SC, onde a CbGII manteve mais o *Pol.*. Quanto aos gêneros, tanto os homens quanto as mulheres apresentam percentuais semelhantes de manutenção das línguas de imigração.

Dessa forma, é possível perceber que não existem diferenças significativas entre gêneros, mas sim entre as classes e principalmente entre as gerações, conforme nossas hipóteses iniciais.

### 5.3 RELAÇÃO ENTRE CRENÇAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS

Vandermeeren (2005) e Kaufmann (2011) consideram as atitudes como um complexo formado por três classes – componente cognitivo, afetivo e conativo – em que o componente cognitivo tem a ver com os pensamentos e crenças, o afetivo refere-se aos sentimentos em relação a atitude, sobre o objeto (a língua), e o conativo é a intenção comportamental, uma possível manifestação de atitude linguística. Em nossa pesquisa, consideramos os componentes cognitivo e afetivo como crenças linguísticas, e o componente conativo como atitude linguística, a qual interpretamos a partir do uso dos termos de parentesco.

As questões de crenças linguísticas serviram para percebermos o que os informantes pensam sobre suas línguas de imigração. O questionário lexical, com os termos de parentesco, serviu para identificarmos o uso efetivo da língua pelo informante. Neste tópico, objetivamos comparar os resultados de ambos os questionários, para verificar se as crenças e as atitudes convergem ou divergem. Nesta etapa, focamos nos dados mais expressivos, portanto não detalhamos novamente, de forma individual, todas as respostas.

Em Nova Erechim-SC, os informantes da CbGII e da CaGII manifestaram que tiveram *Pol.* como língua materna. A CbGII também informou que costumar usar e gosta mais de se comunicar em *Pol.* Tais dados foram confirmados a partir das atitudes, do uso da língua polonesa, no questionário lexical. Somente os informantes da GII usaram, espontaneamente, os termos de parentesco em *Pol.* Todos os demais informantes que relataram gostar e usar somente o *Pt.-RS*, assim o fizeram. Dessa forma, o maior uso do *Pol.* foi percebido nos informantes que o reconheceram como língua materna, que foram todos os informantes da GII. A língua polonesa não é usada em nenhum local público no município de Nova Erechim-SC, a não ser em alguns ambientes familiares isolados e por isso não desperta o interesse dos jovens em aprender.

Em Chapecó-SC, apenas a informante da CbGII-F e os informantes da CbGI informaram ter o *talian* como língua materna. Nessa localidade, esse fator não foi determinante para a manutenção ou substituição linguística, pois quem manteve mais o *talian* foi a CaGII que afirma não tê-lo como língua materna. Os informantes da GII e da CbGI dizem que costumam usar a língua de imigração na família e gostam, mas todos afirmam que usam mais o *Pt.-RS*. Em relação à CbGI, os dados se confirmam, pois assim como a CaGI, o uso do *Pt.-RS* prevalece sobre o *talian*. Já a GII apresenta maior índice de manutenção do que de substituição. Em alguns locais públicos do interior de Chapecó-SC, comunidades onde os informantes da GI vivem, ainda usa-se, esporadicamente, o *talian*. Por isso, os informantes dessa geração ainda mantêm, mesmo que pouco ou de forma passiva, algum conhecimento na língua de imigração.

Chapecó-SC é uma cidade polo, capital do oeste catarinense, e recebe diariamente muitas pessoas das cidades vizinhas, além daqueles que se mudam para o local para estudar ou devido as melhores oportunidades de emprego. Há, no município, grande número de universidades e o hospital referência da região. Devido ao grande fluxo de pessoas, ocorre uma miscigenação cultural e linguística.

A cidade é conhecida pela representação italiana, devido ao grande número de descendentes italianos que aqui vivem, mas o que observa-se é que os representantes dessa etnia estão mais restritos ao interior e a maioria já não preserva mais a língua de imigração, salvo alguns casos de informantes mais velhos. O município possui uma rota italiana, organizada por algumas comunidades do interior, mas o objetivo das confraternizações está na cultura (comida, vestimentas e dança) e não na preservação da língua. Mesmo Chapecó-SC sendo populacionalmente maior que Nova Erechim-SC e São Carlos-SC, a representatividade de falantes da língua de imigração acabou sendo inferior aos demais locais.

São Carlos -SC foi a localidade onde mais recebemos respostas positivas quanto ao uso da língua de imigração, o *Hr.*. Todos os informante tiveram-na como língua materna e a maioria, principalmente a Cb, afirma usá-la no dia a dia. Os dados lexicais, uso dos termos de parentesco, vem ao encontro das crenças linguísticas positivas dos informantes, pois em todas as células, salva a exceção do informante CbGI-M, o índice de manutenção do *Hr.* é superior ao de substituição pelo *Pt.-RS*. Os informantes da Cb afirmam falar mais em *Hr.*, enquanto a Ca acredita usar mais o *Pt.-RS*, porém, ao contrário disso, os dados lexicais informam que a Ca mantém mais o *Hr.* do que a Cb. Neste município, o *Hr.* é usado em vários domínios públicos, além do familiar, junto com o *Pt.-RS*, sendo também uma língua de uso comum.

Observamos que, a partir das sugestões, alguns informantes, principalmente os que não conseguiram se expressar espontaneamente na língua de imigração, reconhecem alguns termos, o que demonstra que ainda possuem algum conhecimento passivo<sup>43</sup> da língua, que os permite compreender algumas palavras e expressões em *Pol.*, conhecimento esse não suficiente para estabelecer uma comunicação.

Quanto ao repassar o conhecimento da língua de imigração para os filhos, todos reconhecem a importância da transmissão, que é essencial para manter as origens, a tradição, conservar a história, a cultura e a língua dos antepassados, e também pela grandeza de saber mais de uma língua. Porém, principalmente os informantes da GI, de todas as localidades e respectivas línguas de imigração, destacam que esse conhecimento não foi transmitido a eles pelos pais e avós e, dessa forma, eles não tem condições de usá-lo e também não transmitirão aos filhos. Lamentam e gostariam de ter aprendido.

Devido às repressões políticas do passado, os informantes da geração mais velha (GII), sofreram por não dominarem perfeitamente a língua majoritária e foram discriminados por falar uma língua de imigração, o que os faz manter uma visão negativa sobre o fato, por isso deixaram de ensinar a língua de imigração aos filhos, acreditando que estão os ajudando e os livrando de um problema. Nos locais pesquisados, o uso do *Pt.-RS* é favorecido, como percebido através das crenças e confirmado a partir das atitudes linguísticas.

Em Nova Erechim-SC, 5 dos 7 informantes descendentes de poloneses sentem vergonha de falar em *Pol.*. Conforme Wepik (2017), o informante da CaGII-M destaca que o *Pol.* aqui falado é arcaico, e outros informantes complementam dizendo que o mesmo é errado, misturado, deturpado,

---

<sup>43</sup> Segundo Romaine (1995), os bilíngues passivos tem uma maior habilidade receptiva (compreensão e leitura) do que produtiva (falar e escrever).

e que este também é um dos motivos pelo qual a língua vem sendo usada cada vez menos. Os informantes consideram como adequado, correto, o polonês falado na Polônia e ressaltaram que quem fala melhor o *Pol.*, aqui, são as pessoas mais velhas, das gerações passadas, e os professores que estudam a língua.

Segundo Altenhofen (2002), a forma como a sociedade vê a língua afeta a relação dos falantes com ela, por isso, também pode ocasionar a não transmissão da língua para as futuras gerações. Devido a essa visão negativa que os informantes têm do *Pol.*, a não transmissão é perceptível neste local, onde a GI não usa mais a língua de imigração.

Em Chapecó-SC, nenhum informante sente vergonha de usar o *talian* e, em São Carlos-SC, apenas a informante da CaGII-F já sentiu vergonha de falar em *Hr.*, na infância, mas agora não sente mais.

A maioria dos informantes destacou que deveria ter ensino de sua respectiva língua de imigração nas escolas. Somente a informante da CaGII-F de Nova Erechim-SC destacou não haver mais necessidade atualmente, pois quase ninguém mais usa o *Pol.* no município. Aqui se reforça que o *Pol.* não é usado em nenhum domínio público em Nova Erechim-SC, o uso se restringe ao ambiente familiar, de poucas famílias que ainda conservam a língua. No caso dessa pesquisa, quem ainda usa o *Pol.* em ambiente familiar é somente a CbGII. Os informantes da CaGII de Chapecó-SC acham que seria bom haver ensino de *talian*, mas acham que as línguas estrangeiras de prestígio, como o inglês e o espanhol, são mais úteis comercialmente.

Observamos, nos contextos da pesquisa, que o *Pol.* e o *talian*, muito mais do que o *Hr.*, apresentam uma baixa vitalidade, a qual resulta na mudança linguística para a língua majoritária. Segundo Altenhofen (2011), a alta vitalidade faria com que a língua de imigração se mantivesse, e esta refere-se ao número de domínios ou territorialidades em que a língua é usada. Por esse motivo, o *Hr.*, é a variedade mais mantida pelos informantes, pois é usado em mais domínios que as outras duas.

Lasgabaster (2004 apud Kaufmann, 2011) afirma que as atitudes são diretamente influenciadas por fatores externos, como a família, trabalho, religião, amigos ou a educação, ao ponto de as pessoas tenderem a ajustar suas atitudes para se adequarem àquelas que são predominantes nos grupos sociais a que se vinculam, por isso, nos locais pesquisados, o *Pt.-RS*, língua majoritária, predomina.

Essa mudança linguística em favor do *Pt.-RS*, que foi percebida nos locais em estudo, já tem seus informantes sendo da terceira, quarta e quinta gerações de descendentes no Brasil, de acordo com Wepik (2017). Conforme Appel e Muysken (2005), a primeira geração era bilíngue com

predominância da língua e imigração, na segunda geração uma das línguas prevaleceu, já a terceira geração, caso dos nossos informantes da GII, é bilíngue com predominância da língua majoritária, o *Pt.-RS*, e a quarta geração, a nossa GI, só tem domínio da língua majoritária.

A partir das respostas subjetivas do questionário de crenças linguísticas, notamos que a maioria dos informantes está ciente de que, num futuro breve, as línguas de imigração irão desaparecer nas comunidades em estudo, pois a GI fala preferencialmente ou somente em *Pt.-RS*. Isso só é menos expressivo em São Carlos-SC, onde todos os informantes ainda mantêm o uso do *Hr.*.

Acredito que as situações de diferenciação entre as línguas, seja através das nomenclaturas (língua, dialeto, variedade, etc) ou devido ao preconceito linguístico, levam os sujeitos a dizer que não sabem a própria língua, o que também acontece muito com o próprio português. É importante difundir entre os sujeitos que o fato de usarem expressões informais não significa que não usem ou não saibam uma língua.

Confirmando a nossa hipótese e a partir das variáveis apresentadas por Altenhofen (2011), os alemães de São Carlos-SC são os que mais fomentam o uso da sua língua de imigração, o *Hr.*. As atitudes desses informantes revelaram-se mais positivas que suas crenças. O local conta com uma grande homogeneidade étnica e o *status* que a cidade carrega favorece a manutenção da língua.

Nas demais localidades, a cultura e os costumes italianos e poloneses estão sendo mais conservados nos museus, grupo de danças folclóricas, no turismo que revive os roteiros e nas festas típicas do que no uso real da língua no dia a dia.

Também buscamos perceber como os informantes se sentem mais: brasileiros, poloneses, italianos ou alemães, para compararmos ao uso das respectivas línguas de imigração e percebermos se existem relações. Identificamos que a maioria dos informantes da GII de Nova Erechim-SC sentem-se mais poloneses, e são estes que fazem o maior uso do *Pol.*. Porém, alguns informantes da GI também ressaltaram sentir-se mais poloneses e, segundo o questionário lexical, eles apresentaram pouco ou nenhum domínio da língua polonesa. A informante da CaGI-F argumentou que sente-se polonesa por conviver com os costumes poloneses e por sua descendência, mesmo que a língua não esteja mais presente.

Os informantes de Chapecó-SC sentem-se tanto italianos quanto brasileiros. Somente a informante da CaGI-F sente-se somente brasileira. Já os informantes de São Carlos-SC sentem-se todos mais alemães do que brasileiros. Essas respostas refletem exatamente o uso das variedades, *talian* e *Hr.*, nas localidades pesquisadas, pois a língua é um dos fatores que mais identificam os sujeitos e os fazem sentir pertencentes a um determinado grupo. Krug (2004) também constatou que

a língua é um dos principais fatores de identificação entre alemães, italianos e luso-brasileiros em Imigrante-RS.

Entende-se que a identidade se manifesta no sentimento de pertença a um grupo étnico que compartilha de características culturais representadas por uma língua ou dialeto, comuns e vigentes entre os membros desse grupo. O idioma, além de nomear o grupo étnico, é o meio pelo qual os indivíduos se relacionam, ou seja, os aproxima ou diferencia. Portanto, segundo Appel e Muysken (1996), a linguagem não é apenas um instrumento para a comunicação de mensagens. As normas e valores culturais de um grupo são transmitidos pelo seu idioma que tem significado social.

Portanto, concordamos com Lasagabaster (2004 apud Kaufmann, 2011) quando este destaca que as atitudes preveem o comportamento social, e mesmo que haja uma lacuna entre o que as pessoas dizem e o que elas fazem, ou seja, mesmo que as pessoas não façam exatamente o que dizem, o conhecimento sobre as atitudes ajuda a prever o comportamento, visto que as atitudes percebidas a partir do comportamento linguístico se aproximam do que os informantes dizem a partir de suas crenças.

Nas três localidades, Nova Erechim-SC, Chapecó-SC e São Carlos-SC, no geral, o comportamento linguístico demonstrado a partir dos termos de parentesco (atitudes), confirmou o que os informantes relataram sobre suas línguas (crenças). Assim, verificamos que há vínculo entre as atitudes e o comportamento.

Conseguimos identificar como as pessoas pensam que deveriam se comportar (a maioria dos informantes destacou que deveriam manter, usar e transmitir sua língua de imigração para as demais gerações), como as pessoas dizem que se comportam e o comportamento real, o uso que os informantes realmente fazem das línguas. Nos contextos estudados, houve o predomínio do uso do *Hr.* na CaGII (89%), em seguida do *talian*, também na CaGII (69%) e então do *Pol.*, o qual foi utilizado somente pela CbGII (98%). É importante ressaltar que o uso do *Pol.* em Nova Erechim-SC restringe-se ao domínio familiar, entre falantes mais velhos, provavelmente porque a localidade possui grande quantidade de habitantes descendentes de italianos e tem como língua cooficial o *talian*.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este capítulo apresenta as conclusões da pesquisa. Após muitas leituras, produção do referencial teórico, organização do questionário, coleta de dados, transcrição, descrição e análise do *corpus*, retomamos a questão inicial da pesquisa: **As diferenças interculturais afetam as crenças e atitudes linguísticas de descendentes de imigrantes poloneses, italianos e alemães que vivem em Nova Erechim, Chapecó e São Carlos, no oeste catarinense?**

Para chegarmos as respostas, investigamos as crenças, que são as percepções e convicções dos informantes sobre as suas línguas, cujos dados foram obtidos através de um questionário metalinguístico, e as atitudes, que foram percebidas a partir do uso da língua, que se deu através da aplicação de um questionário lexical sobre os termos de parentesco.

- a) Referente a **dimensão diastrática**, nosso objetivo foi perceber qual a influência da escolaridade na percepção dos falantes sobre suas línguas. O resultado encontrado na análise individual desta dimensão confirma nossa hipótese inicial, pois a Cb de Nova Erechim-SC (67%) e Chapecó-SC (49%) mantém mais a língua de imigração em relação à Ca, com 13% e 44%, respectivamente. Em São Carlos-SC a Ca fica a frente com 81% de manutenção, enquanto a Cb apresenta 64%. Esse resultado comprova o que Margoti (2004) e Labov (2010) afirmam, que os mais escolarizados aproximam mais a fala da variedade padrão, que em nosso contexto de pesquisa é o *Pt.-RS*. As línguas de imigração deste estudo são variedades predominantemente orais e usadas em menos domínios que a variedade padrão, o *Pt.-RS*, por isso são menos prestigiadas. Os dados apresentaram um diferencial significativo quanto à manutenção das variedades entre as classes socioculturais. A diferença da Cb sobre a Ca em Nova Erechim-SC é de 54% e em Chapecó-SC de apenas 5%. Bortolotto (2015) em sua pesquisa sobre o contato italiano-português, também concluiu que foram os informantes da Cb que mais proferiram os termos de parentesco em *talian*, mesma conclusão de Horst (2011), no contato alemão-português. Já em São Carlos-SC ocorre o oposto, a Ca supera a Cb em 17% na manutenção do *Hr.*. Wehrmann (2016), ao pesquisar o contato alemão-português, também concluiu que os informantes da Ca proferiram mais termos em alemão que os informantes da Cb. Porém, quando expostos no esquema da Cruz de Thun (2010), cruzando os dados entre classe, geração e gênero, encontramos o oposto da hipótese. A Ca manteve mais o uso da língua de imigração do que a Cb também em Chapecó-SC (9%) além de São Carlos-SC (aproximadamente 15%).

b) Pela **dimensão diageracional**, procuramos inferir se há mudança no comportamento linguístico entre as gerações, informantes mais jovens e mais velhos. Nossa hipótese se confirmou em todas as localidades/línguas de imigração, sendo esta a dimensão com a diferença mais expressiva neste estudo. A GII mantém mais a língua de imigração que a GI, pois esta é a língua materna da maioria dos informantes desta geração, por isso esteve ou ainda está mais presente em suas vidas. Em Nova Erechim-SC, a GII apresentou uma manutenção de 65% do *Pol.*, em Chapecó-SC de 64% do *talian* e em São Carlos-SC de 77% do *Hr.*, enquanto a GI manteve 30% em Chapecó-SC e 67% em São Carlos-SC. Em Nova Erechim-SC a GI não proferiu nenhum termo em *Pol.*, por isso ocorreu lusitanização, ou seja, substituição total pelo *Pt.-RS*. A partir dos dados, percebe-se que a diminuição na manutenção da língua de imigração de uma geração para outra é, no geral, grande. Em Nova Erechim-SC a diminuição do uso do *Pol.* foi de 65%, em Chapecó-SC, o uso do *talian* diminuiu 34% e em São Carlos-SC, o uso do *Hunsrückisch* diminuiu 10%. Krug (2004) e Margotti (2004) destacam que a língua segue um estágio decrescente, da geração mais velha para a geração mais nova. A GII mantém mais sua respectiva língua de imigração, pois esses informantes nasceram em um período em que muitos de seus pais falavam somente a variedade do polonês, do italiano ou do alemão em casa e porque os avós conheciam apenas essa língua. Embasados em Margotti (2004), sabemos que tanto os falantes jovens como os mais velhos tendem a reproduzir o estado de língua adquirido no início da vida até a adolescência e tendem a não mudar depois disso. Desta forma, a utilização e valorização de uma língua ou outra depende do histórico familiar e também do prestígio de cada uma das línguas. Já os falantes da GI difundem mais a variedade de prestígio, o *Pt.-RS*, tendo pouco domínio da língua de imigração, resultado da Política de Nacionalização, quando o uso das línguas de imigração restringiu-se ao ambiente familiar, ou seja, diminuiu a quantidade de domínios e os pais passaram a ensinar apenas o português aos filhos. Este é o linguicismo apresentado por Skutnabb-Kangas e Phillipson (1996), visto que os próprios falantes estão deixando a língua morrer. Conclui-se, então, que a GI não adquire mais conhecimento suficiente da língua de imigração para se comunicar. Pesquisas realizadas por Bortolotto (2015) sobre o *talian*, Horst (2011), sobre o *Hunsrückisch* e Wepik (2017) sobre o *Pol.*, entre outras, também comprovaram essa hipótese.

- c) Pela **dimensão diassexual**, verificamos se há diferenças nas crenças e atitudes linguísticas entre homens e mulheres. Também comprovamos nossa hipótese, não havendo diferenças significativas na manutenção das línguas de imigração entre os gêneros feminino e masculino. Porém, também supomos que as mulheres tendem a utilizar mais a variedade de prestígio, nesse caso o *Pt.-RS*, segundo Chambers e Trudgill (2004), o que se confirmou, mesmo que timidamente, neste estudo. Labov (2010) afirma que a mulher é mais sensível aos padrões de prestígio e se autocorrige. Em Chapecó-SC e São Carlos-SC os homens mantiveram mais a língua de imigração, com um percentual de 47% e 76%, respectivamente, enquanto as mulheres destas localidades mantiveram 46% e 71%. Por outro lado, conforme Altenhofen (2002), as mulheres também são as responsáveis pela manutenção da língua de imigração, pois transmitem-na aos filhos. Isso aconteceu em Nova Erechim-SC, onde as mulheres mantiveram o uso do *Pol.* em 40% e os homens em 35%. A diferença entre homens e mulheres tanto em Nova Erechim-SC quanto em São Carlos-SC foi de 5%, já em Chapecó-SC foi menor ainda, 1%. A hipótese de que as mulheres da CbGII usariam mais as línguas de imigração do que os homens, pois são elas que normalmente realizam as atividades domésticas e cuidam dos filhos, ficando mais isoladas, com menos contatos linguísticos, não se confirmou, pois os homens e mulheres da CbGII apresentaram o mesmo percentual de uso de termos de parentesco em Nova Erechim-SC e Chapecó-SC. Apenas em São Carlos-SC houve uma diferença de 5%, o que não é considerável. Já que as diferenças foram muito pequenas, podemos afirmar que a dimensão diassexual não é relevante, pois os resultados geralmente aparecem equilibrados entre homens e mulheres. Outras pesquisas abordando os contextos de imigração italiano e alemão, Bortolotto (2015), Horst (2011) e Wehrmann (2016), também reafirmam este resultado.
- d) Pela **dimensão dialingual**, investigamos, a partir do uso dos termos de parentesco, qual das etnias (polono, ítalo ou teuto-brasileiros) mantém mais sua respectiva língua de imigração. Constatamos que as línguas têm sim prestígios diferentes. Conforme havíamos suposto, observamos que os alemães prestigiam mais a sua língua de origem, o *Hunsrückisch*, e fomentam mais essa variedade, apresentando crenças mais positivas e utilizando mais os termos de parentesco. Conforme Altenhofen (2011), as variáveis tempo (idade das localidades); origem dos imigrantes; suporte institucional (ensino da língua alemã) e diversidade étnica, exercem uma grande influência na variação linguística. Desta forma, São Carlos-SC é o local onde a língua de imigração, o *Hr.*, é utilizada em diferentes domínios e

fortemente com a família. Também, todos os informantes têm o *Hr.* como língua materna. Nesta localidade, em todas as células, o *Hr.* apresenta maior manutenção do que substituição, mesmo os informantes dizendo que utilizam mais o *Pt.-RS* no seu dia a dia. Aqui foi a CaGII que apresentou maior índice de manutenção. Em segundo lugar temos Chapecó-SC e o uso do *talian*. Aqui a GII apresenta mais manutenção da língua de imigração e a GI substitui mais pelo *Pt.-RS*. A célula que mais manteve, neste local, também foi a CaGII. Em Nova Erechim-SC apenas a GII usa o *Pol.* e a CbGII mantém mais do que substitui pelo *Pt.-RS*. A GI não usa mais a língua de imigração. Isso faz com que esta localidade seja a que menos prestigia e usa a língua de imigração, entre as três pesquisadas.

- e) Quanto à **comparação entre as crenças e atitudes linguísticas**, identificamos que as três línguas ainda são estigmatizadas de alguma forma, devido ao modo como a sociedade e os próprios falantes as veem. Isso é bastante visível em relação ao *Pol.*, no município de Nova Erechim-SC, onde os informantes o veem como uma língua errada ou sem prestígio. Segundo Altenhofen (2002), isso ocasiona a interrupção da transmissão da língua para as futuras gerações, o que também é fato comprovado pelos dados lexicais. A partir da análise das crenças linguísticas dos informantes, observamos que a maioria vê as línguas de imigração de forma positiva. Quem não fala lamenta não ter aprendido, quem fala lamenta ver a constante substituição e perda da língua. A partir das atitudes, os dados apontam que o *Pol.* em Nova Erechim-SC e o *talian* em Chapecó-SC estão sendo mais substituídos pelo *Pt.-RS* do que mantidos. O *Hr.*, em São Carlos-SC, foi a única das três línguas de imigração pesquisadas que apresentou índice maior de manutenção do que de substituição em todas as células. Os informantes estão cientes da grande substituição e sabem que num futuro próximo essas línguas não existirão mais nos locais pesquisados. Então, a resposta à pergunta de pesquisa é afirmativa, pois as diferenças interculturais afetam as crenças e atitudes linguísticas de diferentes etnias e suas respectivas línguas de imigração, porém as diferenças são mais ou menos expressivas de acordo com cada dimensão. São Carlos-SC (*Hr.*) diferencia-se de Nova Erechim-SC (*Pol.*) e Chapecó-SC (*talian*) na dimensão diastrática. Na dimensão diageracional, o resultado é igual para as três línguas/localidades e, na diassexual, Nova Erechim-SC diferencia-se de Chapecó-SC e São Carlos-SC.

Nesse sentido, esperamos que essa pesquisa possa contribuir para a valorização da cultura e das línguas de imigração e também sirva de apoio e embasamento teórico para futuros estudos abordando os contatos entre línguas de imigração e o *Pt.-RS*, pois ainda há muito a se pesquisar.

## REFERÊNCIAS

AGUILERA, Vanderci de Andrade. Crenças e atitudes linguísticas: o que dizem os falantes das capitais brasileiras. In: **Estudos Linguísticos**. São Paulo: 2008. p. 105-112.

ALTENHOFEN, Cléo Vilson. **Áreas linguísticas do português falado no sul do Brasil: um balanço das fotografias linguísticas do ALERS**. In: VANDRESEN, Paulino (org.). *Variação e mudança no português falado na Região Sul*. Pelotas: EDUCAT – Editora da Universidade Católica de Pelotas, 2002. p. 115-145.

ALTENHOFEN, Cléo Vilson. **O conceito de língua materna e suas implicações para o estudo do bilinguismo (alemão – português)**. In: *Martius-Staden-Jahrbuch*. São Paulo: n.49, 2002. p.141-161.

ALTENHOFEN, Cléo Vilson. **Política linguística, mitos e concepções linguísticas em áreas bilíngues de imigrantes (alemães) no Sul do Brasil**. In: **RILI II**. 2004, p. 83-93.

ALTENHOFEN, Cléo Vilson. **Os contatos linguísticos e seu papel na arealização do português falado no sul do Brasil**. In: ELIZAICÍN, Adolfo & ESPIGA, Jorge (orgs.). *Español y portugués: fronteras e contatos*. Pelotas: UCPEL, 2008. p. 129-164.

ALTENHOFEN, Cléo Vilson. **O “território de uma língua”: ocupação do espaço pluridimensional por variedades em contato na Bacia do Prata**. In: *Seminário Internacional Línguas em Contato*. Pelotas: Ed. UFPel, 2011. [No Prelo].

ALTENHOFEN, Cléo Vilson. **Migrações e contatos linguísticos na perspectiva da Geolinguística Pluridimensional e Contatual**. *Revista de Letras Norte@mentos. Estudos Linguísticos, Sinop*, v. 6, n. 12, p. 31-52, jul./dez. 2013.

ALTENHOFEN, Cléo Vilson. O “território de uma língua”: ocupação do espaço pluridimensional por variedades em contato na Bacia do Prata. In: FERNANDÉZ, Ana Lourdes da Rosa N. Brochi; MOZZILLO, Isabella; SCHNEIDER, Maria Nilse & URUGUAY, C. Gonzales (orgs.). **Línguas em contato: onde estão as fronteiras?** Pelotas: Editora UFPel, 2014.

APPEL, René & MUYSKEN, Pieter. **Bilinguismo y contacto de lenguas**. Barcelona: Ariel, 1996.

APPEL, René & MUYSKEN, Pieter. Language Maintenance and shift. In: **Language Contact and Bilingualism**. Amsterdam University Press: Amsterdam Academic Archive, 2005. P. 32-45.

ARGENTA, Denise (org.). **50 Anos depois: inventário e salvaguarda do patrimônio imaterial de Nova Erechim**. Pinhalzinho, SC: Museu Histórico de Pinhalzinho, 2014.

BATALHA, Luís. **Breve análise sobre o parentesco como forma de organização social**. Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas. Universidade Técnica de Lisboa. 1995.

BAVARESCO, Paulo Ricardo. **Ciclos econômicos regionais: modernização e empobrecimento no Extremo Oeste Catarinense**. Chapecó: Argos, 2005.

BELLANI, Eli Maria. **Madeiras, Balsas e balseiros no Rio Uruguai**. Florianópolis: Ed UFSC, 1991.

BERRUTO, Gaetano. Identifying dimensions of linguistic variation in a language space. In: AUER, Peter. SCHMIDT, Jürgen Erich (orgs.). **Language and Space: theories and methods: An International Handbook of Linguistic Variation**. De Gruyter Mouton, 2010, p. 226-241.

BORTOLOTTI, Paula Cristina Merlo. **O talian na fala dos ítalo-brasileiros em Chapecó - SC e Pato Branco - PR: manutenção e substituição dos termos de parentesco**. 2015. 187p. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de Pós Graduação em Estudos Linguísticos, Chapecó, 2015.

BUSSE, Sanimar. SELLA, Aparecida F. Uma Análise das Crenças e Atitudes Linguísticas dos Falantes do Oeste do Paraná. In: **SIGNUM: Estudos Linguísticos**. Londrina: 2012. p. 77-93.

CÂMARA MUNICIPAL DE CHAPECÓ. **História de Chapecó**. Disponível em: <<http://www.cmc.sc.gov.br/2012/index.php/o-municipio/historia>>. Acesso em: 12 dez. 2016.

CARDOSO, Denise Porto. **Atitudes linguísticas e avaliações subjetivas de alguns dialetos brasileiros**. São Paulo: Blucher, 2015.

CARDOSO, Suzana A. M. **Geolingüística no terceiro milênio: monodimensional ou pluridimensional?** Revista GELNE, Fortaleza, v.4, n.2, p.1-16, 2002. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/9088/6442>. Acesso em: 17 de out. de 2016.

CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, Peter. **Dialectology**. 2. Ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

CORBARI, Clarice C. SELLA, Aparecida F. Crenças e atitudes linguísticas no Sudeste do Paraná: tendências de reação frente às diferentes línguas e etnias. In: **Estudos Linguísticos**. São Paulo, 2013. p. 526-539.

COSERIU, Eugenio. **Sentido y tareas de la dialectología**. México: Universidad Nacional Autónoma de México, Instituto de Investigaciones Filológicas, 1982.

FERRAZ, Aderlande Pereira. **O panorama linguístico brasileiro: a coexistência de línguas minoritárias com o português**. Filol. lingüíst. port., n. 9, p. 43-73, 2007.

FISHMAN, J. A. **Language and Ethnicity: The View from Within**. In the Handbook of Sociolinguistics. Coulmas, Florian (ed). Blackwell Publishing, 1998.

FISHMAN, J. A. Language maintenance, language shift, and reversing language shift. In: BHATIA, Tej & RITCHIE, William c. (eds.). **The handbook of bilingualism**. Malden; Oxford: Blackwell Publishing Ltd, 2006. p. 406-436.

FISHMAN, J. A. **The sociology of language: na interdisciplinary social science approach to language in society**. Rowley, Massachusetts: Newbury, 1972.

FROSI, Vitalina Maria. A identidade Étnica e Linguística do Ítalo-Brasileiro: sua constituição e reconstrução. In: **SIGNUM: Estudos Linguísticos**. Londrina: 2013. p. 101-124.

GALVÃO, Rafael Ribas. **Relações amorosas e ilegitimidade: formas de concubinato na sociedade curitibana (segunda metade do séc XVIII)**. (Dissertação de Mestrado). Curitiba. 2006.

GARDOLINSKI, Edmundo. **Imigração e Colonização Polonesa**. In: BECKER, Klaus (org). Enciclopédia Rio-Grandense: imigração. Editora Regional Ltda. Canoas, RS, 1958.

GHASARIAN, Christian. **Introdução ao estudo do parentesco**. (Trad. Por Ana Santos Silva). 1<sup>a</sup> ed., Lisboa: Terramar. 1996.

GOLDSCHMIDT, Eliana M. R. **Casamentos mistos: liberdade e escravidão em São Paulo colonial**. São Paulo: Annablume/Fapesp. 2004.

GRITTI, Isabel Rosa. **Imigração e colonização polonesa no Rio Grande do Sul: a emergência do preconceito**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2004.

GUMPERZ, John J. **Discourse Strategies**. Cambridge University, 1982.

HASS, Monica. **O linchamento que muitos querem esquecer: Chapecó 1950 - 1956**. Chapecó: Grifos 1999.

HORST, Aline. **Variação e Contatos Linguísticos do Vestfaliano Rio Grandense Falado no Vale do Taquari**. UFRGS, 2014.

HORST, Cristiane. **“Quando o Heinrich casa com a Iracema, a urmutter vira bisa”. A dinâmica dos nomes próprios de pessoas e comuns de parentesco em uma comunidade de contato alemão-português do sul do Brasil**. Westensee-Verlag: Kiel, 2011.

HORST, C.; KRUG, M. J. . **Línguas em contato no sul do Brasil: um estudo de caso do português e da variedade alemã Hunsrückisch**. *Papia* (Brasília), v. 22 (2), p. 367-383, 2012.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE): Informações da cidade de Chapecó: <http://cod.ibge.gov.br/58G>, último acesso em 12/04/2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE): Informações da cidade de Nova Erechim: <http://cod.ibge.gov.br/GF9>, último acesso em 29/03/2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE): Informações da cidade de São Carlos: <http://cod.ibge.gov.br/1ZBG>, último acesso em 24/05/2017.

JUNGBLUT, Roque. **Documentário Histórico de Porto Novo**. São Miguel do Oeste: Arco Iris Gráfica e Editora, 2000.

KAUFMANN, Göz. Atitudes na sociolinguística: Aspectos teóricos e metodológicos. In: RASO, Tommaso. MELLO, Heliana. ALTENHOFEN, Cléo V. (Orgs.). **Os contatos linguísticos no Brasil**. Belo Horizonte: UFMG, 2011. p. 121-137.

KERBES, Zenaide I. S. **Conhecendo São Carlos**. São Carlos: Gráfica Editora Porto Novo, 2004.

KING, Kendal & MACKEY, Alison. **The bilingual Edge. Why, When and How to teach your child a second language**. New York, NY, 2007, 1<sup>a</sup> ed.

KLEIN, D. ; HORST, C. . **A percepção do indivíduo bilíngue hunsriqueano-português sul-riograndense em relação ao seu bilinguismo no oeste de Santa Catarina**. Web-Revista SOCIODIALETO, v. 6, p. 29-68, 2015

KOKUSZKA, Pedro Martim. **Nos rastros dos imigrantes poloneses**. Curitiba, PR: Arins, 2000.

KRUG, Marcelo Jacó. **Identidade e comportamento linguístico na percepção da comunidade plurilíngue alemão-italiano-português de imigrante – RS**. 2004. 131p. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Curso de pós-graduação em Letras, Porto Alegre, 2004.

KRUG, Marcelo Jacó. **Os bilíngues teuto-brasileiros frente à metafonia do Português**. Kiel: Westensee Verlag, 2011. v. 1. 298p.

KRUG, Marcelo Jacó ; HORST, C. . **Die Deutschbrasilianer vor dem Portugiesischen Umlaut**. REAL - Revista de Estudos Alemães, v. 6, p. 62-92, 2016.

KRUG, M. J. ; HORST, C. ; WEPIK, F. F. . **Code-Switching na Fala de Polono-Brasileiros de Áurea/RS**. Domínios de Lingu@Gem, v. 10, p. 1404-1443, 2016.

LABOV, W. **Padrões sociolingüísticos**. Trad. Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.

LABOV, William. **Principles of linguistic change: cognitive and cultural factors** (v. III). Malden: Wiley-Blackwell, 2010. p. 197-202.

LAMBERT, W.W.; LAMBERT, W. E. **Psicologia social**. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1966.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **As estruturas elementares do parentesco**. Tradução de Mariano Ferreira. Petrópolis, Vozes. 1908 - 1982.

LOBO, Cristina. **Famílias recompostas: revisitar a produção americana (1930-2000)**. Sociologia, problemas e práticas, n<sup>o</sup> 48, 2005. p. 91-114.

MACIEL, Myrna Estella Mendes. **Línguas de imigrantes: a língua polonesa na região sul do Brasil**. 2010. 98p. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem), Universidade do Sul de Santa Catarina, Curso de pós-graduação em Ciências da Linguagem, Florianópolis, 2010.

MACKEY, William F. The description of bilingualism. In: FISHMAN, Joshua A. **Leading in the sociology of language**. 3<sup>a</sup> ed. The Hague: Moriton, 1972. p. 554-584.

MARGOTTI, Felício Wessling. **Difusão sócio-geográfica do português em contato com o italiano no Sul do Brasil**. 2004. 332 p. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Curso de pós-graduação em Letras, Porto Alegre, 2004.

McCLEARY, Leland. **Sociolinguística**. Florianópolis: UFSC, 2009.

OLIVEIRA, Gilvan Müller. **Plurilinguismo no Brasil**. Representação da UNESCO no Brasil, Brasília, 2008.

ONGHERO, André Luiz. **Nova Erechim: da colonização à emancipação**. Chapecó, SC CEOM/Unochapecó; Nova Erechim, SC: Prefeitura Municipal de Nova Erechim, 2014.

RADIN, José Carlos. BENEDET, José Higino. MILANI, Maria Luiza. (Orgs.). **Facetas da colonização italiana: Planalto e Oeste Catarinense**. Joaçaba: UNOESC, 2003.

RASO, Tommaso. MELLO, Heliana. ALTENHOFEN Cleo V. Orgs. **Os contatos linguísticos no Brasil**. Belo Horizonte: UFMG, 2011. p. 13-56.

ROMAINE, Suzanne. **Bilingualism**. 2. ed. Oxford: Blackwell, 1995.

SILVA, Sidney de Souza. **Línguas em contato: cenários de bilinguismo no Brasil**. Coleção: Linguagem e Sociedade Vol. 2. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011.

SKUTNABB-KANGAS, Tove & PHILLIPSON, Robert. Linguicide and linguisticism. In: GOEBL, Hans. Et al. (eds.). **Contact linguistics: an international handbook of contemporary research**. Handbooks of linguistics and communication science. Berlin: Walter de Gruyter & Co., 1996. p. 667-675.

SPESSATTO, Mary Bortolanza. **Linguagem e colonização**. Chapecó: Argos, 2003.

TARALLO, F. **Apesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática, 1985.

TABOURET-KELLER, Andrée. **Language and Identity**. In: The Handbook of Sociolinguistics. Coulmas, Florian (ed). Blackwell Publishing, 1998. Blackwell Reference Online. 2007.

THUN, Harald. **Movilidad Demográfica y Dimensión Topodinámica, los Montevideanos en Rivera**. In: RADTKE, Edgar. THUN, Harald (org.). *Neue Wege der Romanischen Geolinguistik*. Westense – Verl. 1996. p. 210-274.

THUN, Harald. La geolinguística com linguística variacional general (com ejemplos Del Atlas Lingüístico Diatópico y Diastrático Del Uruguay. In: **International Congress of Romance Linguistics and Philology (21.: Palermo: 1995) Atti... A cura di Giovanni Ruffeno**. Tübingen: Niemeyer, 1998. p. 701-729, 787-789. v. 5.

THUN, Harald. **A dialetologia pluridimensional no Rio da Prata**. In: ZILLES, Ana Maria Stahl (org). Estudos de variação linguística no Brasil e no Cone Sul. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005. p. 63-92.

THUN, Harald. Pluridimensional cartography. In: LAMELI, Alfred, KEHREIN, Roland & RABANUS, Christian (eds). **Language mapping**. Berlin: de Gruyter Mouton, 2010. p. 506-523.

TRUDGILL, Peter. Sociolinguistics – Language and Society. In: **Sociolinguistics: An introduction to language and society**. London: Penguin Books, 2000. Cap. I. p. 1-22.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. **Atlas Linguístico-Contatutal das Minorias Alemãs na Bacia do Prata (ALMA-H)**. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/projalma/metodologia/entrevistas.html>>. Acesso em: 20 de jul. de 2017.

VANDEKERCKHOVE, Reinhild. Urban and rural language. In: AUER, Peter. SCHMIDT, Jürgen Erich (orgs.). **Language and Space: theories and methods: An Internation Handbook of Linguistic Variation**. De Gruyter Mouton, 2010, p. 315-331.

VANDERMEEREN, Sonja. Research on language Attitudes. In: AMMON, Ulrich *et AL.* (Ed.). **Sociolinguistics: An International handbook of the Science of Language and Society**. 2 ed. Berlin/New York: De Gruyter, 2005. p. 1318-1332. v. 2.

WACHOWICZ, Ruy C. **Aspectos da imigração polonesa no Brasil**. Projeções. Revista de estudos polono-brasileiros. Braspol. Edição semestral: Ano 1. 1999.

WEHRMANN, Clarí. **A situação do alemão em Tunápolis e em Cunha Porã, Santa Catarina: dimensão diarreligiosa**. 2016. 161 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de pós-graduação em Estudos Linguísticos, Chapecó, 2016.

WEPIK, Fernanda Fátima. **Cranças e atitudes linguísticas de polono-brasileiros de Áurea/RS e Nova erechim/SC: o uso dos termos de parentesco**. 2017. 144 f. Dissertação (Mestrado) – UFFS, Programa de Pós graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL). Chapecó, SC, 2017.

WERLANG, Alceu Antonio. **A colonização do Oeste Catarinense**. Chapecó: Argos, 2002. 86 p.

WERLANG, Alceu Antonio. **A colonização as margens do rio Uruguai no extremo oeste catarinense**. Florianópolis: Dissertação de mestrado, 1991.

WERLANG, Alceu Antonio. **Colonização Ítalo-brasileira, Teuto-brasileira e Teuto-russa no Oeste de Santa Catarina – A atuação da CIA Territorial Sul Brasil**. In: Cadernos do CEOM. Ano Cadernos do CEOM 13, nº 11, agosto/ 1999. Chapecó: Grifos, 1999. pg. 11-53.

WOLSCHICK, Isaura. **Aspectos do bilinguismo alemão-português nas comunidades de Mondai e São João do Oeste – SC**. 2016. 132 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de pós-graduação em Estudos Linguísticos, Chapecó, 2016.

## ANEXOS

### ANEXO 1

*Questionário do projeto Atlas das Línguas em Contato na Fronteira (KRUG, 2013), com adaptações à variedade polonesa do sul do Brasil, talian e Hunsrückisch.*

(Questionário traduzido para a variedade polonesa por WEPIK (2017), para o *talian* por HASSELSTRON (2018) e BERNIERI (2018) e para o *Hunsrückisch* por KRUG e HORST (2007).

#### TEXTO INTRODUTÓRIO:

Hoje é dia .....

Estamos em .....

Meu nome é .....

Estou com .....

Que pertence ao grupo (ex. GII-Ca) .....

Você está de acordo que esta conversa seja gravada e que seja usada para fins de pesquisa e publicações de cunho científico?

### ANEXO 2

#### QUESTIONÁRIO CRENÇAS LINGUÍSTICAS POLONÊS

Respostas objetivas: o informante deve responder somente: *Język polski* / polonês ou *po portugalsko* / *po brazylijski* / português:

Perguntas	M Pt.- RS	M Pol.	F Pt.- RS	F Pol.
1. <i>Jakiego języka zwyczajny rozmawiać w rodzinie?</i> Que língua costuma falar na família? (Krug, 2004, Steffen 2007 – questão 1)				
2. <i>Który język lubię mówić/rozmawiać więcej?</i> Em que língua gosta de conversar mais? (Krug, 2013 – questão 4)				
3. <i>Na ogół, w jakim języku zwyczajny mówić więcej?</i> De modo geral, em que língua costuma falar mais? (Krug, 2013 – questão 5 - adaptada)				
4. <i>Jaki jest twój język ojczysty? Jak się nauczył po portugalsko/brazylijski?</i> Qual é sua língua materna? Como aprendeu o português? (Krug, 2013 – questão 10)				

5. <i>Kiedy przychodzi gość, w jakim języku wolisz mówić?</i> Quando vem visita, que língua prefere usar? (Vide Krug, 2004 – questão 6).				
6. <i>W jakim języku mówisz...</i> Que língua você fala nas seguintes ocasiões no seu município? (Vide Schmidt, 1997 – questão 30)				
6.1 <i>W poczta / No Correio</i>				
6.2 <i>W sklepu / No mercado - lojas</i>				
6.3 <i>W syndykat / No sindicato</i>				
6.4 <i>W restauracji / No restaurante</i>				
6.5 <i>Na prefekturze / Na prefeitura</i>				
6.6 <i>W centrum zdrowia / No posto de saúde</i>				
6.7 <i>W konfesjonal / No confessionário</i>				
6.8 <i>Na stacja benzynowa / No posto de gasolina</i>				
6.9 <i>W pracy / w robocie / No trabalho</i>				
7. <i>Kiedy spotkasz nieznanego na ulicy swojego miasta, w jakim języku rozmawiasz z nim?</i> Quando você encontra um estranho na rua de sua cidade em que língua você fala com ele? (Krug, 2013 – questão 31)				

Respostas objetivas: o informante deve responder somente: *Tak* / Sim ou *nie* / não.

Perguntas	M <i>Tak</i>	M <i>Nie</i>	F <i>Tak</i>	F <i>Nie</i>
8. <i>Czy się stało być z kimś, ktry zna język domowy, języka polskiego, ale nalegał, tylko mówić po portugalsku/brazylijski?</i> Já lhe aconteceu de estar com alguém que sabia a sua língua de casa, língua polonesa, mas insistia em só falar português? (Krug, 2013 – questão 9)				
9. <i>Myślisz ważne dla dzieci uczyć się języka polskiego z rodzicami? Dlaczego?</i> Acha importante que os filhos aprendam a língua polonesa dos pais? Por quê? (Vide Krug, 2004 – questão 25)				
10. <i>Są takie sytuacje, ktore osoby wstydzia się mówić po polsku?</i> Existem situações em que você tem vergonha de falar Polonês? (Krug, 2013 – questão 27)				
11. <i>Myślisz, że powinienes mieć nauki języka polskiego?</i> Acha que deveria ter ensino de Polonês? (Krug, 2013 – questão 28 - adaptada)				
12. <i>Kiedy mówisz po portugalski/brazylijski, ty mieszać z językiem polskim?</i> Quando fala português, você mistura com a língua polonesa? (Krug, 2013 – questão 33 - adaptada)				
13. <i>Kiedy mówisz po języku polskiego, ty mieszać z językiem portugalskim/brazylijskim?</i> Quando fala em polonês, você mistura o português? (Krug, 2013 – questão 34 - adaptada)				

## Perguntas com respostas subjetivas.

14. <i>Co myślisz osob, którzy tylko mówią po portugalsku i nigdy własnego języka w domu, języka polskiego?</i> O que acha das pessoas que só falam português e nunca sua própria língua de casa, a língua polonesa? (Krug, 2013 – questão 8)
15. <i>Wielu młodych ludzi nie mówią językiem rodziców (polskich). Co ty myślisz na to?</i> Muitos jovens não falam mais a língua dos pais (Polonês). O que acha disso? (Krug, 2013 – questão 26)
16. <i>W jakich sytuacjach ty mówić w języku polskim y jakich sytuacjach w języku portugalski?</i> Em que situações você fala a língua polonesa e em que a língua portuguesa? (Krug, 2013 – questão 32)
17. <i>Jest różnica między językiem polskim mówione tutaj w drugim miejscu? Jaka jest różnica?</i> Tem diferença entre o polonês falado em outras localidade e o daqui? Qual a diferença? (Krug, 2004 – questão 3)
18. <i>Jak jest / było w szkole i kościele używanie języka polskiego?</i> Como é/foi na escola e na igreja o uso da língua polonesa? (Krug, 2004 – questão 11)
19. <i>Jak myślisz z osoby którzy przychodzą w drogich miejscach, jak one widząc nasz z Nova Erechim. (w języku, aspekty fizyczne i społeczne/socjalny)</i> Como acha que as pessoas que vem de fora veem as pessoas originárias, que nascem e vivem em Nova Erechim? (quanto a língua, aspectos físicos e sociais) (Krug, 2004 – questão 12 – adaptada)
20. <i>Jak uważasz się bardziej? Polski? Gaúcho? Brazylijtych?</i> Como se sente mais? Polaco? Brasileiro? (Krug, 2013 – questão 13 - adaptada)
21. <i>Ogólnie, kto mówić lepsze/lepiej po polsku polski?</i> De modo geral, quem fala melhor polonês? (Krug 2013 – questão 24)

## ANEXO 3

## QUESTIONÁRIO CRENÇAS LINGUÍSTICAS TALIAN

Respostas objetivas: o informante deve responder somente: *talian* / italiano ou *portoghese* / português.

Perguntas	M Pt.	M It.	F Pt.	F It.
1. <i>Che lengoa ti costumi parlar ntea fameia?</i> Que língua costuma falar na família? (Krug, 2004, Steffen 2007 – questão 1)				
2. <i>Che lengoa ti piàse di parlar depì?</i> Em que língua gosta de conversar mais? (Krug, 2013 – questão 4)				
3. <i>Parla depì talian o Brazilian?</i> De modo geral, em que língua costuma falar mais? (Krug, 2013 – questão 5 - adaptada)				
4. <i>Qual è la prima lengoa che ga imparato?</i> Qual é sua língua materna? Como aprendeu o português?				

(Krug, 2013 – questão 10)				
5. <i>Quando vien gente, che che lengoa ti piàse parlar?</i> Quando vem visita, que língua prefere usar? (Vide Krug, 2004 – questão 6).				
6. <i>Che lengoa ti parle ntele seghinte ocasion in to minissìpio:</i> Que língua você fala nas seguintes ocasiões no seu município? (Vide Schmidt, 1997 – questão 30)				
6.1 <i>Ntel merca / No Correio</i>				
6.2 <i>Ntel lògie / No mercado - lojas</i>				
6.3 <i>Ntel sindicato / No sindicato</i>				
6.4 <i>Ntel ristorante / No restaurante</i>				
6.5 <i>Ntel prefeitura / Na prefeitura</i>				
6.6 <i>Ntel posto de salute / No posto de saúde</i>				
6.7 <i>Ntel confessionàrio / No confessionário</i>				
6.8 <i>Ntel posto de gasolina / No posto de gasolina</i>				
6.9 <i>Ntel laoro / No trabalho</i>				
7. <i>Quando ti incontri una persona che non conosci, che lengoa ti parli?</i> Quando você encontra um estranho na rua de sua cidade em que língua você fala com ele? (Krug, 2013 – questão 31)				

Respostas objetivas: o informante deve responder somente: *Sì / Sim* ou *non / não*.

Perguntas	M <i>Sì</i>	M <i>Non</i>	F <i>Sì</i>	F <i>Non</i>
8. <i>Ti ga catà con una persona che savea parlar talian, ma solo la volea parlar portoghese?</i> Já lhe aconteceu de estar com alguém que sabia a sua língua de casa, língua italiana, mas insistia em só falar português? (Krug, 2013 – questão 9)				
9. <i>Ti piàse che i bambini parlesse in talian? Parchè?</i> Acha importante que os filhos aprendam a língua italiana dos pais? Por quê? (Vide Krug, 2004 – questão 25)				
10. <i>Che situassioni ti ga vergogna di parlar talian?</i> Existem situações em que você tem vergonha de falar Italiano? (Krug, 2013 – questão 27)				
11. <i>La scola deveria insegnar parlar anca talian?</i> Acha que deveria ter ensino de Italiano? (Krug, 2013 – questão 28 - adaptada)				
12. <i>Quando ti parli portoghese, mistura talian?</i> Quando fala português, você mistura com a língua italiana? (Krug, 2013 – questão 33 - adaptada)				
13. <i>Quando ti parli talian, mistura portoghese?</i> Quando fala em italiano, você mistura o português? (Krug, 2013 – questão 34 - adaptada)				

Perguntas com respostas subjetivas.

14. <i>Che pensa dele persone che sa talian ma che solo parla portoghese?</i> O que acha das pessoas que só falam português e nunca sua própria língua de casa, a língua italiana? (Krug, 2013 – questão 8)
15. <i>Tanti giòveni non parli piu talian. Dir ge anca che?</i> Muitos jovens não falam mais a língua dos pais (Italiano). O que acha disso? (Krug, 2013 – questão 26)
16. <i>In che posto che parla (mia) talian? In che posto ti parli Talian? E portoghese?</i> Em que situações você fala a língua italiana e em quais a língua portuguesa? (Krug, 2013 – questão 32)
17. <i>Genè diferenza dele talian che parla qua e nantra cità?</i> Tem diferença entre o italiano falado em outras localidade e o daqui? Qual a diferença? (Krug, 2004 – questão 3)
18. <i>Come si é in chiesa il Talian E in scola?</i> Como é/foi na escola e na igreja o uso da língua italiana? (Krug, 2004 – questão 11)
19. <i>Cosa che le persone de nantra cità le cata de nuantri?</i> Como acha que as pessoas que vem de fora veem as pessoas originárias, que nasceram e vivem em Chapecó? (quanto à língua, aspectos físicos e sociais) (Krug, 2004 – questão 12 – adaptada)
20. <i>Come ti senti tu? Brasiliano(a)? Italiano(a)?</i> Como se sente mais? Italiano? Brasileiro? (Krug, 2013 – questão 13 - adaptada)
21. <i>Chi che parla mèio talian?</i> De modo geral, quem fala melhor italiano? (Krug 2013 – questão 24)

#### ANEXO 4

#### QUESTIONÁRIO CRENÇAS LINGUÍSTICAS ALEMÃO - *HUNSRÜCKISCH*

Respostas objetivas: o informante deve responder somente: *Hunsrückisch* / alemão ou *Portugiesisch* / português.

Perguntas	M Pt.	M Hr.	F Pt.	F Hr.
1. <i>Was fo Sprach sprechst du der mehrste in die Familie? (wie oft? Wenn? Mit wem?)</i> Que língua costuma falar na família? (Krug, 2004, Steffen 2007 – questão 1)				
2. <i>Was von Sprache sprechst du lieber? Deutsch oder Portugiesisch?</i> Em que língua gosta de conversar mais? (Krug, 2013 – questão 4)				
3. <i>Was von Sprache sprechst du mehr, Deustch oder Portugiesich?</i> De modo geral, em que língua costuma falar mais? (Krug, 2013 – questão 5 - adaptada)				
4. <i>Was hast Du zuerst gesproch, Deutsch oder Portugiesich? Wie hast du Portugiesich gelernt?</i> Qual é sua língua materna? Como aprendeu o português? (Krug,				

2013 – questão 10)				
5. <i>Wenn du Besuch kriegst, was von Sprache sprichst du lieber? Deutsch oder Portugiesisch?</i> Quando vem visita, que língua prefere usar? (Vide Krug, 2004 – questão 6).				
6. <i>Was von Sprache sprichst du in diese Gelegenheiten in dein Municip?</i> Que língua você fala nas seguintes ocasiões no seu município? (Vide Schmidt, 1997 – questão 30)				
6.1 <i>Auf der Post</i> / no Correio				
6.2 <i>In der Merkat - ins Geschäft</i> / no mercado - lojas				
6.3 <i>In der Syndicat</i> / no sindicato				
6.4 <i>In Restaurant</i> / no restaurante				
6.5 <i>In die Prefeitura</i> / na prefeitura				
6.6 <i>In der Posto</i> / no posto de saúde				
6.7 <i>In der Beichte</i> / no confessionário				
6.8 <i>In der Gasolinapost</i> / no posto de gasolina				
6.9 <i>An die Arbeit</i> / no trabalho				
7. <i>Wenn du einer Fremder in die Straße deine Stadt begegnen tust, was von Sprach sprichst du mit ihm?</i> Quando você encontra um estranho na rua de sua cidade em que língua você fala com ele? (Krug, 2013 – questão 31)				

Respostas objetivas: o informante deve responder somente: *Ia* / sim ou *nein* / não.

Perguntas	M <i>Ia</i>	M <i>Nein</i>	F <i>Ia</i>	F <i>Nein</i>
8. <i>Ist dich schon passiert mit einer sein wo wusst Deutsch spreche, aber hat immer insistiert nur Português spreche?</i> Já lhe aconteceu de estar com alguém que sabia a sua língua de casa, o alemão, mas insistia em só falar português? (Krug, 2013 – questão 9)				
9. <i>Finst du important das die Kinder die Sprach Von die Elder lerne? Warum? /Fo was?</i> Acha importante que os filhos aprendam o alemão dos pais? Por quê? (Vide Krug, 2004 – questão 25)				
10. <i>Gibt es Momente, die du dich schämst Deutsch spreche?</i> Existem situações em que você tem vergonha de falar alemão? (Krug, 2013 – questão 27)				
11. <i>Denkst du, das es Deutsch in die Schul gebe mist?</i> Acha que deveria ter ensino de alemão na escola? (Krug, 2013 – questão 28 - adaptada)				
12. <i>Wenn du Português sprechen tust, vermischst du es mit dem Deutsch?</i> Quando fala português, você mistura com a língua alemã? (Krug, 2013 – questão 33 - adaptada)				
13. <i>Wenn du Deutsch sprichst, vormischt du es mit Português?</i> Quando fala em alemão, você mistura o português? (Krug, 2013 – questão 34 - adaptada)				

## Perguntas com respostas subjetivas.

<p>14. <i>Was finst du von die Mensche wo nur Portugiesisch spreche und nie die Sprach von zu Haus? /Baheim</i>  O que acha das pessoas que só falam português e nunca sua própria língua de casa, o alemão? (Krug, 2013 – questão 8)</p>
<p>15. <i>Viele junge Leut sprechen nicht mehr die Sprache von die Elder. Was denkst du von das?</i>  Muitos jovens não falam mais a língua dos pais (alemão). O que acha disso? (Krug, 2013 – questão 26)</p>
<p>16. <i>In was Von Situacionen sprechst du die Deutschsprache? Und Português?</i>  Em que situações você fala a língua alemã? E o português? (Krug, 2013 – questão 32 adaptada)</p>
<p>17. <i>Sehst du Unterschied zwische unse Deutsch und de Deutsch von Deutschland? Was ist die Unterschied?</i>  Tem diferença entre o alemão da Alemanha e o daqui? Qual a diferença? (Krug, 2004 – questão 3)</p>
<p>18. <i>Wie ist/war das Deutsch in die Kirch und in die Schul benutzt?</i>  Como é/foi na escola e na igreja o uso da língua alemã? (Krug, 2004 – questão 11)</p>
<p>19. <i>Was denkst du, wie sehen die Leut von draußen die Leut von hier?</i>  Como acha que as pessoas que vem de fora veem as pessoas originárias, que nascem e vivem aqui? (quanto à língua, aspectos físicos e sociais) (Krug, 2004 – questão 12 – adaptada)</p>
<p>20. <i>Wie fühlst du dich mehr? Deutsch, Brasilianer oder Catarinense?</i>  Como se sente mais? Alemão? Brasileiro? Catarinense? (Krug, 2013 – questão 13 - adaptada)</p>
<p>21. <i>Wer spricht besser der Deutsch?</i>  De modo geral, quem fala melhor alemão? (Krug 2013 – questão 24)</p>

## ANEXO 5

## QUESTIONÁRIO ATITUDES LINGUÍSTICAS

## QUESTIONÁRIO LEXICAL – TERMOS DE PARENTESCO POLONÊS

\*Questionário do projeto Atlas das Línguas em Contato na Fronteira (KRUG, 2013), com adaptações ao idioma polonês brasileiro.

Serão anotadas para as respostas espontâneas (E); respostas por insistência (I); respostas por sugestão (S) e respostas inexistentes (IN):

PARENTESCO SANGUÍNEO	Masculino	Feminino
22) Mãe (vide ALCF – Questão 168; ALGR cap. B, III16 MRhSA 28.1; ALMA-H cap. 1 – IX - 165) <i>Jak ty nazywa osoba która dała ci życie? / Como você chama a pessoa que te gerou?</i>	a) <i>matka</i> ( ) b) <i>mama</i> ( ) c) <i>mamucha</i> ( ) d) mãe ( )	a) <i>matka</i> ( ) b) <i>mama</i> ( ) c) <i>mamucha</i> ( ) d) mãe ( )
23) Pai (vide ALCF – Questão 167; ALGR cap. B, III- 15 MRhSA 52.4; ALMA-H cap. 1 – IX - 164) <i>Wszyscy mamy matki i? / Todos nós temos uma mãe e um?</i>	a) <i>ojciec</i> ( ) b) <i>ojca</i> ( ) c) <i>tata</i> ( ) d) pai ( )	a) <i>ojciec</i> ( ) b) <i>ojca</i> ( ) c) <i>tata</i> ( ) d) pai ( )
24) Pais (vide ALCF – Questão 166; ALMA-H cap. 1 – IX - 163) <i>A mama/matka i tata/ojcie są nasze? / E a mãe e o pai são nossos?</i>	a) <i>rodzica</i> ( ) b) <i>ojcye</i> ( ) c) pais ( )	a) <i>rodzica</i> ( ) b) <i>ojcye</i> ( ) c) pais ( )
25) Filha (vide ALCF – Questão 171; MRhSA 130.2; WS 09; ALMA-H cap. 1 – IX - 168) <i>Jak matka nazywa do dziewczynka/dziewczyna co urodziła? / Como a mãe chama para uma menina que ela gerou?</i>	a) <i>córka</i> ( ) b) filha ( )	a) <i>córka</i> ( ) b) filha ( )
26) Filho (vide ALCF – Questão 172; MRhSA 164.1; ALMA-H cap. 1 – IX - 169) <i>Jako matka nazywa do chłopaka, co urodziła? / Como a mãe chama para um menino que ela gerou?</i>	a) <i>syn</i> ( ) b) filho ( ) c) <i>dzieci</i> (pl) ( )	a) <i>syn</i> ( ) b) filho ( ) c) <i>dzieci</i> (pl) ( )
27) Gêmeos (vide ALCF – Questão 173; ADDU 195; ALERS QSL 436; ALiB QSL 125; ALGR cap. B, III82 u. 83; ALMA-H cap. 1-IX - 170) <i>Jak to się mówi, kiedy matka rodzi dwoje dzieci razem? / Como se diz quando uma mãe</i>	a) <i>bliźnięta</i> (pl) ( ) b) <i>bliźniak</i> ( ) c) <i>bliźniaczy</i> ( ) d) gêmeos ( )	a) <i>bliźnięta</i> (pl) ( ) b) <i>bliźniak</i> ( ) c) <i>bliźniaczy</i> ( ) d) gêmeos ( )

dá a luz a dois filhos juntos?		
28) Irmão (vide ALCF – Questão 182 – adaptada; MRhSA 143.2; WS 33: Sg.; ALMA-H cap. 1-IX - 179) <i>Oni są dzieci tego samego ojca. Co jest chłopak dla dziewczyna? / São filhos do mesmo pai. O que o menino é da menina?</i>	a) brat ( ) b) braciszek ( ) c) irmão ( )	a) brat ( ) b) braciszek ( ) c) irmão ( )
29) Irmã (vide ALCF – Questão 183 – adaptada; MRhSA 127.1; WS 17: Sg.; ALMA-H cap. 1-IX - 180) <i>A co jest dziewczyna dla chłopak? / E o que a menina é do menino?</i>	a) siostra ( ) b) irmã ( )	a) siostra ( ) b) irmã ( )
30) Avô (vide ALCF – Questão 192; ALMA-H cap. 1IX – 188; ADDU 211; ALGR cap. B, III-50-51; ALMA-H cap. 1-IX - 189) <i>Ojciec twój matki jest twoje? / O pai de sua mãe é seu?</i>	a) dziadek ( ) b) dziadzia ( ) c) avô ( ) d) vovô ( ) e) nono (it.) ( )	a) dziadek ( ) b) dziadzia ( ) c) avô ( ) d) vovô ( ) e) nono (it.) ( )
31) Avó (vide ALCF – Questão 193; ADDU 212; ALGR cap. B, III-52-53; ALMA-H cap. 1-IX - 190) <i>Matka twóje matki jest twoje? / A mãe de sua mãe é sua/tua?</i>	a) babka ( ) b) babcia ( ) c) avó ( ) d) vovó ( ) e) nona (it.) ( ) f) babucha ( )	a) babka ( ) b) babcia ( ) c) avó ( ) d) vovó ( ) e) nona (it.) ( ) f) babucha ( )
32) Neto (vide ALCF – Questão 194; ALGR cap. B, III-54 bis 57; ALMA-H cap. 1-IX - 191) <i>Co twój syn jest dla twój ojców? / O que seu filho é de seus pais?</i>	a) wnuk ( ) b) wnuczek ( ) c) neto ( )	a) wnuk ( ) b) wnuczek ( ) c) neto ( )
33) Neta (vide ALCF – Questão 194; ALGR cap. B, III-54 bis 57; ALMA-H cap. 1-IX - 191) <i>Co twoja córka jest dla twój rodzice (ojcjec)? / O que sua filha é de seus pais?</i>	a) wnuczka ( ) b) neta ( )	a) wnuczka ( ) b) neta ( )
34) Bisavô (vide ALCF – Questão 197; ALGR cap. B, III-54.1 u. 54.2; ALMA-H cap. 1-IX - 194) <i>Ojciec/tata swój dziadkowie jest twój? / O pai de seus avôs é seu/teu?</i>	a) pradziadek ( ) b) pradziad ( ) c) bisavô ( )	a) pradziadek ( ) b) pradziad ( ) c) bisavô ( )
35) Bisavó (vide ALCF – Questão 198; ALGR cap. B, III-54.3 u. 54.4; ALMA-H cap. 1-IX - 195) <i>Matka swój dziadkowie jest twoja? / A mãe de seus avós é sua/tua?</i>	a) prababka ( ) b) bisavó ( )	a) prababka ( ) b) bisavó ( )
36) Bisneto (vide ALCF – Questão 195 – adaptada; ALGR cap. B, III-57.1 u. 57.2; ALMA-H cap. 1-IX - 192) <i>Twój syn jest co dla twoych dziadkowie? / O seu filho é o que de seus avós?</i>	a) prawnuk ( ) b) bisneto ( )	a) prawnuk ( ) b) bisneto ( )
37) Bisneta (vide ALCF – Questão 195 – adaptada; ALGR cap. B, III-57.1 u. 57.2; ALMA-H cap. 1-IX - 192)	a) prawnuczka ( ) b) bisneta ( )	a) prawnuczka ( ) b) bisneta ( )

<i>Twoja córka jest co dla twoich dziadkowie? / A sua filha é o que de seus avós?</i>		
38) Tio (vide ALCF – Questão 185; ALERS QFF 003; ALGR cap. B, III-75 bis 80; ALMA-H cap. 1-IX - 182) <i>Co brata twój ojca/matka jest twój? / O irmão do seu pai é seu?</i>	a) <i>wuj</i> (irmão da mãe) ( ) b) <i>wujek</i> ( ) c) <i>stryj / stryja</i> (irmão do pai) ( ) d) <i>tio</i> ( )	a) <i>wuj</i> (irmão da mãe) ( ) b) <i>wujek</i> ( ) c) <i>stryj / stryja</i> (irmão do pai) ( ) d) <i>tio</i> ( )
39) Tia (vide ALCF – Questão 186; ALGR cap. B, III81; ALMA-H cap. 1-IX - 183) <i>Co siostra od twój ojca/matka jest twója? / A irmã do seu pai é sua?</i>	a) <i>ciotka</i> ( ) b) <i>ciocia</i> ( ) c) <i>stryjenka</i> (esposa do tia paterno) ( ) d) <i>wujenka</i> (esposa do tio materno) ( ) e) <i>tia</i> ( )	a) <i>ciotka</i> ( ) b) <i>ciocia</i> ( ) c) <i>stryjenka</i> (esposa do tia paterno) ( ) d) <i>wujenka</i> (esposa do tio materno) ( ) e) <i>tia</i> ( )
40) Sobrinho (vide ALCF – Questão 189; ALGR cap. B, III-62-63; ALMA-H cap. 1-IX - 186) <i>Co syn twój brata jest twój? / O que o filho do seu irmão é seu?</i>	a) <i>siostrzeniec</i> ( ) b) <i>bratanek</i> ( ) c) <i>sobrinho</i> ( )	a) <i>siostrzeniec</i> ( ) b) <i>bratanek</i> ( ) c) <i>sobrinho</i> ( )
41) Sobrinha (vide ALCF – Questão 190; ALGR cap. B, III-64-65; ALMA-H cap. 1-IX - 187) <i>Co córka twój brata jest twoja? / O que a filha do seu irmão é sua?</i>	a) <i>siostrzenica</i> ( ) b) <i>bratnica</i> ( ) c) <i>sobrinha</i> ( )	a) <i>siostrzenica</i> ( ) b) <i>bratnica</i> ( ) c) <i>sobrinha</i> ( )
42) Primo (vide ALCF – Questão 187; ALGR cap. B, III-67-68; ALMA-H cap. 1-IX - 184) <i>Syn twojego wujka jest twój? / O filho do seu/teu tio é seu/teu?</i>	a) <i>kuzyn</i> ( ) b) <i>brat wujeczny</i> ( ) c) <i>primo</i> ( )	a) <i>kuzyn</i> ( ) b) <i>brat wujeczny</i> ( ) c) <i>primo</i> ( )
43) Prima (vide ALCF – Questão 188; ALGR cap. B, III-69-70; ALMA-H cap. 1-IX - 185) <i>Córka twojego wujka jest twoja? / A filha do seu tio é sua/tua?</i>	a) <i>kuzynka</i> ( ) b) <i>siostrawujeczna</i> ( ) c) <i>prima</i> ( )	a) <i>kuzynka</i> ( ) b) <i>siostrawujeczna</i> ( ) c) <i>prima</i> ( )
<b>PARENTESCO POR ALIANÇA</b>		
44) Marido (vide ALCF – Questão 162; MRhSA 142.3: Mann; WS 04: Mann; ALMA-H cap. 1-IX - 159) <i>Jak kobieta mowi/nazywa na chłopą który jest żonaty? / Como a mulher chama para o homem com quem se casou?</i>	a) <i>mąż</i> ( ) b) <i>małżonek</i> ( ) c) <i>esposo</i> ( ) d) <i>marido</i> ( )	a) <i>mąż</i> ( ) b) <i>małżonek</i> ( ) c) <i>esposo</i> ( ) d) <i>marido</i> ( )
45) Esposa (vide ALCF – Questão 164; MRhSA 125.4: Frau; WS 09: Frau; ALMA-H cap. 1-IX - 161) <i>Jak chłop mowi na kobieta, która jest żonaty? / Como o homem chama para a mulher com quem se casou?</i>	a) <i>żona</i> ( ) b) <i>małżonka</i> ( ) c) <i>kobieta</i> ( ) d) <i>esposa</i> ( ) e) <i>mulher</i> ( )	a) <i>żona</i> ( ) b) <i>małżonka</i> ( ) c) <i>kobieta</i> ( ) d) <i>esposa</i> ( ) e) <i>mulher</i> ( )
46) Madrasta (vide ALCF – Questão 179; ALGR cap. B, III-30; ALiB QSL 134; ALMA-H cap. 1-IX - 176) <i>Mąż ożenił się z druga kobietą. Co ona jest dla dziecka jego męża? / O marido casou com</i>	a) <i>macocha</i> ( ) b) <i>madrasta</i> ( )	a) <i>macocha</i> ( ) b) <i>madrasta</i> ( )

outra mulher. O que ela é dos filhos do marido?		
47) Padrasto (vide ALCF – Questão 178; ALGR cap. B, III-29; ALMA-H cap. 1-IX - 175) <i>Kobieta ożeniła się drugie męża. Co on jest dla dziecka żony? / A mulher casou com outro marido. O que ele é dos filhos da esposa?</i>	a) <i>ojczym</i> ( ) b) <i>padrasto</i> ( )	a) <i>ojczym</i> ( ) b) <i>padrasto</i> ( )
48) Enteadado (vide ALCF – Questão 177; ADDU 210; MRhSA 163.2; ALMA-H cap. 1-IX – 174) <i>Co syn/córka jest nowy mąż jego matki? / O que o filho/filha é do novo marido da sua mãe?</i>	a) <i>pasierb</i> ( ) b) <i>pasierbica</i> ( ) c) <i>enteado</i> ( )	a) <i>pasierb</i> ( ) b) <i>pasierbica</i> ( ) c) <i>enteado</i> ( )
49) Sogro (vide ALCF – Questão 199; ALMA-H cap. 1-IX – 196) <i>Ojciec twojego męża / twoje żone jest twój? / O pai do seu marido / sua esposa é seu?</i>	a) <i>teść</i> ( ) b) <i>sogro</i> ( )	a) <i>teść</i> ( ) b) <i>sogro</i> ( )
50) Sogra (vide ALCF – Questão 200; ALMA-H cap. 1-IX – 197) <i>Matka twojego męża / twoja żona jest twoja? / A mãe do seu marido / sua esposa é a?</i>	a) <i>teściowa</i> ( ) b) <i>sogra</i> ( )	a) <i>teściowa</i> ( ) b) <i>sogra</i> ( )
51) Cunhado (vide ALCF – Questão 204; ALGR cap. B, III-71-72; ALMA-H cap. 1-IX - 201) <i>Brat twojego męża / twoja żona jest twój? / O irmão do seu marido / da sua esposa é seu?</i>	a) <i>szwagier</i> ( ) b) <i>cunhado</i> ( )	a) <i>szwagier</i> ( ) b) <i>cunhado</i> ( )
52) Cunhada (vide ALCF – Questão 205; ALGR cap. B, III-73-74; ALMA-H cap. 1-IX - 202) <i>Siostra twojego męża / twoja żona jest twoja? / A irmã do seu marido/ da sua esposa é sua?</i>	a) <i>bratowa</i> ( ) b) <i>szwagierka</i> ( ) c) <i>cunhada</i> ( )	a) <i>bratowa</i> ( ) b) <i>szwagierka</i> ( ) c) <i>cunhada</i> ( )
53) Genro (vide ALCF – Questão 201; ALERS QFF 004; ALGR cap. B, III-58-59; ALMA-H cap. 1-IX - 198) <i>Mąż jest co dla ojca jego żona? / O marido é o que dos pais de sua mulher?</i>	a) <i>zięć</i> ( ) b) <i>genro</i> ( )	a) <i>zięć</i> ( ) b) <i>genro</i> ( )
54) Nora (vide ALCF – Questão 202; ALGR cap. B, III-60-61; ALMA-H cap. 1-IX - 199) <i>Żona jest co dla ojca jej mąż? / A esposa é o que dos pais de seu marido?</i>	a) <i>synowa</i> ( ) b) <i>nora</i> ( )	a) <i>synowa</i> ( ) b) <i>nora</i> ( )
55) Pais e sogros entre eles (vide ALCF – Questão 203; ALMA-H cap. 1-IX - 200) <i>A ojcie/rodzice męża i żony są co między nimi? / Os pais do marido e da mulher são o que entre eles?</i>	a) <i>ojcowie</i> ( ) b) <i>consogros</i> ( )	a) <i>ojcowie</i> ( ) b) <i>consogros</i> ( )
<b>PARENTESCO ESPIRITUAL</b>		
56) Padrinho (vide ALCF – Questão 206; ALGR cap. B, III-87-88; ALMA-H cap. 1-IX - 203) <i>Chłop wybrany przez ojca dziecka do chrztu</i>	a) <i>chrzestny</i> ( ) b) <i>ojciec chrzestny</i> ( ) c) <i>protektor</i> ( ) d) <i>padrinho</i> ( )	a) <i>chrzestny</i> ( ) b) <i>ojciec chrzestny</i> ( ) c) <i>protektor</i> ( ) d) <i>padrinho</i> ( )

<i>jest?</i> / Um homem escolhido pelos pais da criança para o batizado é o?		
57) Madrinha (vide ALCF – Questão 207; ALGR cap. B, III-89-90; ALMA-H cap. 1-IX - 204) <i>Kobieta wybrane przez ojca dziecka do chrztu jest?</i> / Uma mulher escolhida pelos pais de uma criança para o batizado é a?	a) <i>chrzestna</i> ( ) b) <i>matka chrzestna</i> ( ) c) <i>protektorka</i> ( ) d) madrinha ( )	a) <i>chrzestna</i> ( ) b) <i>matka chrzestna</i> ( ) c) <i>protektorka</i> ( ) d) madrinha ( )
58) Afilhado (vide ALCF – Questão 208; ALGR cap. B, III-31 u. 332; ALMA-H cap. 1-IX - 205) <i>Jak chrzestny nazywa na chłopaka/chłopczyk?</i> / Como os padrinhos chamam ao menino?	a) <i>chrześniak</i> ( ) b) <i>syn chrzestny</i> ( ) c) afilhado ( )	a) <i>chrześniak</i> ( ) b) <i>syn chrzestny</i> ( ) c) afilhado ( )
59) Afilhada (vide ALCF – Questão 209; ALGR cap. B, III-32 u. 34; ALMA-H cap. 1-IX - 206) <i>Jak chrzestny nazywa na dziewczynka?</i> / Como os padrinhos chamam a menina?	a) <i>chrześniaczka</i> ( ) b) <i>córka chrzestna</i> ( ) c) afilhada ( )	a) <i>chrześniaczka</i> ( ) b) <i>córka chrzestna</i> ( ) c) afilhada ( )
60) Compadre (vide Horst, 2011) <i>Ojciec i chrzestny dziecka ochrzczonego są?</i> / O pai e o padrinho da criança batizada são?	a) <i>kumoter</i> ( ) b) <i>kum</i> ( ) c) compadre ( )	a) <i>kumoter</i> ( ) b) <i>kum</i> ( ) c) compadre ( )
61) Comadre (vide Horst, 2011) <i>Matka i chrzestną dziecka ochrzczonego są?</i> / A mãe e a madrinha da criança batizada são?	a) <i>kumozka</i> ( ) b) <i>akuszerka; basen; nocnik; kuma</i> ( ) c) comadre ( )	a) <i>kumozka</i> ( ) b) <i>akuszerka; basen; nocnik; kuma</i> ( ) c) comadre ( )

## ANEXO 6

### QUESTIONÁRIO ATITUDES LINGUÍSTICAS

#### QUESTIONÁRIO LEXICAL – TERMOS DE PARENTESCO *TALIAN*

\*Questionário do projeto Atlas das Línguas em Contato na Fronteira (KRUG, 2013), com adaptações ao idioma *talian*.

Serão anotadas para as respostas espontâneas (**E**); respostas por insistência (**I**); respostas por sugestão (**S**) e respostas inexistentes (**IN**):

PARENTESCO SANGUÍNEO	Masculino	Feminino
22) Mãe (vide ALCF – Questão 168; ALGR cap. B, III16 MRhSA 28.1; ALMA-H cap. 1 – IX - 165) <i>Come ciamé la persona che ve ga portá al mondo?</i> / Como você chama a pessoa que te gerou?	a) <i>mama</i> ( ) b) <i>mare</i> ( ) c) <i>madre</i> ( ) d) mãe ( )	a) <i>mama</i> ( ) b) <i>mare</i> ( ) c) <i>madre</i> ( ) d) mãe ( )

23) Pai (vide ALCF – Questão 167; ALGR cap. B, III- 15 MRhSA 52.4; ALMA-H cap. 1 – IX - 164) <i>Tutti noantri ghemo una mama e un? / Todos nós temos uma mãe e um?</i>	a) <i>pupá</i> ( ) b) <i>popà</i> ( ) c) <i>pare</i> ( ) d) <i>padre</i> ( ) e) <i>pai</i> ( )	a) <i>pupá</i> ( ) b) <i>popà</i> ( ) c) <i>pare</i> ( ) d) <i>padre</i> ( ) e) <i>pai</i> ( )
24) Pais (vide ALCF – Questão 166; ALMA-H cap. 1 – IX - 163) <i>E la mama e el pupà ze nostri? / E a mãe e o pai são nossos?</i>	a) <i>pari</i> ( ) b) <i>genitroi</i> ( ) c) <i>pais</i> ( )	a) <i>pari</i> ( ) b) <i>genitroi</i> ( ) c) <i>pais</i> ( )
25) Filha (vide ALCF – Questão 171; MRhSA 130.2; WS 09; ALMA-H cap. 1 – IX - 168) <i>Come la mama ciama na toseta che ela ga portà al mondo? / Como a mãe chama para uma menina que ela gerou?</i>	a) <i>fiola</i> ( ) b) <i>figlia</i> ( ) c) <i>filha</i> ( )	a) <i>fiola</i> ( ) b) <i>figlia</i> ( ) c) <i>filha</i> ( )
26) Filho (vide ALCF – Questão 172; MRhSA 164.1; ALMA-H cap. 1 – IX - 169) <i>Come la mama ciama a un tosatel che ela ga portá al mondo? / Como a mãe chama para um menino que ela gerou?</i>	a) <i>fiol</i> ( ) b) <i>figlio</i> ( ) c) <i>filho</i> ( )	a) <i>fiol</i> ( ) b) <i>figlio</i> ( ) c) <i>filho</i> ( )
27) Gêmeos (vide ALCF – Questão 173; ADDU 195; ALERS QSL 436; ALiB QSL 125; ALGR cap. B, III82 u. 83; ALMA-H cap. 1-IX - 170) <i>Come ciamemo quando la mama la ga metesto al mondo due bambini insieme? / Como se diz quando uma mãe dá a luz a dois filhos juntos?</i>	a) <i>gemèi</i> ( ) b) <i>gemelli</i> ( ) c) <i>gêmeos</i> ( )	a) <i>gemèi</i> ( ) b) <i>gemelli</i> ( ) c) <i>gêmeos</i> ( )
28) Irmão (vide ALCF – Questão 182 – adaptada; MRhSA 143.2; WS 33: Sg.; ALMA-H cap. 1-IX - 179) <i>I ze fioi del medésimo pupà: El tozsatel zelo cossa dea toseta? / São filhos do mesmo pai. O que o menino é da menina?</i>	a) <i>fradel</i> ( ) b) <i>fratello</i> ( ) c) <i>irmão</i> ( )	a) <i>fradel</i> ( ) b) <i>fratello</i> ( ) c) <i>irmão</i> ( )
29) Irmã (vide ALCF – Questão 183 – adaptada; MRhSA 127.1; WS 17: Sg.; ALMA-H cap. 1-IX - 180) <i>E che la toseta zela del tosatel? / E o que a menina é do menino?</i>	a) <i>sorela</i> ( ) b) <i>sorella</i> ( ) c) <i>irmã</i> ( )	a) <i>sorela</i> ( ) b) <i>sorella</i> ( ) c) <i>irmã</i> ( )
30) Avô (vide ALCF – Questão 192; ALMA-H cap. 1IX – 188; ADDU 211; ALGR cap. B, III-50-51; ALMA-H cap. 1-IX - 189) <i>El pupá de to mama ze to? / O pai de sua mãe é seu?</i>	a) <i>nono</i> ( ) b) <i>nonno</i> ( ) c) <i>avô</i> ( ) d) <i>vovô</i> ( )	a) <i>nono</i> ( ) b) <i>nonno</i> ( ) c) <i>avô</i> ( ) d) <i>vovô</i> ( )
31) Avó (vide ALCF – Questão 193; ADDU 212; ALGR cap. B, III-52-53; ALMA-H cap. 1-IX - 190) <i>La mama de to mama ze toa? / A mãe de sua mãe é sua/tua?</i>	a) <i>nona</i> ( ) b) <i>nonna</i> ( ) c) <i>avó</i> ( ) d) <i>vovó</i> ( )	a) <i>nona</i> ( ) b) <i>nonna</i> ( ) c) <i>avó</i> ( ) d) <i>vovó</i> ( )
32) Neto (vide ALCF – Questão 194; ALGR cap. B, III-54 bis 57; ALMA-H cap. 1-IX -	a) <i>nepoto</i> ( ) b) <i>nepote</i> ( )	a) <i>nepoto</i> ( ) b) <i>nepote</i> ( )

191) <i>Cossa ze o saria to fiol dei to genitori? / O que seu filho é ou seria de seus pais?</i>	c) neto ( )	c) neto ( )
33) Neta (vide ALCF – Questão 194; ALGR cap. B, III-54 bis 57; ALMA-H cap. 1-IX - 191) <i>Cossa ze o saria to fiola dei to genitori? / O que sua filha é ou seria de seus pais?</i>	a) <i>nepota</i> ( ) b) <i>nepote</i> ( ) c) neta ( )	a) <i>nepota</i> ( ) b) <i>nepote</i> ( ) c) neta ( )
34) Bisavô (vide ALCF – Questão 197; ALGR cap. B, III-54.1 u. 54.2; ALMA-H cap. 1-IX - 194) <i>El pupá de to noni el ze to? / O pai de seus avôs é seu/teu?</i>	a) <i>bisnono</i> ( ) b) <i>bisnonno</i> ( ) c) bisavô ( )	a) <i>bisnono</i> ( ) b) <i>bisnonno</i> ( ) c) bisavô ( )
35) Bisavó (vide ALCF – Questão 198; ALGR cap. B, III-54.3 u. 54.4; ALMA-H cap. 1-IX - 195) <i>La mama de to noni la ze toa? / A mãe de seus avós é sua/tua?</i>	a) <i>bisnona</i> ( ) b) <i>bisnonna</i> ( ) c) bisavó ( )	a) <i>bisnona</i> ( ) b) <i>bisnonna</i> ( ) c) bisavó ( )
36) Bisneto (vide ALCF – Questão 195 – adaptada; ALGR cap. B, III-57.1 u. 57.2; ALMA-H cap. 1-IX - 192) <i>Cossa ze o saria to fiol dei to noni? / O seu filho é ou seria o que de seus avós?</i>	a) <i>bisnepoto</i> ( ) b) <i>bisnepoti</i> ( ) c) bisneto ( )	a) <i>bisnepoto</i> ( ) b) <i>bisnepoti</i> ( ) c) bisneto ( )
37) Bisneta (vide ALCF – Questão 195 – adaptada; ALGR cap. B, III-57.1 u. 57.2; ALMA-H cap. 1-IX - 192) <i>Cossa ze o saria to fiola dei to noni? / A sua filha é ou seria o que de seus avós?</i>	a) <i>bisnepota</i> ( ) b) <i>bisnepoti</i> ( ) c) bisneta ( )	a) <i>bisnepota</i> ( ) b) <i>bisnepoti</i> ( ) c) bisneta ( )
38) Tio (vide ALCF – Questão 185; ALERS QFF 003; ALGR cap. B, III-75 bis 80; ALMA-H cap. 1-IX - 182) <i>El fradel del pupà ze to? / O irmão do seu pai é seu?</i>	a) <i>zio</i> ( ) b) tio ( )	a) <i>zio</i> ( ) b) tio ( )
39) Tia (vide ALCF – Questão 186; ALGR cap. B, III-81; ALMA-H cap. 1-IX - 183) <i>La sorela de tuo pupá ze toa? / A irmã do seu pai é sua?</i>	a) <i>zia</i> ( ) b) tia ( )	a) <i>zia</i> ( ) b) tia ( )
40) Sobrinho (vide ALCF – Questão 189; ALGR cap. B, III-62-63; ALMA-H cap. 1-IX - 186) <i>El fiol di tuo fradel ze to? / O que o filho do seu irmão é seu?</i>	a) <i>neodo</i> ( ) b) sobrinho ( )	a) <i>neodo</i> ( ) b) sobrinho ( )
41) Sobrinha (vide ALCF – Questão 190; ALGR cap. B, III-64-65; ALMA-H cap. 1-IX - 187) <i>La fiola di tuo fradel ze tua? / O que a filha do seu irmão é sua?</i>	a) <i>neoda</i> ( ) b) <i>nepote</i> ( ) c) sobrinha ( )	a) <i>neoda</i> ( ) b) <i>nepote</i> ( ) c) sobrinha ( )
42) Primo (vide ALCF – Questão 187; ALGR cap. B, III-67-68; ALMA-H cap. 1-IX - 184) <i>Il fiol di tuo zio zè to? / O filho do seu/teu tio é seu/teu?</i>	a) <i>cusin</i> ( ) b) <i>cugino</i> ( ) c) primo ( )	a) <i>cusin</i> ( ) b) <i>cugino</i> ( ) c) primo ( )

43) Prima (vide ALCF – Questão 188; ALGR cap. B, III-69-70; ALMA-H cap. 1-IX - 185) <i>La fiola di tuo zio zé toa? / A filha do seu tio é sua/tua?</i>	a) <i>cusina</i> ( ) b) <i>cugina</i> ( ) c) prima ( )	a) <i>cusina</i> ( ) b) <i>cugina</i> ( ) c) prima ( )
<b>PARENTESCO POR ALIANÇA</b>		
44) Marido (vide ALCF – Questão 162; MRhSA 142.3: Mann; WS 04: Mann; ALMA-H cap. 1-IX - 159) <i>Come la fémèna ciama par el omo con chi se ga maridà? / Como a mulher chama para o homem com quem se casou?</i>	a) <i>marí</i> ( ) b) <i>omo</i> ( ) c) <i>uomo</i> ( ) d) <i>sposo</i> ( ) e) marido ( )	a) <i>marí</i> ( ) b) <i>omo</i> ( ) c) <i>uomo</i> ( ) d) <i>sposo</i> ( ) e) marido ( )
45) Esposa (vide ALCF – Questão 164; MRhSA 125.4: Frau; WS 09: Frau; ALMA-H cap. 1-IX - 161) <i>Como el omo ciama par la fémèna con chi se ga maridà? / Como o homem chama para a mulher com quem se casou?</i>	a) <i>donna</i> ( ) b) <i>fémene</i> ( ) c) <i>sposa</i> ( ) d) mulher ( )	a) <i>donna</i> ( ) b) <i>fémene</i> ( ) c) <i>sposa</i> ( ) d) mulher ( )
46) Madrasta (vide ALCF – Questão 179; ALGR cap. B, III-30; ALiB QSL 134; ALMA-H cap. 1-IX - 176) <i>Un omo se ga spartio e se ga maridà con nantra fémèna. Cossa la ze del fiol de quelaltro matrimónio? / O marido casou com outra mulher. O que ela é dos filhos do marido?</i>	a) <i>maregna</i> ( ) b) <i>matrigna</i> ( ) c) madrasta ( )	a) <i>maregna</i> ( ) b) <i>matrigna</i> ( ) c) madrasta ( )
47) Padrasto (vide ALCF – Questão 178; ALGR cap. B, III-29; ALMA-H cap. 1-IX - 175) <i>Na dona se ga spartio e se ga maridà con nantra omo. Cossa zelo lo del fiol de quelaltro casamento? / A mulher casou com outro marido. O que ele é dos filhos da esposa?</i>	a) <i>paregno</i> ( ) b) <i>patrigno</i> ( ) c) padrasto ( )	a) <i>paregno</i> ( ) b) <i>patrigno</i> ( ) c) padrasto ( )
48) Enteado (vide ALCF – Questão 177; ADDU 210; MRhSA 163.2; ALMA-H cap. 1-IX - 174) <i>El fiol zelo che dea fémèna nova de so pupà? / O que o filho é da nova mulher do seu pai?</i>	a) <i>fiastro</i> ( ) b) <i>figliastro</i> ( ) c) <i>fiolastro</i> ( ) d) enteado ( )	a) <i>fiastro</i> ( ) b) <i>figliastro</i> ( ) c) <i>fiolastro</i> ( ) d) enteado ( )
49) Enteada (vide ALCF – Questão 177; ADDU 210; MRhSA 163.2; ALMA-H cap. 1-IX - 174) <i>La fiola zelo che del novo marido de so mama? / O que o filha é do novo marido da sua mãe?</i>	a) <i>fiastra</i> ( ) b) <i>figliastra</i> ( ) c) <i>fiolastra</i> ( ) d) enteada ( )	a) <i>fiastra</i> ( ) b) <i>figliastra</i> ( ) c) <i>fiolastra</i> ( ) d) enteada ( )
50) Sogro (vide ALCF – Questão 199; ALMA-H cap. 1-IX - 196) <i>Lo pupà del marì o de la sposa ze lo? / O pai do seu marido / sua esposa é seu?</i>	a) <i>missier</i> ( ) b) <i>sócero</i> ( ) c) <i>suocero</i> ( ) d) sogro ( )	a) <i>missier</i> ( ) b) <i>sócero</i> ( ) c) <i>suocero</i> ( ) d) sogro ( )
51) Sogra (vide ALCF – Questão 200; ALMA-H cap. 1-IX - 197) <i>La mama del marì o de la sposa ze la? / A mãe do seu marido / sua esposa é a?</i>	a) <i>sòcera</i> ( ) b) <i>suocera</i> ( ) c) sogra ( )	a) <i>sòcera</i> ( ) b) <i>suocera</i> ( ) c) sogra ( )

52) Cunhado (vide ALCF – Questão 204; ALGR cap. B, III-71-72; ALMA-H cap. 1-IX - 201) <i>El fradel del mari o de la sposa ze to? / O irmão do seu marido / da sua esposa é seu?</i>	a) <i>cugnà</i> ( ) b) <i>coniato</i> ( ) c) cunhado ( )	a) <i>cugnà</i> ( ) b) <i>coniato</i> ( ) c) cunhado ( )
53) Cunhada (vide ALCF – Questão 205; ALGR cap. B, III-73-74; ALMA-H cap. 1-IX - 202) <i>La sorela del mari o del sposa ze toa? / A irmã do seu marido/ da sua esposa é sua?</i>	a) <i>cugnada</i> ( ) b) <i>coniata</i> ( ) c) cunhada ( )	a) <i>cugnada</i> ( ) b) <i>coniata</i> ( ) c) cunhada ( )
54) Genro (vide ALCF – Questão 201; ALERS QFF 004; ALGR cap. B, III-58-59; ALMA-H cap. 1-IX - 198) <i>El mari zelo che dei genitori de so sposa ? / O marido é o que dos pais de sua mulher?</i>	a) <i>género</i> ( ) b) <i>genero</i> ( ) c) genro ( )	a) <i>género</i> ( ) b) <i>genero</i> ( ) c) genro ( )
55) Nora (vide ALCF – Questão 202; ALGR cap. B, III-60-61; ALMA-H cap. 1-IX - 199) <i>La sposa zelo che dei genitori de so mari? / A esposa é o que dos pais de seu marido?</i>	a) <i>niora</i> ( ) b) <i>nuora</i> ( ) c) nora ( )	a) <i>niora</i> ( ) b) <i>nuora</i> ( ) c) nora ( )
56) Pais e sogros entre eles (vide ALCF – Questão 203; ALMA-H cap. 1-IX - 200) <i>I genitori del omo e dela fémena zeli che tra de lori? / Os pais do marido e da mulher são o que entre eles?</i>	a) <i>consòceri</i> ( ) b) <i>consogri</i> ( ) c) <i>comissieri</i> ( ) d) consogros ( )	a) <i>consòceri</i> ( ) b) <i>consogri</i> ( ) c) <i>comissieri</i> ( ) d) consogros ( )
<b>PARENTESCO ESPIRITUAL</b>		
57) Padrinho (vide ALCF – Questão 206; ALGR cap. B, III-87-88; ALMA-H cap. 1-IX - 203) <i>Un omo scoiesto par i genitori de un bambin par el batésemo el ze? / Um homem escolhido pelos pais da criança para o batizado é o?</i>	a) <i>sántolo</i> ( ) b) <i>padrino</i> ( ) c) padrinho ( )	a) <i>sántolo</i> ( ) b) <i>padrino</i> ( ) c) padrinho ( )
58) Madrinha (vide ALCF – Questão 207; ALGR cap. B, III-89-90; ALMA-H cap. 1-IX - 204) <i>Na fémena scoiesta par i genitori de un bambin par el batésemo ze a? / Uma mulher escolhida pelos pais de uma criança para o batizado é a?</i>	a) <i>sántola</i> ( ) b) <i>madrina</i> ( ) d) madrinha ( )	a) <i>sántola</i> ( ) b) <i>madrina</i> ( ) d) madrinha ( )
59) Afilhado (vide ALCF – Questão 208; ALGR cap. B, III-31 u. 332; ALMA-H cap. 1-IX - 205) <i>Se un bambin ze un tosatel i santoli ciama de so? / Como os padrinhos chamam ao menino?</i>	a) <i>fiosso</i> ( ) b) <i>figliocco</i> ( ) c) afilhado ( )	a) <i>fiosso</i> ( ) b) <i>figliocco</i> ( ) c) afilhado ( )
60) Afilhada (vide ALCF – Questão 209; ALGR cap. B, III-32 u. 34; ALMA-H cap. 1-IX - 206) <i>Se ze na bambina, i santoli la ciama de so? / Como os padrinhos chamam a menina?</i>	a) <i>fiossa</i> ( ) b) <i>figliocca</i> ( ) c) afilhada ( )	a) <i>fiossa</i> ( ) b) <i>figliocca</i> ( ) c) afilhada ( )
61) Compadre (vide Horst, 2011) <i>Cossa zelo dei genitori, el omo scoiesto par batesar el bambin? / O pai e o padrinho da</i>	a) <i>compare</i> ( ) b) compadre ( )	a) <i>compare</i> ( ) b) compadre ( )

criança batizada são?		
62) Comadre (vide Horst, 2011) <i>Cossa zelo dei genitori, la dona scoiesta par batesar el so bambin?</i> / A mãe e a madrinha da criança batizada são?	a) <i>comare</i> ( ) b) comadre ( )	a) <i>comare</i> ( ) b) comadre ( )

## ANEXO 7

### QUESTIONÁRIO ATITUDES LINGUÍSTICAS

### QUESTIONÁRIO LEXICAL – TERMOS DE PARENTESCO ALEMÃO - *HUNSRUCKISCH*

\*Questionário do projeto Atlas das Línguas em Contato na Fronteira (KRUG, 2013), com adaptações ao idioma *Hunsrückisch*.

Serão anotadas para as respostas espontâneas (**E**); respostas por insistência (**I**); respostas por sugestão (**S**) e respostas inexistentes (**IN**):

PARENTESCO SANGUÍNEO	Masculino	Feminino
22) Mãe (vide ALCF – Questão 168; ALGR cap. B, III-16 MRhSA 28.1; ALMA-H cap. 1 – IX - 165) <i>Wie sacht/sogt ihr vo der Froo de eich uf die Welt getun hot, eich das Lewwe geb hot, eich gezog hot?</i> / Como você chama a pessoa que te gerou?	a) <i>Motter</i> ( ) b) <i>Mutti</i> ( ) c) <i>Mammai</i> ( ) d) <i>Mama</i> ( ) e) <i>Mai</i> ( ) f) <i>Maio</i> ( ) g) <i>Manhe</i> ( ) h) <i>Maie</i> ( ) i) mãe ( )	a) <i>Motter</i> ( ) b) <i>Mutti</i> ( ) c) <i>Mammai</i> ( ) d) <i>Mama</i> ( ) e) <i>Mai</i> ( ) f) <i>Maio</i> ( ) g) <i>Manhe</i> ( ) h) <i>Maie</i> ( ) i) mãe ( )
23) Pai (vide ALCF – Questão 167; ALGR cap. B, III- 15 MRhSA 52.4; ALMA-H cap. 1 – IX - 164) <i>Wie sacht/sogt ihr vo der Mann de eich uf die Welt getun hot, eich das Lewwe geb hot, eich gezog hot?</i> / Como você denomina o homem que lhe pos-sibilitou a vida, que lhe deu a vida, que lhe colocou no mundo, que lhe educou?  Todos nós temos uma mãe e um?	a) <i>Vater</i> ( ) b) <i>Vatti</i> ( ) c) <i>Pappai</i> ( ) d) <i>Papa</i> ( ) e) <i>Paio</i> ( ) f) pai ( )	a) <i>Vater</i> ( ) b) <i>Vatti</i> ( ) c) <i>Pappai</i> ( ) d) <i>Papa</i> ( ) e) <i>Paio</i> ( ) f) pai ( )
24) Pais (vide ALCF – Questão 166; ALMA-H cap. 1 – IX - 163) <i>Wie sacht/sogt ihr für die zweu Leit die dich uf die Welt gebrach hon/getun hon/eich das Lewwe geb hon, die dich gezogen hon?</i> / E a mãe e o pai são nossos?	a) <i>Eltre</i> ( ) b) pais ( )	a) <i>Eltre</i> ( ) b) pais ( )

<p>25) Filha (vide ALCF – Questão 171; MRhSA 130.2; WS 09; ALMA-H cap. 1 – IX - 168)  <i>Wie sacht/sogt der Mama/Mae/die Eltra uf sein Nenneche/Kind wens femenin ist/ een Froo ist? / Como a mãe chama para uma menina que ela gerou?</i></p>	<p>a) <i>Mede</i> ( )  b) <i>Mere</i> ( )  c) filha ( )</p>	<p>a) <i>Mede</i> ( )  b) <i>Mere</i> ( )  c) filha ( )</p>
<p>26) Filho (vide ALCF – Questão 172; MRhSA 164.1; ALMA-H cap. 1 – IX - 169)  <i>Wie sacht/sogt der Mama/Mae/die Eltra uf sein Nenneche/Kind wens maskulin ist/ een Mann ist? / Como a mãe chama para um menino que ela gerou?</i></p>	<p>a) <i>Jung</i> ( )  b) <i>Bub</i> ( )  c) filho ( )</p>	<p>a) <i>Jung</i> ( )  b) <i>Bub</i> ( )  c) filho ( )</p>
<p>27) Gêmeos (vide ALCF – Questão 173; ADDU 195; ALERS QSL 436; ALiB QSL 125; ALGR cap. B, III82 u. 83; ALMA-H cap. 1-IX - 170)  <i>Wenn zweu Kinner uf eenmol uf die Welt kommen/ gebohrt sind, wie sacht/sogt man uf die zwei mitsamme? / Como se diz quando uma mãe dá a luz a dois filhos juntos?</i></p>	<p>a) <i>Zwillinge</i> ( )  b) <i>Zwillings</i> ( )  c) gêmeos ( )</p>	<p>a) <i>Zwillinge</i> ( )  b) <i>Zwillings</i> ( )  c) gêmeos ( )</p>
<p>28) Irmãos (vide ALCF – Questão 182 – adaptada; MRhSA 143.2; WS 33: Sg.; ALMA-H cap. 1-IX - 179)  <i>Wie sacht/sogt ihr voo Männer alle beisamme, wo den selbigen Eltra hon, een Papa und een Mama hon? / São filhos do mesmo pai. O que os meninos são das meninas?</i></p>	<p>a) <i>Brieder</i> ( )  b) <i>Brierer</i> ( )  c) <i>Maninhos</i> ( )  d) irmãos ( )</p>	<p>a) <i>Brieder</i> ( )  b) <i>Brierer</i> ( )  c) <i>Maninhos</i> ( )  d) irmãos ( )</p>
<p>29) Irmã (vide ALCF – Questão 183 – adaptada; MRhSA 127.1; WS 17: Sg.; ALMA-H cap. 1-IX - 180)  <i>Wie sacht/sogt ihr voo die Froen und die Männer alle beisammen, wo die selbigen Eltra ho, een Papa und een Mama hon? / E o que as meninas são dos meninos?</i></p>	<p>a) <i>Schwestre</i> ( )  b) <i>Manas</i> ( )  c) irmãs ( )</p>	<p>a) <i>Schwestre</i> ( )  b) <i>Manas</i> ( )  c) irmãs ( )</p>
<p>30) Avô (vide ALCF – Questão 192; ALMA-H cap. 1-IX – 188; ADDU 211; ALGR cap. B, III-50-51; ALMA-H cap. 1-IX - 189)  <i>Was ist deen Papa sein Papa von eich? / O pai de sua mãe é seu?</i></p>	<p>a) <i>Großvater</i> ( )  b) <i>Opa</i> ( )  c) <i>Wowwe</i> ( )  d) <i>Wowwo</i> ( )  e) avô ( )</p>	<p>a) <i>Großvater</i> ( )  b) <i>Opa</i> ( )  c) <i>Wowwe</i> ( )  d) <i>Wowwo</i> ( )  e) avô ( )</p>
<p>31) Avó (vide ALCF – Questão 193; ADDU 212; ALGR cap. B, III-52-53; ALMA-H cap. 1-IX - 190)  <i>Was ist deen Papa sein Mama von eich? / A mãe de sua mãe é sua/tua?</i></p>	<p>a) <i>Großmutter</i> ( )  b) <i>Oma</i> ( )  c) <i>Wowwe</i> ( )  d) <i>Mutter</i> ( )  e) avó ( )</p>	<p>a) <i>Großmutter</i> ( )  b) <i>Oma</i> ( )  c) <i>Wowwe</i> ( )  d) <i>Mutter</i> ( )  e) avó ( )</p>
<p>32) Neto / Neta (vide ALCF – Questão 194; ALGR cap. B, III-54 bis 57; ALMA-H cap. 1-IX - 191)  <i>Was seid ihr von deiner Oma/Wowwe? Und deen Bruder oder Schwester? / O que seu filho é de seus pais?</i></p>	<p>a) <i>Enkelkind</i> ( )  b) <i>Enkelche</i> ( )  c) neto, neta ( )</p>	<p>a) <i>Enkelkind</i> ( )  b) <i>Enkelche</i> ( )  c) neto, neta ( )</p>

33) Bisavô (vide ALCF – Questão 197; ALGR cap. B, III-54.1 u. 54.2; ALMA-H cap. 1-IX - 194) <i>Wie sachen/sogen deen Kinner für dena Opa/Wowwo? / O pai de seus avôs é seu?</i>	a) <i>Ugroßvater</i> ( ) b) <i>Uropa</i> ( ) c) <i>Urwowwe</i> ( ) d) <i>Urwowwo</i> ( ) e) bisavô ( )	a) <i>Ugroßvater</i> ( ) b) <i>Uropa</i> ( ) c) <i>Urwowwe</i> ( ) d) <i>Urwowwo</i> ( ) e) bisavô ( )
34) Bisavó (vide ALCF – Questão 198; ALGR cap. B, III-54.3 u. 54.4; ALMA-H cap. 1-IX - 195) <i>Wie sachen/sogen deen Kinner für dena Oma/Wowwe? / A mãe de seus avós é sua/tua?</i>	a) <i>Ugroßmutter</i> ( ) b) <i>Uroma</i> ( ) c) <i>Urwowwe</i> ( ) d) bisavó ( )	a) <i>Ugroßmutter</i> ( ) b) <i>Uroma</i> ( ) c) <i>Urwowwe</i> ( ) d) bisavó ( )
35) Bisneto / Bisneta (vide ALCF – Questão 195 – adaptada; ALGR cap. B, III-57.1 u. 57.2; ALMA-H cap. 1-IX - 192) <i>Was sind deen Kinner voo dena Oma/Wowwe? / O seu filho é o que de seus avós?</i>	a) <i>Urenkelkind</i> ( ) b) <i>Urenkelche</i> ( ) c) bisneto / bisneta ( )	a) <i>Urenkelkind</i> ( ) b) <i>Urenkelche</i> ( ) c) bisneto / bisneta ( )
36) Tio (vide ALCF – Questão 185; ALERS QFF 003; ALGR cap. B, III-75 bis 80; ALMA-H cap. 1-IX - 182) <i>Wie sacht/sogt ihr voo der Papa oder der Mama sein Bruder? / O irmão do seu pai é seu?</i>	a) <i>Onkel</i> ( ) b) <i>Unkel</i> ( ) c) <i>Vetter</i> ( ) d) tio ( )	a) <i>Onkel</i> ( ) b) <i>Unkel</i> ( ) c) <i>Vetter</i> ( ) d) tio ( )
37) Tia (vide ALCF – Questão 186; ALGR cap. B, III-81; ALMA-H cap. 1-IX - 183) <i>Wie sacht/sogt man voo der Papa oder der Mama sein Schwester? / A irmã do seu pai é sua?</i>	a) <i>Tante</i> ( ) b) <i>Bas</i> ( ) c) <i>Boos</i> ( ) d) tia ( )	a) <i>Tante</i> ( ) b) <i>Bas</i> ( ) c) <i>Boos</i> ( ) d) tia ( )
38) Sobrinho (vide ALCF – Questão 189; ALGR cap. B, III-62-63; ALMA-H cap. 1-IX - 186) <i>Sohn des bruders oder der schwester zu uns? Was ist der Sohn Ihres Bruders oder Ihrer Schwester von Ihnen? / O que o filho do seu irmão é seu?</i>	a) <i>Sobrinhe</i> ( ) b) <i>Neffe</i> ( ) c) sobrinho ( )	a) <i>Sobrinhe</i> ( ) b) <i>Neffe</i> ( ) c) sobrinho ( )
39) Sobrinha (vide ALCF – Questão 190; ALGR cap. B, III-64-65; ALMA-H cap. 1-IX - 187) <i>Was ist das Mädchen von deen Bruder oder deen Schwester von eich? / O que a filha do seu irmão é sua?</i>	a) <i>Sobrinhe</i> ( ) b) <i>Nichte</i> ( ) c) sobrinha ( )	a) <i>Sobrinhe</i> ( ) b) <i>Nichte</i> ( ) c) sobrinha ( )
40) Primo (vide ALCF – Questão 187; ALGR cap. B, III-67-68; ALMA-H cap. 1-IX - 184) <i>Was ist der Jung von der von eich? / O filho do seu/teu tio é seu/teu?</i>	a) <i>Prime</i> ( ) b) <i>Cousin</i> ( ) c) primo ( )	a) <i>Prime</i> ( ) b) <i>Cousin</i> ( ) c) primo ( )
41) Prima (vide ALCF – Questão 188; ALGR cap. B, III-69-70; ALMA-H cap. 1-IX - 185) <i>Was ist das Mädchen von der von eich? / A filha do seu tio é sua/tua?</i>	a) <i>Prime</i> ( ) b) <i>Cousine</i> ( ) c) prima ( )	a) <i>Prime</i> ( ) b) <i>Cousine</i> ( ) c) prima ( )
<b>PARENTESCO POR ALIANÇA</b>		
42) Marido (vide ALCF – Questão 162; MRhSA 142.3: Mann; WS 04: Mann; ALMA-H cap. 1-IX - 159)	a) <i>Mann</i> ( ) b) marido ( )	a) <i>Mann</i> ( ) b) marido ( )

<p><i>Wie sagt die Frau vo de Mann vo sie geheitat hat? / Como a mulher se refere ao homem com quem se casou?</i></p>		
<p>43) Esposa (vide ALCF – Questão 164; MRhSA 125.4: Frau; WS 09: Frau; ALMA-H cap. 1-IX - 161) <i>Wie tut de Mann vo die Frau vo er geheirat hat sage? / Como o homem se refere a mulher com quem se casou?</i></p>	<p>a) <i>Frau</i> ( ) b) <i>Froo</i> ( ) c) esposa ( )</p>	<p>a) <i>Frau</i> ( ) b) <i>Froo</i> ( ) c) esposa ( )</p>
<p>44) Madrasta (vide ALCF – Questão 179; ALGR cap. B, III-30; ALiB QSL 134; ALMA-H cap. 1-IX - 176) <i>De Mann hat ne andere Frau geheirat. Was ist die von de Mann sein Kinne? / O marido casou com outra mulher. O que ela é dos filhos do marido?</i></p>	<p>a) <i>Stiefmutter</i> ( ) b) madrasta ( )</p>	<p>a) <i>Stiefmutter</i> ( ) b) madrasta ( )</p>
<p>45) Padrasto (vide ALCF – Questão 178; ALGR cap. B, III-29; ALMA-H cap. 1-IX - 175) <i>Die Frau hat ein andere Mann geheirat. Was is er vo die Frau sein Kinne? / A mulher casou com outro marido. O que ele é dos filhos da esposa?</i></p>	<p>a) <i>Stiefvater</i> ( ) b) padrasto ( )</p>	<p>a) <i>Stiefvater</i> ( ) b) padrasto ( )</p>
<p>46) Enteado(a) (vide ALCF – Questão 177; ADDU 210; MRhSA 163.2; ALMA-H cap. 1-IX – 174) <i>Was is das Kind (Pub ore Med) von de neue Mann von Eure Mama? / O que o filho/filha é do novo marido da sua mãe?</i></p>	<p>a) <i>Stiefkind</i> ( ) b) enteado ( )</p>	<p>a) <i>Stiefkind</i> ( ) b) enteado ( )</p>
<p>47) Sogro (vide ALCF – Questão 199; ALMA-H cap. 1-IX – 196) <i>Was is de Paba von dein Frau oder von Dein Man von Dich? / O pai da sua esposa/seu marido é seu?</i></p>	<p>a) <i>Schwiechervater</i> ( ) b) <i>Schwehchervater</i> ( ) c) sogro ( )</p>	<p>a) <i>Schwiechervater</i> ( ) b) <i>Schwehchervater</i> ( ) c) sogro ( )</p>
<p>48) Sogra (vide ALCF – Questão 200; ALMA-H cap. 1-IX – 197) <i>Was is die Mama von dein Mann oder die Mama von dein Frau von Dich? / A mãe do seu marido / sua esposa é a?</i></p>	<p>a) <i>Schwiechermutter</i> ( ) b) <i>Schwehchermutter</i> ( ) c) sogra ( )</p>	<p>a) <i>Schwiechermutter</i> ( ) b) <i>Schwehchermutter</i> ( ) c) sogra ( )</p>
<p>49) Cunhado (vide ALCF – Questão 204; ALGR cap. B, III-71-72; ALMA-H cap. 1-IX - 201) <i>Was is de Bruder von dein Mann oder Bruder von dein Frau von Dich? / O irmão do seu marido / da sua esposa é seu?</i></p>	<p>a) <i>Schwaacher</i> ( ) b) <i>Schwohcher</i> ( ) c) cunhado ( )</p>	<p>a) <i>Schwaacher</i> ( ) b) <i>Schwohcher</i> ( ) c) cunhado ( )</p>
<p>50) Cunhada (vide ALCF – Questão 205; ALGR cap. B, III-73-74; ALMA-H cap. 1-IX - 202) <i>Und was is die Schwester von dein Mann oder</i></p>	<p>a) <i>Schweecherin</i> ( ) b) cunhada ( )</p>	<p>a) <i>Schweecherin</i> ( ) b) cunhada ( )</p>

<i>die Schwester von dein Frau von Dich? / A irmã do seu marido/ da sua esposa é sua?</i>		
51) Genro (vide ALCF – Questão 201; ALERS QFF 004; ALGR cap. B, III-58-59; ALMA-H cap. 1-IX - 198) <i>Was is de Mann von die Eltre von Eure Frau? O marido é o que dos pais de sua mulher?</i>	a) <i>Tochtermann</i> ( ) b) <i>Doktermann</i> ( ) c) genro ( )	a) <i>Tochtermann</i> ( ) b) <i>Doktermann</i> ( ) c) genro ( )
52) Nora (vide ALCF – Questão 202; ALGR cap. B, III-60-61; ALMA-H cap. 1-IX - 199) <i>Was ist die Frau von die Schichereltre? / A esposa é o que dos sogros?</i>	a) <i>Schwiechertochter</i> ( ) b) nora ( )	a) <i>Schwiechertochter</i> ( ) b) nora ( )
53) Pais e sogros entre eles (vide ALCF – Questão 203; ALMA-H cap. 1-IX - 200) <i>Was sin die Eltre von de Mann und die Frau unner sich? / Os pais do marido e da mulher são o que entre eles?</i>	a) <i>Miteltern</i> ( ) b) <i>Mitvater</i> ( ) c) <i>Mitmutter</i> ( ) d) <i>Kumpater</i> ( ) e) <i>Kumpootre</i> ( ) f) <i>Gevatersleit</i> ( ) g) consogros ( ) h) compadres ( )	a) <i>Miteltern</i> ( ) b) <i>Mitvater</i> ( ) c) <i>Mitmutter</i> ( ) d) <i>Kumpater</i> ( ) e) <i>Kumpootre</i> ( ) f) <i>Gevatersleit</i> ( ) g) consogros ( ) h) compadres ( )
<b>PARENTESCO ESPIRITUAL</b>		
54) Padrinho (vide ALCF – Questão 206; ALGR cap. B, III-87-88; ALMA-H cap. 1-IX - 203) <i>Und in der Kerch wie ihr getof seid, woren deen Papa und deen Mama dot. Und wer wor noch dot vor der Poda/ Pfara? Der gebt eich Päckchen/hot eich Päckchen geb. Wie sacht/sogt ihr voo dem, der Mann?</i>  <i>Wie nennen Sie den Mann, der bei Ihnen und bei Ihren Eltern war, als sie getauft worden sind, der gibt oder hat Ihnen immer Geschenke gegeben?</i>  Um homem escolhido pelos pais da criança para o batizado é o?	a) <i>Patt</i> ( ) b) <i>Toofpatt</i> ( ) c) <i>Ferrempatt</i> ( ) d) padrinho ( )	a) <i>Patt</i> ( ) b) <i>Toofpatt</i> ( ) c) <i>Ferrempatt</i> ( ) d) padrinho ( )
55) Madrinha (vide ALCF – Questão 207; ALGR cap. B, III-89-90; ALMA-H cap. 1-IX - 204) <i>Und in der Kerch wie ihr getof seid, woren deen Papa und deen Mama dot. Und wer wor noch dot vor der Poda/ Pfara? Der gebt eich Päckchen/hot eich Päckchen geb. Wie sacht/sogt ihr voo dem, der Froom?</i>  <i>Wie nennen Sie die Frau, die bei Ihnen und bei Ihren Eltern war, als sie getauft worden sind, die gibt oder hat Ihnen immer Geschenke gegeben?</i>  Uma mulher escolhida pelos pais de uma criança para o batizado é a?	a) <i>Patin</i> ( ) b) <i>Goht</i> ( ) c) <i>Toofgoht</i> ( ) d) <i>Ferremgoht</i> ( ) e) madrinha ( )	a) <i>Patin</i> ( ) b) <i>Goht</i> ( ) c) <i>Toofgoht</i> ( ) d) <i>Ferremgoht</i> ( ) e) madrinha ( )

<p>56) Afilhado (vide ALCF – Questão 208; ALGR cap. B, III-31 u. 332; ALMA-H cap. 1-IX - 205)</p> <p><i>Was seid ihr voo eirer Patt und Goh?</i> / Como os padrinhos chamam ao menino?</p>	<p>a) <i>Pattche</i> ( )</p> <p>b) afilhado ( )</p>	<p>a) <i>Pattche</i> ( )</p> <p>b) afilhado ( )</p>
<p>57) Afilhada (vide ALCF – Questão 209; ALGR cap. B, III-32 u. 34; ALMA-H cap. 1-IX - 206)</p> <p><i>Was seid ihr voo eirer Patt und Goh?</i> / Como os padrinhos chamam a menina?</p>	<p>a) <i>Gohche</i> ( )</p> <p>b) afilhada ( )</p>	<p>a) <i>Gohche</i> ( )</p> <p>b) afilhada ( )</p>

## ANEXO 8

TABELA DOS RESULTADOS INDIVIDUAIS- TERMOS DE PARENTESCO  
POLONÊS <sup>44</sup>

Resposta espontânea (●) Resposta por insistência (◐) Sugestão aceita (◑) Sugestão não aceita (○)		NOVA ERECHIM/SC							
		CaGII		CaGI		CbGII		CbGI	
	Termos de parentesco	M	F	M	F	M	F	M	F
	<b>Sanguíneo</b>								
<b>22</b>	Matka	●	●	◑	◑	◑	◑	◑	
	Mama	◑	◑	◑	◑	●	●	◑	
	Mamucha	◑	◑	○	◑	○	○	◑	
	Mãe	●	●	●	●			●	
<b>23</b>	Ojciec	●	◑	○	○	◑	◑	○	
	Ojca	○	◑	◑	○	○	○	○	
	Tata	◑	○	○	◐	●	●	◑	
	<i>Tatuch</i>								
	<i>tatucho</i>								
	<i>pápai</i>								
	pai		●	●	●			●	
<b>24</b>	Rodzica	◑	○	○	○	◑	◑	○	
	<i>Rodzine/rodzina</i>								
	<i>Ojcowie</i>								
	Ojcie	○	○	○	○	●	●	○	
	Pais	●	●	●	●			●	
<b>25</b>	Córka	◑	◑	○	◑	●	●	○	
	<i>Córeczka</i>					●			
	<i>Córucha</i>								
	<i>dzieczka</i>								
	<i>dziwucha</i>		●						
	Filha	●	◐	●	●			●	
<b>26</b>	Syn	◑	◑	○	○	○	○	○	
	<i>Synek</i>					●	●		
	Filho		◑	●	●			●	
<b>27</b>	Bliźnięta	○	○	○	○	○	○	○	
	bliźniak / bliźniaki	◑	◑	○	○	●	●	○	
	Gêmeos	●	●	●	●			●	
<b>28</b>	Brat	●	○	○	○	●	●	○	
	Braciszek	○	○	◑	○	◑	◑	○	
	<i>Bratchak</i>						●		
	<i>Mano</i>			◐					
	Irmão	●	●	●	●			●	

<sup>44</sup> As variantes destacadas com realce em itálico foram mencionadas pelos informantes, mas não eram opções de resposta previstas pelo questionário original ALCF-OC.

29	Siostra	◐	○	○	◐	◐	◐	○	
	<i>siostrzytzka</i>						●		
	<i>Mana</i>			◐					
	Irmã		●	●	●			●	
30	Dziadek	●	◐	◐	◐	●	●	◐	
	Dziadzia	◐	○	○	◐	●	◐	◐	
	Avô/vovô		●	●	●			●	
	Nono	○	○	○	◐			◐	
31	Babka	●	◐	◐	◐	●	●	◐	
	Babcia	◐	◐	○	○	◐	◐	○	
	Babucha	◐	○	○	◐	●	●	◐	
	<i>Bathi</i>								
	Avó/vovó			●	●			●	
	Nona	○	○	○	◐			◐	
32	Wnuk	●	○	○	○	●	●	○	
	Wnuczek	◐	◐	◐	○	◐	◐	○	
	<i>Wnucho</i>								
	Neto		●	●	●			●	
33	Wnuczka	●	◐	○	◐	●	●	○	
	<i>wnucha</i>								
	Neta		●	●	●			●	
34	Pradziadek	○	○	○	◐	●	●	◐	
	Bisavô	●	●	●	●			●	
35	Prababka	●	○	○	◐	●	●	○	
	<i>Babcia</i>		●						
	Bisavó			●	●			●	
36	Prawnuk	○	○	◐	○	●	●	○	
	<i>prawnuczek</i>								
	Bisneto	●	●	●	●			●	
37	prawnuczka	●	○	◐	◐	●	●	○	
	Bisneta		●	●	●			●	
38	Wuj	○	○	○	○	○	○	○	
	Wujek	●	◐	◐	◐	◐	◐	○	
	Stryj/strya/ <i>stryak</i>	●	○	○	○	●	●	○	
	Tio		●	●	●			●	
39	Ciotka	◐	○	○	◐	●	●	○	
	Ciocia	◐	●	◐	○	●	●	○	
	stryjenka	●	○	○	○	◐	◐	○	
	Wujenka	●	○	○	○	◐	◐	○	
	Tia			●	●			●	
40	siostrzeniec	○	○	○	○	○	○	○	
	Bratanek	○	○	◐	○	○	○	○	
	<i>Syn brateczny</i>					◐	◐		
	Sobrinho	●	◐	●	●	●	●	●	
41	siostrzenica	○	○	○	○	○	○	○	
	bratanica	○	○	○	○	○	○	○	
	<i>Siostra brateczna</i>					●	●		



Espiritual									
56	chrzestny	◐	◐	○	◐	●	●	○	
	Ojciec chrzestny	○	○	○	○	○	○	○	
	protektor	○	○	○	◐	○	○	○	
	<i>dindo</i>			◐					
	padrinho	●	●	●	●			●	
57	chrzestna	◐	◐	◐	○	●	●	○	
	Matka chrzestna	○	○	○	○	○	○	○	
	protektorka	○	○	○	○	○	○	○	
	<i>dinda</i>			◐					
	madrinha	●	●	●	●			●	
58	chrześniak	◐	○	○	○	●	●	○	
	syn chrzestny	○	○	○	○	○	○	○	
	<i>chrześniaczek</i>						◐		
	Afilhado	●	●	●	●			●	
59	chrześniaczka	●	○	◐	◐	●	●	○	
	córka chrzestna	○	○	○	○	○	○	○	
	<i>chrzestnicza</i>								
	Afilhada		●	●	●			●	
60	kumoter	◐	◐	○	◐	●	●	◐	
	compadre	●	◐	●	●			●	
61	kumozka	●	●	○	◐	●	●	◐	
	comadre		●	●	●			●	

REFERÊNCIA: Dados do ALCF-OC, coletados por WEPIK (2017).

## ANEXO 9

TABELA DOS RESULTADOS INDIVIDUAIS - TERMOS DE PARENTESCO  
ITALIANO – *TALIAN*<sup>45</sup>

Resposta espontânea (●)		Resposta por insistência (◐)		Sugestão aceita (◐)		Sugestão não aceita (○)			
		CHAPECÓ/SC							
		CaGII		CaGI		CbGII		CbGI	
Termos de parentesco		M	F	M	F	M	F	M	F
<b>Sanguíneo</b>									
22	mama	●	●	●	●	●	●	●	●
	mare	◐	◐	◐	◐			◐	◐
	madre	◐	◐	◐	◐			○	○
	mãe								

<sup>45</sup> As variantes destacadas com realce em itálico foram mencionadas pelos informantes, mas não eram opções de resposta previstas pelo questionário original ALCF-OC.

23	pupá	◐	◐	○	○	●	●	○	○
	popà	●	●	○				○	○
	pare	◐	◐	●	●			●	●
	padre	●	●	◐	●			○	○
	pai								
24	pari	○	○	◐	○			○	○
	genitori	●	●	◐	○	●	●	○	○
	pais							●	●
25	fiola	●	●	◐	◐			●	●
	figlia	◐	●	○	●			○	○
	tosa								
	bambina					●	●		
	nena			●					
	filha				●				
26	fiol	●	●	◐	●	◐	◐	◐	◐
	fioi				●			●	●
	figlio	●	●	○	●			○	○
	toseto	●	●						
	bambino					●	●		
	toseto			●					
	nenò			●					
	filho								
27	gemèi	◐	◐	◐	○	●	●	●	●
	gemelli	●	●	◐	○	○	○	○	○
	gêmeos			●	●				
28	fradel	●	●	◐	◐	●	●	●	●
	fratello	●	●	◐	○	○	○	○	○
	mano			●					
	irmão				●				
29	sorela	●	●	◐	◐	●	●	●	●
	fradela							●	●
	mana			●					
	irmã				●				
30	nono	●	●	●	◐	●	●	●	●
	avô / vô	◐	◐		●				
31	nona	●	●	●	●	●	●	●	●
	avó / vó	●	●		●				
32	nepoto			◐	○	○	○	○	○
	nepote	◐	◐	◐	○			○	○
	neto	●	●	●	●	●	●	●	●
33	nepota	◐	◐	◐	○			○	○
	neta			●	●	●	●	●	●
34	bisnono	●	●	◐	◐	●	●	◐	◐
	bisnoni							●	●
	bisavô			●	●				
35	bisnona	●	●	●	●	●	●	●	●
	bisavó				●				
36	bisnepoto	○	○	◐	○			○	○
	bisnepoti	○	○	◐	○	○	○	○	○



	sogra			●	●	●	●	●	●
52	cugnà			○	○	●	●	●	●
	coniato	●	●	◐	○	◐	◐	○	○
	cunhado			●	●				
53	cugnada			○	○			○	○
	coniata	●	●	◐	○	◐	◐	○	○
	cunhada			●	●	●	●	●	●
54	género			◐	○			○	○
	genero	●	●	◐	○	●	●		
	genro			●	●			●	●
55	niora	○	○	○	○	○	○	○	○
	nuora	○	○	◐	○	○	○	○	○
	nora	●	●	●	●	●	●	●	●
56	consòceri	◐	○						
	consogri	○	○						
	comissieri								
	consogros	○	○	○	○	○	○	○	○
	<b>Espiritual</b>								
57	sántolo	○	○	◐	○	●	●	○	○
	padrino			◐		○	○	○	○
	padrinho	●	●	●	●			●	●
58	sántola	○	○	○	○	●	●	◐	◐
	madrina			◐		○	○	○	○
	madrinha	●	●	●	●			●	●
59	fiosso	◐	◐	○	○	●	●	◐	◐
	afilhado	●	●	●	●			●	●
60	fiossa	◐	◐	○	○	●	●	●	●
	afilhada	●	●	●	●				
61	compare	●	●	◐	◐	●	●	◐	◐
	compadre			●	●			●	●
62	comare	●	●	◐	◐	●	●	◐	◐
	comadre			●	●			●	●

REFERÊNCIA: Dados do ALCF-OC, coletados por HASSELSTRON (2018).

## ANEXO 10

TABELA DOS RESULTADOS INDIVIDUAIS - TERMOS DE PARENTESCO  
ALEMÃO – HUNSRÜCKISCH<sup>46</sup>

Resposta espontânea (●) Resposta por insistência (◐) Sugestão aceita (◑) Sugestão não aceita (○) Sem resposta (I)									
SÃO CARLOS/SC									
		CaGII		CaGI		CbGII		CbGI	
	Termos de parentesco	M	F	M	F	M	F	M	F
<b>Sanguíneo</b>									
<b>22</b>	Motter	●		◐			●	I	●
	Mutti	●		○	○		◑	I	○
	Mammai	○	○				◑	I	◑
	Mama		●	●	●		●	I	●
	Mai			◑	◑			I	
	Maio	○	○			◑	◑	I	○
	Manhe	◐	◐	◑	◑	●	●	I	●
	Maie		●					I	○
	Alt	○	○		◑	◑	◑	I	●
	mãe		●			●	●	I	●
<b>23</b>	Vater	●			●	◐	◐	◐	◐
	Vatti	◐		○	○	○	○	I	○
	Pappai	○	○	○	○	◑	◑	I	◑
	Papa		●		●	●		I	●
	Paio	◑		◑	◑	◑	◑	I	◑
	Alt	○	○	○	○	◑	◑	◐	◐
	pai		◑		◐	◑	◑	I	◑
<b>24</b>	Eltre	◐			◑	●		I	◑
	Eltern	●	●					I	
	Alt	○	○	◑	◑	◑	◑	I	◑
	<i>Papara</i>			●	●			I	●
	país							I	
<b>25</b>	Mede	○	○				◑	I	◑
	Mere			○	○			I	◑
	<i>Mädchen</i>	●	●	●			●	I	●
	<i>Stritzchen</i>				●			I	
	filha							I	
<b>26</b>	Jung	●		◐	◐			I	◑
	<i>Jungchen</i>			◐				I	
	Bub			●		●	●	I	◑
	<i>Bübchen</i>	◐	◐	●	●	●	●	I	◐
	guri	●	●	●	●			I	◐

<sup>46</sup> As variantes destacadas com realce em itálico foram mencionadas pelos informantes, mas não eram opções de resposta previstas pelo questionário original ALCF-OC.

	<i>Gurichen</i>				●	●	●	I	●
	filho							I	
27	Zwillinge	●	●	●	●			I	●
	Zwillings						●	I	
	gêmeos							I	
28	Brieder	●	●		●	●		I	●
	Brierer							I	
	<i>Geschwister</i>			●		●		I	◐
	Maninho	◐	◐		◐	◐		I	◐
	mano				◐	◐		I	◐
	irmão							I	
29	Schwestre	●	●	●		-	-	I	●
	mana	◐	◐		◐	-	-	I	◐
	irmã					-	-	I	
30	Großvater		●	●		◐	◐	I	◐
	Opa	●		○	○	○	○	I	○
	Wowwe		◐	◐	◐			I	
	Wowwo	○	○			●	●	I	●
	Vater	○	○	◐	◐	◐	◐	I	
	<i>Großeltre</i>	●				◐	◐	I	○
	<i>Großwowwo</i>						◐	I	
	vovô		●			◐	◐	I	◐
	avô							I	◐
31	Großmutter		●	●		◐	◐	I	◐
	Oma	●		○	○	○	○	I	○
	Wowwe			◐	◐	●	●	I	◐
	Motter	○	◐	◐	◐	◐	◐	I	●
	Mama	●						I	
	<i>Wowwora</i>			●				I	
	vovó					◐	◐	I	◐
	avó							I	◐
32	Enkelkind	●	◐	◐	◐	◐	◐	I	○
	Enkelche		●	◐	◐			I	◐
	<i>Kindchen</i>		●					I	
	neto, neta			●		●	●	I	●
33	Urgroßvater	●		●		◐	◐	I	
	<i>Urvater</i>							I	◐
	Uropa		◐	○	○	○	○	I	○
	Urwowwe					◐	◐	I	
	Urwowwo		●				●	●	●
	biso		◐	◐	◐	◐	◐	I	◐
	bisavô					●		I	●
34	Urgroßmutter	●				◐	◐	I	
	Uroma		◐	○	○	○	○	I	○
	<i>Urmotter</i>		●					I	◐
	Urwowwe							I	◐
	bisavó		◐	◐	◐	◐	◐	I	◐
35	Urenkelkind	●		-	-			I	
	Urenkelche	◐	◐	-	-	○	○	I	○



	genro			●	●	●	●	I	●
52	Schwiechertochter	◐	◐	◐			◐	I	○
	nora	◐	◐		●	●	●	I	●
53	Miteltern	◐	◐	○	○			I	◐
	Mitvater	●	●	○	○	●	●	I	●
	Mitmutter	◐	◐	○	○	◐	◐	I	●
	Kumpater	○	○	○	○	◐	◐	I	◐
	Kumpootre	●	●	○	○	◐	◐	I	
	<i>Mitleit</i>					●		I	
	Gevatersleit						◐	I	◐
	<i>Schwichereltre</i>				◐			I	
	consogros			○	○			I	
	<i>entresogros</i>							I	◐
	compadres			◐	◐			I	◐
	<b>Espiritual</b>								
54	Patt				●		●	I	●
	Pate	●	●					I	
	Toofpatt	◐	◐	○	◐	◐		I	
	Ferrepatt	◐	◐	◐	◐	◐		I	
	<i>Krismaatt</i>		◐					I	
	padrinho							I	
55	Patin							I	
	Goht	●			●		●	I	●
	Toofgoht			○	◐			I	◐
	Ferremgoht			◐	◐			I	◐
	madrinha							I	
56	Pattche	●	●		●	●	●	I	◐
	afilhado					●	●	I	
57	Gohtche	●	●		●	●	●	I	●
	afilhada							I	
	Patinkind							I	◐

REFERÊNCIA: Dados do ALMA-H, coletados por HORST (2007).